

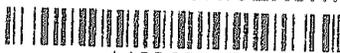
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA – POSLIN  
LINHA C: ESTUDO DA ESTRUTURA GRAMATICAL DA LINGUAGEM

*ORDEM DE CONSTITUINTES E MOVIMENTO EM TEMBÉ:  
MINIMALISMO E ANTI-SIMETRIA.*

Fábio Bonfim Duarte

ins. 03/04/06

U.F.M.G. - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA



149868385

NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA

ORIENTADORA: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Jânia Martins Ramos

Belo Horizonte, 02 de Junho de 2003

LIVRO DE CONSULTA

Fábio Bonfim Duarte

493.3

D3120

2003

F

*ORDEM DE CONSTITUINTES E MOVIMENTO EM TEMBÉ:  
MINIMALISMO E ANTI-SIMETRIA.*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Lingüística.

Área de concentração: Lingüística

Linha de pesquisa: Estudo da Estrutura Gramatical da Linguagem.

Orientadora: Jânia Martins Ramos

BELO HORIZONTE

2003

LIVRO DE CONSULTA

0353 - 86960

Faculdade de Letras

BIBLIOTECA UNIVERSITARIA

04/08/03

1498600-05

SELO HORIZONTE

Tese aprovada em 02/06/2003 pela Banca Examinadora constituída  
pelos Professores Doutores:



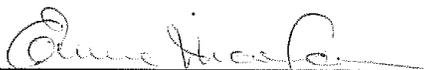
---

Jânia Martins Ramos - UFMG  
Orientadora



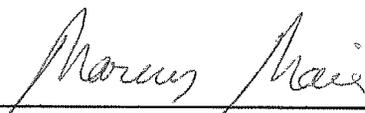
---

Heloisia Maria Moreira Lima de Almeida Salles - UnB



---

Eunice Maria das Dores Nicolau - UFMG



---

Marcus Antônio Rezende Maia - UFRJ



---

Lorenzo Teixeira Vitral - UFMG

*Agradecimentos,*

*À minha orientadora, pelo incentivo, pelas incansáveis interlocuções sem as quais a análise não teria progredido, pelas importantes discussões e pelas aulas a mim ministradas, que em muito enriqueceram a minha formação acadêmica.*

*Aos professores Marcus Maia, da UFRJ, e Heloisa Salles, da UnB, pelas importantes sugestões e críticas feitas a este trabalho, durante o exame de qualificação.*

*Aos professores Ana Suelly e Aryon Rodrigues, da UnB, pelo apoio logístico durante o trabalho a campo realizado em Belém e pela ajuda no levantamento de parte do material bibliográfico sobre a língua Tembé.*

*Aos professores Acrísio Pires, Cilene Rodrigues e Jairo Nunes pelas sugestões de hipóteses teóricas e pelo material bibliográfico.*

*Aos meus informantes, Purutu Tembé e Txinaʔi Tembé, sem os quais esta pesquisa não teria sido possível. E a todos os índios Tembé que direta ou indiretamente me apoiaram durante o período em que permaneci nas aldeias do Rio Gurupi.*

*Ao Conselho de Apoio à Pesquisa (CAPES) pela bolsa de capacitação docente e ao Departamento de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora pela licença a mim concedida, durante o último ano do curso de doutorado.*

*A todos os meus professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da UFMG.*

*Aos meus colegas da Pós-Graduação que comigo partilharam os momentos difíceis de maneira solidária e fraterna.*

*Ao Francisco Potiguara, da FUNAI de Belém, por ter viabilizado o meu primeiro contato com os índios Tembé do Rio Gurupi.*

*A todos os meus familiares e amigos.*

## SUMÁRIO

|  | páginas |
|--|---------|
| ABREVIATURAS UTILIZADAS  | vi      |
| RESUMO   | vii     |
| ABSTRACT   | viii    |
| INTRODUÇÃO   | 1       |
| CAPÍTULO 1 QUADRO TEÓRICO                                      | 4       |
| 1.1. O modelo gramatical                                       | 4       |
| 1.2. Verificação e interpretabilidade de traços formais        | 9       |
| 1.3. Condições de economia                                     | 12      |
| 1.4. LCA e a hipótese de base universal                        | 16      |
| 1.5. Hipótese do IP cindido                                    | 20      |
| CAPÍTULO 2 ASPECTOS GRAMATICAIS DA LÍNGUA TEMBÉ                | 27      |
| 2.1. Considerações sobre a fonologia e a ortografia tembé      | 28      |
| 2.1.1. Fonemas vocálicos                                       | 30      |
| 2.1.2. Quadro geral dos fonemas da língua Tembé                | 30      |
| 2.1.3. Ortografia usada  | 31      |
| 2.2. O sintagma nominal  | 32      |
| 2.3. A posposição  | 39      |
| 2.4. Morfossintaxe do verbo                                    | 41      |
| 2.5. Ordem dos constituintes nas orações independentes         | 48      |
| 2.5.1. Posição dos advérbios temporais                         | 51      |
| 2.6. Ordem dos constituintes nas orações subordinadas          | 54      |
| 2.7. Orações interrogativas                                    | 56      |
| 2.8. Resumo do capítulo  | 61      |
| CAPÍTULO 3 A POSIÇÃO DO VERBO E DE SEUS ARGUMENTOS             | 62      |
| 3.1. Movimento do verbo finito para 1 <sup>o</sup>             | 63      |
| 3.2. Posição do sujeito  | 69      |
| 3.3. Posição do objeto   | 75      |
| 3.4. Resumo do capítulo  | 80      |
| CAPÍTULO 4 ESTRUTURA DO IP NA LÍNGUA TEMBÉ                     | 82      |
| 4.1. Derivação das orações VSO                                 | 84      |
| 4.2. Natureza de AgrSP em Tembé                                | 88      |
| 4.3. Ordem de AgrSP e TP                                       | 92      |
| 4.4. Ordem de AgrSP e TP em Tembé                              | 96      |
| 4.4.1. Posição de kwehe no IP                                  | 98      |
| 4.4.2. Estatuto sintático dos sufixos [-rə̃m], [-tar] e [-wer] | 102     |
| 4.5. Atribuição de caso nominativo                             | 106     |
| 4.6. Resumo do capítulo  | 109     |
| CAPÍTULO 5 ESTATUTO SINTÁTICO DOS AUXILIARES NA LÍNGUA TEMBÉ   | 110     |
| 5.1. Apresentação dos dados                                    | 112     |
| 5.2. Proposta de Maia et alli (1998, 1999)                     | 117     |
| 5.3. Derivação das orações SVOAux e VSOAux na língua Tembé     | 121     |
| 5.3.1. Proposta de Svenonius (2000)                            | 123     |
| 5.3.2. Proposta de Haegeman (2000)                             | 125     |

|  |     |
|--|-----|
| 5.3.3. Excorporação de AgrPs e derivação das CTAS no Tembé           | 127 |
| 5.4. Resumo do capítulo  | 134 |
| <b>CAPÍTULO 6 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PERIFERIA ESQUERDA DA ORAÇÃO</b> | 136 |
| 6.1. Evidências do movimento do verbo para C em Tembé                | 138 |
| 6.2 Movimento do verbo para o Subsistema ForceP e FinP               | 143 |
| 6.3 Manifestação de TopP   | 147 |
| 6.4 Construções de foco de objeto                                    | 151 |
| 6.5. Propriedades morfossintáticas dos complementizadores pə e mehe  | 158 |
| 6.5.1. Razões do movimento de IP →Spec-ForceP                        | 163 |
| 6.6. Resumo do capítulo  | 166 |
| <b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>                                       | 168 |
| <b>REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA</b>                                      | 174 |
| <b>APÊNDICE: CONSIDERAÇÕES SOBRE O POVO E A LÍNGUA</b>               | 181 |
| O tronco tupi e a família lingüística tupi-guarani                   | 189 |

## ABREVIATURAS UTILIZADAS

|           |  |
|-----------|--|
| ACC       | caso acusativo   |
| AP        | apelo do falante cujo morfema depende do sexo  |
| ARG       | sufixo que ocorre nos NPs na função de sujeito e de objeto   |
| AUX       | verbo auxiliar   |
| C         | prefixo que marca a adjacência do complemento da posposição; do objeto do verbo transitivo; do possuidor nos sintagmas genitivos e do sujeito do verbo intransitivo nas orações subordinadas com os complementizadores <i>pə</i> e <i>mehe</i> .     |
| CAUS      | sufixo causativo   |
| COL       | sufixo que indica coletivo/plural nos nomes  |
| COMP      | complementizador   |
| COR       | sufixo correferencial {w- ~ o- ~ u-}   |
| CTA       | construções transitivas com auxiliares   |
| DAT       | dativo   |
| DESL      | sufixo verbal que indica que um constituinte do predicado foi deslocado para uma posição A-barrá   |
| DISC      | marcador discursivo  |
| DPASS     | passado distante   |
| DUB       | dubitativo   |
| FOC       | núcleo do sintagma de foco   |
| FUT       | futuro   |
| G         | prefixo usado nos contextos em que o nome é inalienável  |
| GER       | gerúndio   |
| INTER     | interrogativo  |
| INTS      | intensificador   |
| IPASS     | passado recente/imediato   |
| LF        | forma lógica (logical form)  |
| MLC       | condição de elo mínimo (minimal link condition)  |
| NC        | prefixo que marca a não-adjacência do complemento da posposição; do objeto do verbo transitivo; do possuidor nos sintagmas genitivos e do sujeito do verbo intransitivo nas orações subordinadas com os complementizadores <i>pə</i> e <i>mehe</i> . |
| NOM       | caso nominativo  |
| NOML      | sufixo de nominalização  |
| PART      | partícula sem um significado preciso   |
| PASS/PAST | afixo que indica tempo pretérito   |
| PRED      | traço que certas categorias funcionais carregam e que é satisfeito por meio da elevação de um XP, contendo o verbo (i.e., o predicado)   |
| PROG      | aspecto progressivo  |
| PSP       | posposição   |
| PL        | mãrcador de plural que indica mais de um participante envolvido no evento  |
| RELT      | partícula relativizadora <i>maʔe</i>   |

## RESUMO

Esta tese analisa a estrutura das orações independentes e subordinadas da língua Tembé. Nas orações principais, a ordem predominante é VSO, enquanto, nas orações subordinadas, a ordem é rígida: [[OV] COMP]]. Tomando por base o pressuposto de que a ordem inicial em todas as línguas é SVO, AUX-SVO e C-AUX-SVO e a teoria de verificação, tivemos por objetivo explicar as razões que engatilham o movimento de constituintes para fora do VP e averiguar se a estrutura do IP não expandido é suficiente para derivar as sentenças VSO do Tembé. Tomando por base a distribuição sintática de advérbios de VP, do dêitico *aʔe*, do quantificador *wə* e da ocorrência de prefixos acusativos no verbo, foi-nos possível verificar que não só o verbo mas também o sujeito e o objeto se movem para posições funcionais acima do VP. Assim sendo, para derivar essas orações, estipulamos que o sujeito é elevado para SpecTP para verificar o traço EPP de TP, passando antes por Spec-AgrSP, para verificar o seu traço de Caso. Averiguamos também que o objeto sobe para Spec-AgrOP, para verificar o Caso acusativo. Com base nessas evidências empíricas, verificamos que a hipótese do IP não expandido é insuficiente para derivar as orações VSO do Tembé. Além disto, observamos que a ordem VSO é alcançada quando da elevação adicional do verbo para o sistema ForceP/FinP. Tomando por base a posição do auxiliar em relação ao IP e ao VP, propusemos derivar a ordem VSO-Aux por meio da elevação do IP para Spec-AuxP. Nossa hipótese é que o Aux carrega um traço ininterpretável [PRED], o qual atrai para Spec de AuxP uma categoria marcada pelos traços [-N, +PRED]. Sugerimos que esta categoria corresponde ao IP, visto que este contém o predicado. Mostramos evidências de que o VP não é elevado junto com o IP para Spec-AuxP porque, quando o IP se move, advérbios de VP, o dêitico *aʔe* e o quantificador *wə* podem ficar retidos *in situ*. Propusemos ainda que os traços- $\phi$  do verbo lexical são verificados quando da elevação do sujeito para Spec-AgrSP e os do verbo auxiliar, no momento em que o IP é elevado para Spec-AuxP. Já a ordem rígida, [[OV] COMP]], das orações encaixadas, é derivada por meio da elevação do IP para Spec-ForceP. Nossa hipótese é a de que Force<sup>o</sup>, assim como Aux<sup>o</sup>, também carrega o traço [PRED], o que explica a razão pela qual o IP ocorre à esquerda de ForceP. Por fim, concluímos que o Tembé é uma língua que partilha traços gramaticais de outras línguas VSO, como o Irlandês, o Árabe, o Berber e o Niuean, dentre outras. As duas primeiras, assim como o Tembé, apresentam a estrutura do IP, com TP dominando AgrSP. Já, no Niuean, o núcleo I<sup>o</sup> também carrega o traço ininterpretável [PRED], o qual engatilha o movimento residual de VP para Spec-IP.

## ABSTRACT

This thesis focuses on the structure of the independent and subordinate clauses of the Temb  language. In the independent clauses, the order is VSO, whereas, in the subordinate clauses, the order of the constituents is rigid, occurring [[OV] COMP]]. Taking in consideration the theoretical assumption that the order in which the clausal constituents are generated is SVO, AUX-SVO and C-AUX-SVO in all languages and the checking theory, we aimed to explain the reasons that trigger the movement of the constituent out of the VP and also to verify if the single IP can derive the order of the VSO independent sentences. Basing on the syntactic distribution of the VP adverbs, the deictic *a?e*, the float quantifier *w * and the accusative prefixes on the verb, we note that not only the verb but also the subject and the object move to functional positions above the VP. Thus, to derive the VSO sentences, we postulate that the subject, before landing to Spec-TP for checking the EPP of TP, is raised first to Spec-AgrSP to receive the nominative Case.. We also propose that the object moves to Spec-AgrOP to have its accusative Case checked. According to these empirical evidences, we concluded that the single IP can not derive the VSO clauses. Besides, we noted that the VSO order is derived by additional movement of the verb to the ForceP/FinP system. Taking in consideration the relative position of the auxiliary in relation either to IP or to VP, we proposed to derive the VSO-Aux order by the movement of the IP to Spec-AuxP. Our hypothesis is that the Aux carries an uninterpretable feature, called [PRED], which attracts the IP to Spec-AuxP. The VP is not raised together with the IP to Spec-AuxP, because, when the IP is moved, the VP adverbs, the deictic *a?e* and the float quantifier *w * remain *in situ*. The  $\phi$ -features of the lexical verbs are checked when the subject moves to Spec-AgrSP. The  $\phi$ -features of the auxiliaries are checked when the IP is raised to Spec-AuxP. The analysis also showed that the rigid order, [[OV] COMP]], is achieved by the movement of the IP to Spec-ForceP. Our hypothesis is that the head Force<sup>o</sup>, as well as the head Aux<sup>o</sup>, also carries the [PRED] features. This explains why the IP appears to the left of the ForceP. We concluded that the Temb  is a language which shares grammatical properties with other VSO languages, such as Irish, Arabic, Berber and the Niuean. Both of Irish and Arabic, like the Temb  language, present TP c-commanding AgrSP. In Niuean, the head I<sup>o</sup> is marked by the uninterpretable feature [PRED], which triggers the remnant movement of the VP to Spec-IP.

## INTRODUÇÃO

---

Nesta tese, apresentamos um estudo sobre a estrutura da oração na língua Tembé, cujo foco de atenção recai principalmente na ordem dos constituintes principais das orações principais e subordinadas, sob a perspectiva da Gramática Gerativa, em que tomamos como pressupostos básicos os apresentados no programa minimalista [cf. Chomsky, 1995, 1998, 1999; Kayne, 1994; Ouhalla, 1994; Vikner, 1994, Zwart (1997); Haegeman, 1997; 2000; Svenonious, 2000; McCloskey, 1997, 2000, dentre outros].

Um dos problemas que a Língua Tembé apresenta para a análise é como explicar a linearização das orações com a ordem VSO, tendo em vista a hipótese de c-comando anti-simétrico adotada no programa minimalista que estipula que a ordem básica em todas as línguas é SVO. Durante nossa análise, estaremos assumindo que, em Tembé, VSO é a ordem neutra nas orações independentes, o que significa que a ocorrência do verbo em posição inicial não se deve a exigências de focalização, já que esse expediente gramatical, quando ocorre na sentença, aciona mudança na ordem sintática, ordem OSV, e na entoação prosódica.

Organizamos os capítulos do seguinte modo. Inicialmente, retomamos alguns dos conceitos teóricos do programa minimalista que consideramos ser mais relevantes para a análise lingüística a ser desenvolvida particularmente nos capítulos 3 a 6, tais como o c-comando assimétrico, a distinção entre interpretabilidade e

ininterpretabilidade de traços formais, as condições de economia como PROCRASTINAR e GREED e a hipótese do IP cindido, dentre outros.

No capítulo 2, apresentamos um esboço de gramática da língua Tembé com ênfase na estrutura dos sintagmas nominais, na morfologia verbal e na ordem dos constituintes principais das orações principais e subordinadas.

Nos capítulos 3 a 6, discutimos a ordem dos constituintes. No capítulo 3, estando cientes da polêmica referente à proliferação das categorias funcionais, no âmbito do programa minimalista, adotamos a estrutura do IP não expandido e testamos sua adequação aos dados da língua Tembé. O objetivo é fornecer evidências empíricas de que a ordem VSO é alcançada por meio do movimento do verbo e de seus constituintes para fora do VP. Nossa análise baseia-se na sintaxe de quantificadores orientados para o sujeito, advérbios de VP, na concordância sujeito-verbo e nas marcas de objeto no verbo.

No capítulo 4, nosso foco de atenção é a estrutura do IP. Com base nas evidências empíricas levantadas no capítulo 3, adotamos a proposta do IP expandido para explicar a derivação das sentenças SVO e VSO. Levamos em consideração o comportamento de advérbios temporais e da posição de sufixos modo-temporais em relação aos prefixos Agro, Agrs e Neg1 e defendemos a hipótese de que TP domina AgrSP no IP expandido. Observamos ainda que essa hierarquia coincide com a de outras línguas que também apresentam a ordem VSO, tais como o Árabe e o Irlandês.

No capítulo 5, concentramo-nos na análise das construções transitivas com auxiliar, doravante CTAs, e buscamos mostrar que os auxiliares em Tembé sempre vêm à direita do verbo lexical, ordem V-Aux. Assumindo a hipótese anti-simétrica de que a ordem inicial é Aux-V, levantamos a possibilidade de a estrutura [V-Aux] ser alcançada por meio do movimento do verbo, do sujeito e do objeto para posições funcionais no IP expandido, combinado com o movimento de IP para [SPEC, AUXP].

No capítulo 6, desenvolvemos uma análise da estrutura da periferia esquerda da oração, tomando por base a hipótese do CP expandido [cf. Rizzi (1997), Benincà (2001) e Miotto (2001)]. Averiguamos a possibilidade de o verbo, nas sentenças VSO, mover-se para núcleo de categorias funcionais localizadas no subsistema ForceP/FinP e as restrições que o impedem de mover-se para essa posição nos contextos em que CP vem preenchido por sintagmas de tópico, de foco e pelos complementizadores *mehe* e *pə*.

No anexo, apresentamos considerações étnicas e lingüísticas sobre os índios Tenetehara (Tembé e Guajajara) do Maranhão e Pará; um breve resumo sobre os fluxos migratórios dos Tenetehara do ramo ocidental e indicamos a filiação lingüística à qual a língua Tembé pertence.

## CAPÍTULO 1: QUADRO TEÓRICO

---

Neste capítulo, temos por objetivo fazer uma breve revisão de alguns dos pressupostos teóricos do programa minimalista que serão relevantes para nossa análise nos capítulos subseqüentes. Por isso, nas próximas seções, retomamos os desenvolvimentos recentes sobre o modelo gramatical, a teoria de verificação, a teoria de movimento, as condições de economia (cf. Chomsky, 1995) e a hipótese anti-simétrica assumida no âmbito do programa minimalismo a partir de Kayne (1994) e adotada por Chomsky (ibid). Na última seção, apresentamos considerações sobre a hipótese do IP expandido (cf. McCloskey, 2000).

### 1.1. O MODELO GRAMATICAL

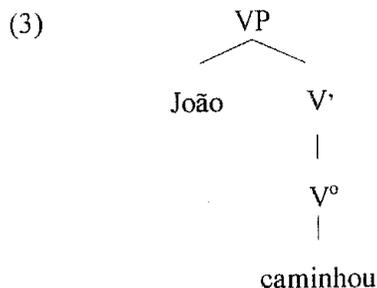
Com o programa minimalista, houve uma redução drástica do aparato formal da gramática, já que, dos diversos níveis de derivação sintática do modelo de regência e ligação, como a estrutura-S e a estrutura-D, restaram apenas o sistema de interface LF e PF. Esse sistema dá conta do fato de que a faculdade de linguagem humana utiliza mecanismos da mente/cérebro, como o sistema *conceptual-intencional* e o sistema articulatório-perceptual. O primeiro sistema tem como interface com a gramática a LF, e justifica-se no fato de que as expressões lingüísticas produzidas numa determinada língua precisam de determinados tipos de “representações

semânticas”. Já o sistema articulatório-perceptual é responsável para que as expressões lingüísticas possuam representação fonética.

Chomsky (1995) assume ainda que a faculdade da linguagem consiste de um léxico e de um sistema computacional, o qual é essencialmente derivacional. O léxico especifica os itens que entram no sistema computacional e suas propriedades idiossincráticas. O sistema computacional organiza esses itens de maneira tal a formar uma expressão lingüística constituída de  $(\pi, \lambda)$ , em que  $\pi$  é a representação fonética e  $\lambda$ , a representação semântica desta expressão. Se  $\pi$  e  $\lambda$  satisfizerem a interpretação plena no sentido de que sejam legíveis nas interfaces PF e LF, a derivação converge, caso contrário a derivação fracassa. Para que os itens  $\pi$  e  $\lambda$  sejam uma expressão lingüística bem formada, é necessário que um conjunto de itens seja retirado do léxico e inserido na *numeração*. Nesse sentido, a *numeração* é a lista de todos os itens a partir do qual a derivação inicia para formar representações sintáticas legítimas em PF e LF. A título de exemplificação, vejamos como acontece a derivação da sentença (1). Primeiramente, retiramos do léxico os itens que irão participar da derivação sintática e os agrupamos na numeração, conforme (2).

- (1) João caminhou.
- (2) {João<sub>(1)</sub>, caminhou<sub>(1)</sub>, I +TENSE<sub>(1)</sub>, +AGR<sub>(1)</sub>}

Em seguida, utilizamos o verbo *caminhou* e o NP *o João* por meio da operação SELECIONAR (SELECT) e os juntamos, de modo a formar o sintagma verbal, conforme indicado no diagrama em (3).

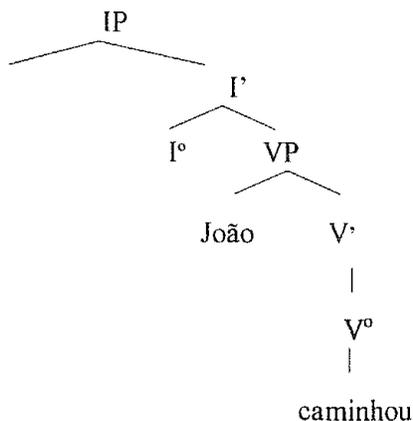


No âmbito do programa minimalista, assume-se que os itens lexicais já entram na derivação sintática com seus traços flexionais associados a eles. Todavia, embora entrem na derivação já flexionados, os itens lexicais têm de verificar esses traços nas posições funcionais apropriadas. Por isso, o Caso nominativo do NP *o João* e o traço de CONCORDÂNCIA e o TEMPO (=TENSE) do verbo necessitam ser verificados nas posições funcionais apropriadas. Para que isso aconteça, na etapa seguinte da derivação, o núcleo  $I^0$ , após ser selecionado da numeração e introduzido na computação sintática, combina-se com o VP pela operação JUNTAR<sup>1</sup> e projeta a categoria funcional IP que carrega os traços flexionais da sentença, produzindo a estrutura X-barrá complexa, conforme o diagrama em (4):

---

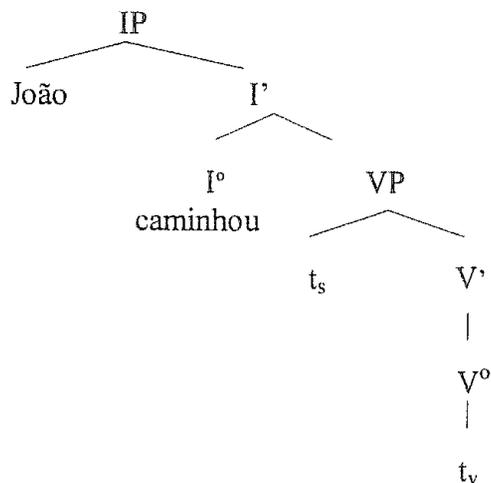
<sup>1</sup> Na literatura, encontramos outras traduções para o termo MERGE, a saber: COMPOR e CONFLUIR. Neste texto, porém, adotaremos o termo JUNTAR para a tradução de merge.

(4)



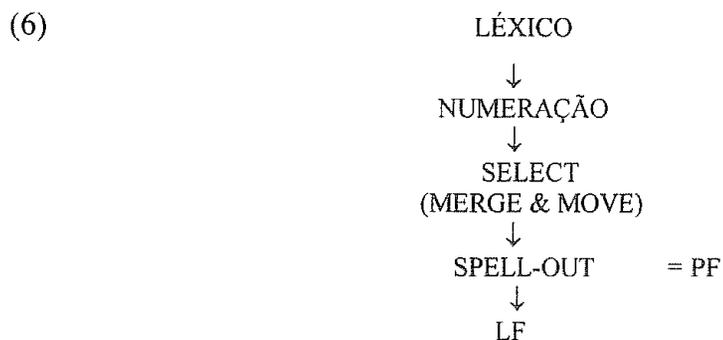
Na etapa final da derivação, o NP *João* sobe para [SPEC, IP] e o verbo *caminhou* move-se para núcleo de IP, de modo a obter seus traços flexionais licenciados na estrutura sintática, dando origem, assim, à representação do diagrama em (5):

(5)



Conforme se vê pela derivação ilustrada em (2) a (5), as sentenças, no âmbito do programa minimalista, são construídas passo a passo a partir de duas operações elementares: a operação JUNTAR (MERGE), que retira os elementos da numeração e

junta-os na estrutura sintática, e a operação MOVER (MOVE), que desloca constituintes que já estão na estrutura sintática para outras posições dentro da sentença. JUNTAR e MOVER são assim as operações básicas na computação sintática, sem as quais as sentenças não seriam formadas. No momento em que essas duas operações finalizam, a estrutura em (5) precisa, então, ser submetida ao Spell-Out. Consoante Chomsky (1995:269, tradução de Raposo, 1999), Spell-Out é a operação que “efetua a ligação para a componente PF”, de modo a permitir que as estruturas sintáticas ganhem visibilidade. Assim sendo, no âmbito do programa minimalista a derivação das sentenças de uma língua seguem os passos representados abaixo:



Pela representação em (6), vemos que a derivação de uma expressão lingüística supõe um léxico, uma numeração, um sistema fonológico e duas operações computacionais fundamentais: JUNTAR (=MERGE) e ATRAIR (=MOVER). Uma derivação sintática não converge quando ocorre alguma operação ilícita ou quando a operação selecionar não se aplica na quantidade de vezes necessária para exaurir a numeração.

## 1.2. VERIFICAÇÃO E INTERPRETABILIDADE DE TRAÇOS FORMAIS

Um dos pressupostos teóricos centrais no âmbito do programa minimalista é o de que traços formais são objetos sintáticos que participam da constituição interna dos itens léxicos e dos itens funcionais. Dentre esses traços, estão os traços formais N, D, V, os traços- $\phi$  (número, pessoa e gênero) e o traço de Caso dos nomes.

Esses traços diferem entre si quanto ao fato de poderem ou não receber interpretação em LF. Por exemplo, um traço de Caso não recebe interpretação semântica, enquanto traços- $\phi$  (gênero, número e pessoa) recebem interpretação se fizerem parte de um nome, mas não se fizerem parte do verbo. Por isso, os traços formais podem ser [+/-interpretáveis]. Os traços formais ininterpretáveis são o traço de Caso dos NPs, o traço de atribuição de Caso de T, AgrS, AgrO e os traços- $\phi$  dos verbos e adjetivos. Já os traços formais interpretáveis são os traços categoriais N, D e V e os traços- $\phi$  dos nomes. Enquanto os traços interpretáveis apresentam efeitos semânticos, já que sempre apresentam um significado que lhes é intrínseco, os traços ininterpretáveis não têm interpretação em LF, nem precisam ser expressos em PF. A sua principal característica é que não podem ser interpretados em LF.

Consoante Chomsky (1995)<sup>2</sup>, os núcleos das categorias funcionais possuem traços N(ominal) e V(erbais) que podem variar quanto ao fato de ser [+/-forte]. O traço N de um núcleo funcional, por exemplo, determina o movimento dos sintagmas

---

<sup>2</sup> Nesse trabalho, não adotaremos o modelo de derivação sintática baseado em fases, conforme proposto por Chomsky (1998, 1999).

nominais para a posição de especificador, enquanto o traço V engatilha o deslocamento do verbo para a posição de núcleo das categorias funcionais.

Quando um traço flexional de uma categoria funcional é forte, ele deve ser verificado antes de a expressão lingüística ser enviada a Spell-Out. Já os traços fracos podem ser verificados em LF. O postulado de que as operações de movimento são engatilhadas para satisfazer a verificação de traços fortes de projeções funcionais foi formulado por meio da condição de último recurso (do inglês, *last resort*), conforme (7) abaixo:

- (7) “*Move F raises F to target K only if F enters into a checking relation with a sublabel of K*” [cf. Chomsky, 1995:280]

A operação *mover F* pode envolver a elevação apenas de traços ou de toda a categoria fonológica, o que depende das propriedades do componente fonológico. Assim sendo, a operação *mover F* pode envolver a elevação apenas do traço F ou o deslocamento de toda a categoria lexical para o domínio de verificação de uma categoria funcional. Nesse último caso, o movimento visível implica elevação do traço relevante combinado com o pied-piping generalizado da categoria lexical. O movimento manifestamente visível dá-se em virtude da pobreza do sistema sensorimotor, que é incapaz de ‘pronunciar’ ou ‘ouvir’ traços isolados separados dos itens lexicais dos quais são partes.

Em suma, a verificação de traços fortes dá-se quando traços formais de itens lexicais são atraídos para o domínio de verificação de uma categoria funcional. A verificação de um traço forte acontece se os traços dos itens lexicais e das categorias funcionais forem do mesmo tipo. Nesta linha de raciocínio, ATRAIR F é uma operação intimamente relacionada ao fato de uma categoria funcional carregar ou não traços ininterpretáveis. Consoante Chomsky (tradução de Lobato, 1998:53-57):

*“A importância da distinção entre traços formais interpretáveis e ininterpretáveis não foi reconhecida até muito recentemente, no curso da atividade do programa minimalista. Ela parece ser central à configuração geral da linguagem. (...) traços formais ininterpretáveis são de fato o mecanismo que implementa a propriedade de deslocamento. (...) são exigidos como um mecanismo para satisfazer as condições de legibilidade impostas pela arquitetura geral da mente/cérebro, pelas propriedades do aparato de processamento e pelos sistemas do pensamento.”*

Nessa perspectiva, o traço de Caso dos nomes apaga-se quando os nomes participam de relações de concordância no domínio de verificação das categorias funcionais. Os traços interpretáveis diferem dos traços ininterpretáveis pelo fato de que, embora sejam acessados em operações de verificação, no decorrer da computação sintática, não podem ser apagados. Sobre isso, Chomsky (1995:284) afirma o seguinte:

*“Since the categorial and  $\phi$ -features of DP remain accessible after checking while the Case feature does not, a single DP can enter into multiple satisfaction of the EPP and multiple agreement, but not multiple Case relations”*

Em suma, as operações de verificação ocorrem para apagar os traços formais ininterpretáveis<sup>3</sup> que as categorias funcionais carregam. Além disto, apagamento de traços exige uma relação local entre o traço [-interpretável] e um traço que combine com ele, i.e., um traço combinante. Isso pode ser evidenciado pelo fato de que os traços- $\phi$  de I, por serem [-interpretáveis], concordam com os traços- $\phi$  interpretáveis de um NP. Esta operação se realiza por meio de uma relação sintática local ou remota, produzindo o efeito superficial de concordância sujeito-verbo.

### 1.3. CONDIÇÕES DE ECONOMIA

Chomsky (1995) propõe que condições de economia devem atuar durante a computação sintática para restringir os movimentos de constituintes, de maneira que ATRAIR F é uma operação que se aplica somente para satisfazer propriedades morfológicas de categorias funcionais. Uma dessas condições é a noção de que uma derivação convergente tem de ser a mais econômica. Raposo (1999:31) propõe a seguinte condição de economia:

- (8) “*se numa etapa i da derivação existir uma opção entre Compor (i.e., Juntar) e Mover, escolher Compor*”.

---

<sup>3</sup> Sobre traços ininterpretáveis, Gelderen (1999:5) assinala o seguinte:

“(…) *it is not only strong features that must be checked before LF is reached, but all Non-Interpretable features since only Interpretable features are visible at LF (…)*”.

A formulação em (8) pode ser mais bem compreendida quando averiguamos o mecanismo sintático que deriva as sentenças (9a) e (9b) abaixo:

- (9a) there seems [ t to be a man in the room.]
- (9b) there seems [ a man to be t in the room.]

Em (9a), utiliza-se apenas um elemento da numeração, i.e, o expletivo *there*, para a verificação do EPP da oração infinitiva encaixada e da oração principal. Já, em (9b), esse traço é verificado por meio de duas operações distintas: (i) a operação *MOVER* que desloca o NP *a man* para Spec-IP encaixado e (ii) a operação *JUNTAR* que seleciona o expletivo *there* da numeração e o introduz em Spec-IP matriz. Observa-se que (9b) é a operação mais complexa que (9a).

Consoante Raposo (1999:32), o funcionamento da economia derivacional deve obedecer às seguintes generalizações:

- (10a) Uma derivação convergente mais econômica bloqueia uma derivação convergente menos econômica;
- (10b) Uma condição de economia pode ser violada para satisfazer a convergência.

Vê-se, então, que a generalização (10a) é capaz de dar conta da diferença entre (9a) e (9b) e justificar a estranheza de (9b).

Já *PROCRASTINAR* é a condição que prevê que movimentos invisíveis são mais econômicos que movimentos na sintaxe visível. Assim sendo, procrastinar manda “*minimizar o número de operações na sintaxe visível*” [cf. Raposo, 1999:32].

Concretamente, essa condição de economia é responsável pela diferença entre o movimento do verbo no Francês e no Inglês, conforme os exemplos abaixo:

- (11) Jean pense souvent sur cela.
- (12) John often thinks about that.

Em Francês, como INFL é forte, a subida de  $V \rightarrow I$  é uma operação que deve ser efetuada antes de Spell-Out, em violação a PROCRASTINAR, o que é condizente com a generalização (10b). Já, em inglês, como INFL é fraco, não existe violação a PROCRASTINAR, de maneira que a elevação de  $V \rightarrow I$ , dá-se somente no componente da sintaxe não-visível, i.e, em LF.

Outra condição de economia é o princípio da **Cobiça** (=Greed<sup>4</sup>), segundo o qual o movimento de constituintes é motivado para satisfazer necessidades do próprio constituinte e não de algum outro elemento, conforme a formulação proposta por Chomsky (1995:261), repetida em (13):

- (13) *Move raises a only if morphological properties of a itself would not otherwise be satisfied in the derivation.*

É de responsabilidade desse princípio, por exemplo, excluir sentenças como

(14b) abaixo:

- (14a) seems [(that) John is leaving.]
- (14b) \* John seems [(that) t is leaving.]

A agramaticalidade de (14b) deve-se ao fato de que o NP *John*, uma vez tendo já verificado seu traço de Caso e os traços- $\phi$  do I encaixado, não está autorizado a

---

<sup>4</sup> Tradução do termo Inglês *greed* (enlightened self-interest).

mover-se para verificar os mesmos traços do I da oração matriz. Assim sendo, a única maneira de verificar os traços- $\phi$  e o EPP do I principal é por meio da operação que seleciona o expletivo *there* da numeração e o insere na posição de sujeito da oração principal, conforme (15):

(15) There seems [that John is leaving.]

A condição de elo mínimo, doravante MLC<sup>5</sup>, é outro princípio de economia derivacional que capta o fato de que, dentre diferentes derivações sintáticas, converge aquela que for a mais econômica, aqui estipulada como a que implica passos mais curtos. Mais precisamente, um elo mais comprido de  $\alpha$  até K não pode ser constituído, se existir um elo legítimo mais curto de  $\beta$  até K. Por exemplo, é este princípio que exclui a sentença (16b):

(16a) Will John <sub>t<sub>v</sub></sub> have left by the time we get there?

(16b) \*Have John will <sub>t<sub>v</sub></sub> left by the time we get there?

A agramaticalidade da sentença (16b) deve-se ao fato de o auxiliar *will* constituir o elo que está mais próximo de C e que é capaz de satisfazer ao traço [QU-<sub>forte</sub>] forte da sentença interrogativa e que, por isso, conta como um núcleo interveniente sobre o qual o item *have* não pode cruzar.

---

<sup>5</sup> Esta condição prevê o seguinte:

“ $\alpha$  pode ser elevado tomando K como alvo, apenas se não houver uma operação legítima mover  $\beta$  tomando K como alvo, em que  $\beta$  está mais próximo de K [cf: Chomsky, 1995:405, tradução de Raposo]”.

Uma vez expostas as condições de economia acima, passemos a análise de Kayne (1994) sobre a linearização de constituintes.

#### 1.4. LCA E A HIPÓTESE DE BASE UNIVERSAL

Kayne (1994) propõe um axioma de correspondência linear (LCA) que restringe bastante as relações entre os constituintes na oração. Para elaborar esse axioma, o autor chama atenção para a relação de dominância entre nós terminais e não terminais no âmbito da teoria X-barra. O axioma (LCA) é formulado da seguinte maneira:

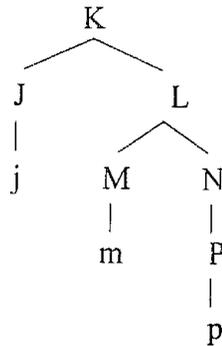
- (17) *Linear Correspondence Axiom*  
 $d(A)$  é uma ordenação linear de  $T$

Consoante esse axioma,  $d$  é a relação de dominância entre os nós terminais e não terminais e  $A$  representa a projeção máxima que contém todos os pares de nós não terminais tal que o primeiro assimetricamente  $c$ -comanda o segundo. Nesse sentido, o autor propõe a seguinte noção de  $c$ -comando assimétrico.

- (18) *X assimetricamente c-comanda Y se e somente se X c-comanda Y e Y não c-comanda X.*

Já  $T$  se relaciona com a ordenação dos nós terminais. Assim sendo, esse axioma prevê que a relação entre o sujeito e o complemento, no interior das sentenças, é sempre uma relação anti-simétrica. Na prática, o LCA funciona da seguinte maneira, conforme vemos pelo diagrama em (19):

(19)



Tomando por base a configuração em (19), podemos considerar que os pares de nódulos não terminais que estão numa relação de dominância assimétrica são os seguintes:

(20)  $\langle J, M \rangle$ ,  $\langle J, N \rangle$ ,  $\langle J, P \rangle$  e  $\langle M, P \rangle$

Segundo o autor, uma vez que J, M, N e P, que são nódulos intermediários, dominam elementos terminais j, m, p, conclui-se que a relação de dominância estabelecida pela noção de c-comando assimétrico e pelo axioma de correspondência linear [*Linear Correspondence Axiom (LCA)*] é a seguinte:

(21)  $d(A) \langle j, m \rangle$ ;  $\langle j, p \rangle$ ;  $\langle m, p \rangle$

Kayne (ibid) sugere ainda que, para o LCA atuar, é necessário que a ordem da estrutura seja transitiva, total e assimétrica. Transitiva no sentido de que *se x precede y e y precede z, então x precede z*. Total no sentido de que *para todos os pares de x e y, ou x precede y ou y precede x*. A ordem linear deve ser assimétrica no sentido de que é impossível que x preceda y e y preceda x ao mesmo tempo. As formulações do

LCA propostas por Kayne (ibid) trazem duas importantes conseqüências para a linearização dos constituintes no âmbito da teoria X-barras:

- (i) nenhum núcleo pode ter outro núcleo como seu complemento;
- (ii) cada nóculo não terminal precisa ter um único núcleo.

Vê-se que a proposta de Kayne é bastante restritiva, já que o c-comando assimétrico e o LCA invariavelmente estabelecem precedência linear entre os nóculos não terminais e terminais (T). Uma das conseqüências dessa formulação, em termos da linearização dos constituintes, é que (i) complementos devem sempre seguir o núcleo e (ii) a teoria X-barras manifesta uma gama de propriedades anti-simétricas na estrutura dos constituintes.

Por meio dessas formulações, o autor propõe que, na estrutura de constituintes, o especificador e o complemento sempre vão ocupar posições opostas em relação ao núcleo. Disso resulta o fato de que, das seis permutações possíveis de S (especificador), H (núcleo) e C (complemento), somente duas seriam, em tese, permitidas: S-H-C e C-H-S. Desse modo, S-C-O (SOV), em que o complemento precede o núcleo, só é possível se a interpretamos como sendo o reflexo de movimento do objeto à esquerda, para a posição de especificador da projeção funcional AgrOP.

Conquanto haja apenas duas possibilidades de linearização: S-H-C e C-H-S, consoante o critério da precedência linear, o autor nos chama a atenção para o fato de

que a primeira possibilidade é significativamente mais plausível do que a segunda pelo simples fato de ela ser mais recorrente do que a segunda, nas línguas. Não obstante, considerar apenas a ordem relativa de núcleo e complemento não é suficiente para se chegar a uma conclusão firme em relação ao c-comando assimétrico. Todavia, se levarmos em consideração a ordem relativa do especificador e do núcleo, vê-se que essa é uma relação mais visivelmente assimétrica, conforme:

- (22) *the relative order of specifier and head is much more visibly asymmetric, in the following sense: although there may be some categories for which both orders are widespread, there are other categories where specifier-head order strongly predominates. I know of no categories for which head-specifier is the cross-linguistically predominant order.* [Kayne, (1994:35)]

Tomando por base o LCA e o c-comando assimétrico, o autor propõe que especificador-núcleo-complemento é a única ordem possível para os subcomponentes do sintagma, e não o contrário. Por isso, não haveria sentido de se falar em variação paramétrica, já que todas as línguas teriam, no fundo, a mesma ordem linear: S-H-C. Assim, para explicar o fato de que há línguas nas quais o complemento precede o seu núcleo, ordem OV, Kayne supõe que é necessário que tenha havido movimento do complemento à esquerda, para uma posição de especificador mais alto. Da mesma maneira, numa dada língua onde IP precede o CP, a explicação é que IP deve ter se movido à esquerda para [SPEC,CP]. Com a formulação da hipótese de base universal, a variação na ordem dos constituintes

terminais SOV, VSO, OSV, VOS, OVS fica, portanto, reduzida à interação do movimento do sujeito, do objeto e do verbo.

Na próxima subseção, apresentamos a hipótese do IP expandido no âmbito do programa minimalista, conforme McCloskey (2000).

### 1.5. HIPÓTESE DO IP CINDIDO

McCloskey (2000), tomando por base o movimento do verbo nas orações VSO do Irlandês, apresenta evidências empíricas a favor de se manter a distinção estrutural entre AgrSP e TP contra as abordagens mais recentes no âmbito do programa minimalista, particularmente Chomsky (1995, 1998 e 1999), em que se propõe a eliminação das categorias funcionais AgrSP e AgrOP. O principal argumento utilizado por Chomsky (1995) para a eliminação dessas categorias é que concordância não tem efeito na computação sintática e, por isso, não possuiria uma projeção X-barra independente. Para suprir a falta dessas categorias, Chomsky (1995, capítulo 4) propõe uma configuração em que o vP e TP podem apresentar múltiplos especificadores. Para viabilizar a verificação de Caso e dos traços- $\phi$ , vP e TP recebem um traço nominal forte para possibilitar a elevação do objeto para o especificador externo de vP e o deslocamento do sujeito para [SPEC, TP]. Para a eliminação de Agro, Chomsky (1995:352) propõe o seguinte:

*“There is a simple way to force overt DP raising without the functional category Agr: namely, by adding to v itself a strong D-feature (...) that requires overt substitution in the ‘outer Spec’ of a multiple-Spec configuration.”*

Para a eliminação de Agrs, Chomsky (1995:354) postula o seguinte:

*“Turning to Agrs, we need to consider only MSCs<sup>6</sup>, which have the surface order [EXPL-V-SUBJ]. Our assumption so far is that the subject is in [SPEC, T] and the expletive in [SPEC, AGRS], and that V has raised to Agrs. Suppose, instead, we follow the line of reasoning suggested for Agro, eliminating Agr and adding an optional strong feature that assigns an outer Spec to T.”*

Consoante esta análise, a atribuição de Caso nominativo dá-se quando os traços- $\phi$  de T, que são ininterpretáveis, combinam-se com os traços- $\phi$  interpretáveis dos NPs sujeitos.

McCloskey (ibid), entretanto, considera importante a manutenção da projeção AgrSP para explicar a derivação das posições sintáticas ocupadas pelo verbo e sujeito nas orações VSO do Irlandês. McCloskey (ibid) observa que, nesta língua, o verbo é elevado para núcleo de uma posição funcional mais alta dentro do IP para verificar o traço de tempo, enquanto o NP sujeito ocupa uma posição mais baixa, mas acima do VP, conforme os exemplos abaixo:

- (23) *Nior shaothraigh Eoghan ariamh pingin*  
NEG earned Owen ever penny  
“Owen never earned a penny.”

---

<sup>6</sup> Do inglês *multiple subjects constructions*. Ver mais detalhes sobre essas construções na nota 6 adiante.

- (24) *chuala*      *Róise go minic roimhe*      *an t-amhrán sin*  
 heard      Róise often before-it      that song  
 “Róise had often heard that song before.”

Em (23) e (24), os advérbios *ariamh* e *go* delimitam a fronteira entre o VP e o IP, de modo que o sujeito ocupa uma posição funcional intermediária entre o VP e a projeção funcional onde se encontra o Verbo. Segundo McCloskey (ibid), o sujeito move-se para esta posição para receber Caso nominativo.

Outra evidência vem do comportamento do sujeito nas construções inacusativas salientes em (25) e nas inacusativas putativas em (26), conforme mostram os dados abaixo:

INACUSATIVO SALIENTE

- (25) *Mhéadaigh*      *i gcónaí*      *ar mo shaibhreas*      *tréis mo ghuí-se*  
 increase-PAST      always      on my wealth      after may prayer  
 “My wealth always increased after my prayer.”

INACUSATIVO PUTATIVO

- (26) *Mhéadaigh*      *mo shaibhreas*      *i gcónaí*      *tréis mo ghuí-se*  
 increase-PAST      my wealth      always      after may prayer  
 “My wealth always increased after my prayer.”

Segundo McCloskey (ibid), o NP sujeito *mo shaibhreas* “my wealth”, em (26), move-se para receber Caso nominativo em [SPEC, AGRSP]. Isto é particularmente observado pelo fato de o NP sujeito ocorrer acima do advérbio adjunto ao VP *i gcónaí* “always”. Já, em (25), o NP sujeito *mo shaibhreas* “my wealth” não tem de mover-se para [SPEC, AGRSP], pois recebe caso da preposição *ar*,

permanecendo interno ao VP. Por esta razão, McCloskey (ibid) argumenta a favor de se manter uma estrutura oracional com o IP expandido em, pelo menos, duas projeções FPs acima do VP, para derivar as orações VSO do Irlandês, conforme ilustra a configuração abaixo:

(27) [FP1 .....[FP2.....[VP ADV.....[VP.....]]]]

A representação, em (27), indica que o sujeito se move para [SPEC, FP2] e o verbo, para o núcleo de FP1. McCloskey (ibid:7) sugere, então, que

*“given that movement of the verb to F1 is triggered by finiteness,(....), a natural interpretation of the above facts is that FP1 corresponds to T(ense)P, while FP2 is AgrSP. AgrSP checks case, and TP checks the tense features of the verb.”*

Consoante esta proposta, TP deve ocupar a posição mais alta no IP, na estrutura oracional do Irlandês, o que implica que FP1, em (27), repetido abaixo como (28), equivale a TP.

(28) [TP .....[AgrSP.....[Adv.....[VP.....]]]]

McCloskey (2000:19), tomando por base as propriedades denotacionais dos expletivos, considera que a arquitetura oracional em (28) fornece uma explicação satisfatória para as construções transitivas expletivas do Irlandês, doravante TEC<sup>7</sup>, as quais não são adequadamente explicadas seja pela arquitetura minimalista que toma

<sup>7</sup> A abreviação do termo inglês: Transitive Expletive Construction. Nestas construções, o expletivo aparece na posição mais alta e o NP sujeito indefinido na posição à direita de V. É com o NP sujeito que o verbo concorda.

como referência que AgrSP domina TP seja pelas propostas mais recentes que pressupõem uma estrutura sem as projeções AgrPs.

Uma análise que assume AgrSP acima de TP é a de Zwart (1993, 1996, 1997 e 1998) e Bobaljik e Jonas (1996). Esses autores argumentam que o verbo finito move-se para núcleo de AgrSP, permanecendo o sujeito indefinido em Spec-TP. A ordem [Expletivo-V-sujeito] é, então, alcançada quando o expletivo é retirado da numeração e inserido na posição de especificador de AgrSP, conforme sugere a derivação da sentença (29), em (30).

DADO DO ISLANDÊS [ McCLOSKEY, 2000:19]

(29) *thað lauk einhver verkefninu...*  
 there finished someone the assignment  
 “Someone finished the assignment.....”

(30) [<sub>AgrSP</sub> *thað* [<sub>AgrS</sub> *lauk* [<sub>TP</sub> *einhver* [[<sub>T'</sub> ~~*lauk*~~ [<sub>AgrOP</sub> *verkefninu*.....

Para McCloskey (ibid:20), a proposta de derivação em (30) traz o inconveniente de estipular que o expletivo *thað* é inserido para verificar os traços- $\phi$  de Agrs. Nesse sentido, ele argumenta que:

(31) *“the expletive thað is inserted in Spec-AgrS to check strong phi-feature, not to satisfy the EPP, which is checked in Spec-TP by the indefinite subject. (...) Note that this entails that the properties of the icelandic expletive are very different from those of the English expletive there, which according to Chomsky (1993) is inserted to satisfy the EPP, not to check phi-features. (...) Despite the fact that its phi-features are checked by an expletive, the finite verb in Icelandic TECs agrees with the indefinite subject in Spec-TP”*

Consoante McCloskey (ibid), a adoção da mesma estrutura do IP, proposta em (28), permite resolver o inconveniente acima, pois permite fornecer uma explicação consistente e elegante da concordância sujeito-verbo e da função do expletivo *thað* nas TECs do Islandês. Na nova estrutura, o sujeito aparecerá em Spec-AgrSP em vez de Spec-TP, possibilitando, assim, a concordância sujeito-verbo. Já o expletivo será inserido na posição de especificador da projeção de tempo, de modo a permitir a verificação do EPP de TP, conforme ilustra a estrutura em (32).

(32) [TP *thað* [T *lauk* [AgrSP *einhver* [Agrs ~~*lauk*~~ [AgrOP *verkefninu*....

Consoante McCloskey (ibid), essa análise pode ser ainda estendida para línguas que carregam EPP forte, como o Inglês. Por isso, ele propõe que a computação sintática da sentença (33) ocorre da seguinte maneira: após a formação do VP por meio da operação que junta o NP *Susan* ao verbo *procrastinated*, o NP *Susan* move-se para Spec-AgrSP, onde verifica o seu traço de Caso nominativo e os traços- $\phi$  de Agrs, conforme ilustra (34b); em seguida, esse NP move-se uma última vez, desta vez para Spec-TP<sup>8</sup>, de modo a permitir a verificação do EPP forte de TP, conforme (34c).

(33) Susan procrastinated

(34a) [VP Susan [V procrastinated]]

(34b) [AgrSP Susan [Agrs [VP Susan [V procrastinated]]]

(34c) [TP Susan [T [AgrSP Susan [Agrs [VP Susan [V procrastinated]]]

<sup>8</sup> Note que um NP pode participar de outras operações de verificação, como por exemplo o EPP de TP, embora já tenha verificado Caso em Spec-AgrSP, conforme sugere a etapa derivacional em (34b-c).

Vê-se, assim, que essa análise estipula que o NP *Susan* é atraído para Spec-TP em função do EPP forte de T, muito embora seu traço de Caso seja verificado em AgrSP. Observa-se ainda que, diferentemente do Irlandês e do Islandês, o verbo move-se somente em LF, permanecendo, por isso, interno ao VP em sintaxe visível.

Com base no exposto acima, adotaremos no decorrer desse trabalho a hierarquia de projeções funcionais dentro do IP, proposta por McCloskey (ibid), para explicar a derivação sintática das sentenças com as ordens VSO ~ SVO, ocorrentes em orações principais da língua Tembé. Conforme será examinado nos capítulos 3 e 4, a razão para tal escolha deve-se ao fato de que testes sintáticos envolvendo a posição de quantificadores flutuantes orientados para o sujeito, de advérbios temporais adjuntos a VP e da posição dos afixos modo-temporais no verbo mostram que o Tembé, tal como acontece no Irlandês e no Islandês, também possui uma arquitetura oracional com TP dominando AgrSP. Defenderemos ainda a hipótese de que Caso nominativo é atribuído na relação de concordância sujeito-verbo, em AgrSP.

## CAPÍTULO 2

### ASPECTOS GRAMATICAIS DA LÍNGUA TEMBÉ

---

Neste capítulo, elaboramos uma breve descrição<sup>1</sup> dos principais aspectos da estrutura gramatical da língua Tembé, com ênfase especial nas restrições de co-ocorrências dos constituintes nos sintagmas nominais, nas posposições, nas orações principais e nas orações subordinadas (de gerúndio, temporal e concessiva). Averiguamos, ainda, a morfossintaxe verbal e nominal e o papel dos prefixos nominativos e dos prefixos acusativos no mecanismo de atribuição de Caso ao sujeito e ao objeto. Com essa descrição, procuramos expor parte dos dados que servirão de base para a análise a ser desenvolvida nos capítulos subseqüentes.

Este capítulo está organizado da seguinte maneira: na seção 2.1., apresentamos o quadro sinóptico dos fonemas ocorrentes na língua Tembé e considerações sobre a ortografia utilizada na elaboração de textos escritos; na seção 2.2., analisamos a estrutura interna do NP, no intuito de determinar as possibilidades de ordenação entre o substantivo, núcleo do NP, e os demais constituintes com os quais ele co-ocorre, tais como o adjetivo, o demonstrativo, o genitivo, o possessivo, o dêitico *aʔe* e o quantificador *wə*; na seção 2.3., exploramos a estrutura interna das posposições, com ênfase especial no papel dos prefixos {r- ~ ø-} e {h- ~ i-} para

---

<sup>1</sup> Os dados utilizados nesta tese foram colhidos durante trabalhos a campo realizados entre os anos 1995 a 2001, junto a informantes residentes nas aldeias localizadas na Área Indígena do Rio Gurupi, Estado do Pará.

marcar a relação de adjacência e não adjacência do complemento da posposição; na seção 2.4, focalizamos a estrutura morfossintática do verbo; nas seções 2.5. e 2.6., exploramos a ordem dos constituintes principais em relação a auxiliares, advérbios e complementizadores; na seção 2.7., elucidamos as diferenças entre as orações interrogativas SIM/NÃO e tipo-qu.

## 2.1. CONSIDERAÇÕES SOBRE A FONOLOGIA E A ORTOGRAFIA TEMBÉ<sup>2</sup>

Com base no critério de variação livre, distribuição complementar e oposição, identificamos os seguintes fonemas consonantais na língua Tembé.

(a) o fonema fricativo alveolar /s/ apresenta três alofones [s ~ ts ~ tʃ]. Os dois primeiros [s ~ ts] ocorrem em variação livre, conforme os exemplos abaixo:

|                       |         |
|-----------------------|---------|
| <i>aesak ~ aetsak</i> | ‘eu vi’ |
| <i>sɛ ~ tsɛ</i>       | ‘aqui’  |

O alofone [tʃ] tem realização somente quando vem antes de vogal anterior alta [i] e em alguns casos antes da anterior média fechada [e], conforme exemplos abaixo:

|                |                   |
|----------------|-------------------|
| <i>utʃiniŋ</i> | ‘ele(a) seca’     |
| <i>-tʃiŋ</i>   | ‘branco’          |
| <i>rudutʃi</i> | ‘nós o amarramos’ |

---

<sup>2</sup> Essa seção visa a fornecer aos leitores instruções para a leitura das sentenças enunciadas a partir da seção 2.2. Por essa razão, não é nosso propósito apresentar uma análise fonológica aprofundada da língua Tembé.

*tʃimeʔe*                    ‘nós olhamos’  
*atʃew pə*                    ‘para eu entrar’

(b) O fonema oclusivo alveolar /d/ apresenta cinco alofones. Destes, quatro se encontram em variação livre e um em distribuição complementar. Os alofones são os seguintes:

Em variação livre, temos [d] ~ [z] ~ [ʒ] ~ [dʒ].

|      |   |                |
|------|---|----------------|
| exs: | <i>aduka</i> ~ <i>azuka</i> ~ <i>adʒuka</i> | ‘eu mato’      |
|      | <i>idupe</i> ~ <i>izupe</i> ~ <i>idʒupe</i> | ‘para ele’     |
|      | <i>marakada</i> ~ <i>marakaʒa</i>           | ‘gato do mato’ |
|      | <i>kudə</i> ~ <i>kuzə</i> ~ <i>kudʒə</i>    | ‘mulher’       |

Em distribuição complementar, temos o alofone [j], que só ocorre em adjacência a outra consoante ou em fronteira de palavra:

Em fronteira de palavra:

|              |         |
|--------------|---------|
| <i>tɨpɨj</i> | ‘casa’  |
| <i>mɔj</i>   | ‘cobra’ |
| <i>waj</i>   | ‘lado’  |

Em adjacência a outra consoante

|                   |                       |
|-------------------|-----------------------|
| <i>tɨpɨj me</i>   | ‘na casa’             |
| <i>umuhəj rəm</i> | ‘ele(a) vai espalhar’ |

(c) Os demais fonemas consonantais não apresentam maiores restrições de ocorrências fonéticas. Estes são os seguintes:

|      |                           |
|------|---------------------------|
| /p/  | oclusivo bilabial surdo   |
| /k/  | oclusivo velar surdo      |
| /kw/ | oclusivo labiovelar surdo |
| /ʔ/  | oclusivo glotal           |
| /m/  | nasal bilabial            |
| /n/  | nasal alveolar            |
| /ŋ/  | nasal velar               |
| /ŋw/ | nasal labiovelar          |
| /w/  | glide bilabial            |
| /h/  | glide glotal fricativo    |

### 2.1.1. FONEMAS VOCÁLICOS

Dos 9 segmentos fonéticos, 7 são fonemas vocálicos na língua. Eles são /i/, /í/,

/u/, /o/, /ə/, /e/, /a/. Destes, os que apresentam alofonia são os seguintes:

(i) o fonema /e/ com dois alofones em variação livre. Os alofones [e] e [ɛ].

exs: *wenu* ~ *wɛnu*            ‘ele(a) ouve’  
*kwehe* ~ *kwehɛ*            ‘partícula de tempo passado’

(ii) o fonema /o/ com dois alofones em variação livre. Os alofones [o] e [ɔ].

exs: *teko* ~ *tekɔ*            ‘a gente’  
*omonoʔoŋ* ~ *ɔmɔnɔŋ*            ‘ele(a) ajunta’

### 2.1.2. QUADRO GERAL DOS FONEMAS DA LÍNGUA TEMBÉ

Excluindo os segmentos que ocorrem como variantes de fonemas, chegamos ao seguinte quadro <sup>o</sup> geral dos fonemas da língua Tembé. A tabela 1 ilustra o sistema

fonêmico consonantal e a tabela 2, o vocálico. Vê-se um total de 21 fonemas na língua, sendo 14 fonemas consonantais e sete fonemas vocálicos.

|                      | bilabial | alveolar | Velar | velar | glotal |
|----------------------|----------|----------|-------|-------|--------|
| oclusivas            | p        | t        | k     | kw    | ʔ      |
|                      |          | d        |       |       |        |
| fricativas           |          | s        |       |       |        |
| vibrantes<br>simples |          | r        |       |       |        |
| nasais               | m        | n        | ŋ     | ŋw    |        |
| glides               | w        |          |       |       | h      |

TABELA 1: FONEMAS CONSONANTAIS

|       | anterior | central | posterior |
|-------|----------|---------|-----------|
| alta  | i        | ɨ       | u         |
| média | e        | ə       | o         |
| baixa |          | a       |           |

TABELA 2: FONEMAS VOCÁLICOS

### 2.1.3. ORTOGRAFIA USADA

Com base nos fonemas da língua, tem-se adotado uma ortografia cujo objetivo principal é facilitar o trabalho de alfabetização realizado pelos índios nas aldeias e o de elaboração de textos da literatura oral. A ortografia atual é uma adaptação para a língua Tembé da ortografia Guajajara. Os grafemas utilizados são os seguintes:

- (i) consoantes: p, t, k, ʔ, m, n, g, gw, k, kw, z, x, h, r, w
- (ii) vogais: a, e, i, o, u, y, à

Os grafemas que diferem dos símbolos fonológicos usados nas tabelas 1 e 2 acima são os seguintes: os grafemas g e gw correspondem, respectivamente, ao fonema velar /ŋ/ e ao labiovelar sonoro /ŋw/; o grafema z corresponde ao fonema oclusivo alveolar /d/ e todos os seus variantes fonéticos; o grafema x, ao fonema fricativo alveolar /s/ e todas os seus variantes. Por último, os grafemas vocálicos y e ə equivalem, respectivamente, ao fonema vocálico central alto /ɨ/ e ao central médio /ə/.

## 2.2. O SINTAGMA NOMINAL

Na língua Tembé, não há artigos definidos ou indefinidos, mas o substantivo pode vir acompanhado de determinantes, tais como adjetivos, demonstrativos, genitivos, possessivos, do dêitico *aʔe* e do quantificador *wə*. Com base nas possibilidades de ordenação desses elementos, podemos averiguar as seguintes possibilidades de combinações:

### DEMONSTRATIVO-NOME

- (1) *amo tadahu*  
 outro porção  
 “outro porção”
- (2) *ko awa*  
 este homem  
 “este homem”

- (3a) *kwed awa*  
aquele homem  
“aquele homem (visível ou próximo)”
- (3b) *akwed awa*  
aquele homem  
“aquele homem (invisível ou longínquo)”

NOME-ADJETIVO

- (4) *tekohaw p̄ihu*  
aldeia nova  
“aldeia nova”
- (5) *dawar pinim*  
onça pintada  
“onça pintada”

DÊITICO-NOME

- (6) *aʔe he<sup>3</sup> r-imiriko*  
ela minha C-esposa  
“ela, minha esposa (de quem está se falando)”
- (7) *aʔe Siba*  
ele Siba  
“ele, Siba (de quem está se falando).”
- (8) *aʔe kwarahĩ*  
ele sol  
“ele, sol (de que está se falando).”
- (9) *aʔe he r-u*  
ele meu C-pai  
“Ele, meu pai (de quem está se falando).”

---

<sup>3</sup> A relação possessiva é indicada pela ocorrência dos pronomes pessoais juntos aos nomes: [PRONOME + NOME]. Os pronomes e os nomes não variam em gênero.

Em (6) a (9), embora a ordem seja [DÊITICO-NOME], existe ainda a possibilidade de que o dêitico *aʔe* apareça separado do substantivo para o qual tem escopo orientado. Isso acontece nos contextos em que os NPs figuram na função sintática de sujeito e o dêitico vem interno ao VP, conforme se vê nas sentenças abaixo.

(10) *w-erur he r-imiriko amo maniku por aʔu aʔe-ə no*  
 3-trazer minha C-esposa outro panelo cheio muito ela-ARG també  
 “Ela, minha esposa, trouxe um panelo muito cheio também”.

(11) *a-duka amo kaʔi nehe*  
 1-matar outro macaco FUT

*Siba u-duka-rəm amo-ə aʔe no.*  
 Siba 3-matar-FUT outro-ARG ele também  
 “(Eu) matarei um macaco e ele, Siba, matará outro também”.

(12) *kon kwarahí u-hem ur iko aʔe*  
 quando sol 3-chegar 3-uir estar ele  
 “Quando ele, sol, estiver saindo”.

(13) *he r-u u-duka imətəʔi aʔe*  
 meu C-pai 3-matar catitu ele  
 “Ele, meu pai, mata caititu”.

Nesses dados, nota-se que o dêitico *aʔe*, embora flutue em posição final de oração, mantém escopo orientado para o substantivo que vem na função de sujeito, o que sugere que os substantivos, em (10) a (13), são gerados dentro de um constituinte XP, antes de serem elevados para a posição de sujeito da oração, conforme abaixo:

- (14) [<sub>XP</sub> *aʔe* [<sub>NP</sub> *he rimiriko*]]  
 (15) [<sub>XP</sub> *aʔe* [<sub>NP</sub> *Siba*]]  
 (16) [<sub>XP</sub> *aʔe* [<sub>NP</sub> *kwarahɨ*]]  
 (17) [<sub>XP</sub> *aʔe* [<sub>NP</sub> *he ru*]]

Conforme será mostrado no capítulo 3, o sintagma XP, em (14) a (17), corresponde ao sintagma dêítico, DeiP. Nossa hipótese é a de que os NPs *he rimiriko*, *Siba*, *kwarahɨ* e *he ru*, quando elevados para a posição gramatical de sujeito da sentença, i.e., SpecIP<sup>4</sup>, deixam para trás o dêítico *aʔe*, o qual fica retido na posição em que é gerado, ou seja, em Spec-vP/Spec-VP.

Já a indicação da relação genitiva dentro do sintagma nominal dá-se por meio da anteposição do NP POSSUIDOR ao NP POSSUÍDO, conforme indica a representação sintática em (18a):

- (18a) [<sub>NP</sub> POSSUIDOR-POSSUÍDO]  
 (18b) *karaiw*            *r-eko-haw*  
           branco            C-lugar-NOML  
           “lugar do homem branco”

Ao contrário dos sintagmas nominais em (1) a (9), em que o núcleo do NP não exibe marca flexional explícita para indicar a adjacência do determinante, em (18), verifica-se que o NP POSSUÍDO *-ekohaw* “lugar” precisa tomar o prefixo {r-}, o qual serve para marcar que o POSSUIDOR vem imediatamente adjacente ao POSSUÍDO.

---

<sup>4</sup> Na verdade, seria o movimento dos NPs para a verificação do Caso nominativo e dos traços- $\phi$  de Agrs<sup>o</sup>.

No entanto, quando o POSSUIDOR não ocorre imediatamente adjacente ao POSSUÍDO, porque está omitido, o núcleo do sintagma genitivo toma o prefixo {i- ~ h-}<sup>5</sup>, comparem os exemplos (19a=(18b)) e (20a) e (20b).

(19a) [NP POSSUIDOR-POSSUÍDO]

*karaiw r-eko-haw*  
branco C-lugar-NOML  
“lugar de homem branco”

(19b) [NP POSSUÍDO]

*h-eko-haw*  
NC-lugar-NOML  
“lugar dele (= homem branco)”

(20a) [NP POSSUIDOR-POSSUÍDO]

*Purutu ø-ho-haw*  
Purutu NC-ir-NOML  
“A ida de Purutu”

(20b) [NP POSSUÍDO]

*i-ho-haw*  
NC-ir-NOML  
“A ida dele (= Purutu)”.

<sup>5</sup> Com base na alomorfa desses prefixos, costuma-se, no estudo das línguas da família Tupi-Guarani, subdividir os temas nominais, os temas posicionais e os temas verbais em classe I e classe II. Os temas da classe I são os que recebem os alomorfes /ø/- e /i-/ e os da classe II, os que tomam os alomorfes /r-/ e /h-/, conforme sugere a tabela 3 abaixo:

|           | adjacência do complemento | Não adjacência do complemento |
|-----------|---------------------------|-------------------------------|
| classe I  | ø-                        | i-                            |
| classe II | r-                        | h-                            |

TABELA 3: MARCADORES RELACIONAIS

Além dos contextos acima, o prefixo {r- ~ Ø-} também é usado quando a relação [POSSUIDOR-POSSUÍDO] dá-se por meio dos pronomes pessoais ocorrentes na tabela 4 abaixo.

| pronomes pessoais | significado                 |
|-------------------|-----------------------------|
| he                | 'eu'                        |
| dane              | 'nós <sub>inclusivo</sub> ' |
| ure               | 'nós <sub>exclusivo</sub> ' |
| ne                | 'tu'                        |
| pe                | 'vós'                       |

TABELA 4: MARCADORES PESSOAIS

Note que, em (21) e (22), a ocorrência do prefixo {r- ~ Ø-} é exigida para marcar a relação de adjacência entre os pronomes pessoais, na função de possessivo, e os substantivos *-wírapar* e *-əpíd*.

- (21) *he* Ø-*wírapar* “meu arco”  
*dane* Ø-*wírapar* “nosso<sub>inclusivo</sub> arco”  
*ure* Ø-*wírapar* “nosso<sub>exclusivo</sub> arco”  
*ne* Ø-*wírapar* “teu arco”  
*pe* Ø-*wírapar* “vosso arco”

TEMA NOMINAL DA CLASSE II

- (22) *he* r-*əpíd* “minha casa”  
*dane* r-*əpíd* “nossa<sub>inclusivo</sub> casa”  
*ure* r-*əpíd* “nossa<sub>exclusivo</sub> casa”  
*ne* r-*əpíd* “tua casa”  
*pe* r-*əpíd* “vossa casa”

Além dos demonstrativos, dos adjetivos, dos dêiticos e dos possessivos, o substantivo, núcleo do NP, pode ainda vir acompanhado do quantificador *wə*, com o qual forma o sintagma quantificador QP, conforme se vê pela configuração em (23):

(23) [QP [NP] [Q *wə*]]

Verifica-se, ainda, que o quantificador *wə* pode manter escopo quantificacional orientado tanto a um NP simples, conforme (24b), como a um sintagma complexo, constituído de um NP e de um sintagma posposicional, conforme ilustra o exemplo em (25).

(24a) *pira*  
peixe  
“peixe”

(24b) *pira wə*  
peixe mais de um  
“mais de um peixe”

(25) *tapiʔir dawsɨ r-ehe wə*  
anta jabuti C-com PL  
“a anta e o jabuti”

Assim como acontece com o dêitico *aʔe*, o quantificador *wə* também pode vir separado do(s) NP(s) com o(s) qual(is) mantém escopo quantificacional. É o que acontece nos exemplos (26) e (27) em que os NPs [<sub>NP</sub> *pira*] e [<sub>NP</sub> *tapiʔir*] vêm na

posição gramatical de sujeito da oração principal, enquanto o quantificador *wə* figura numa posição mais baixa na estrutura sintática<sup>6</sup>.

(26) *kon u-hem o-ho kwarahi-ete mehe*  
 quando 3-chegar 3-ir sol-INTS tempo  
 “Quando chega a época de sol”

*pira u-pita ipaw.ran pupe wə kurti*  
 peixe 3-fica poços dentro de mais de um então .  
 “Mais de um peixe fica dentro dos poços”.

(27) *Purutu w-esak ma?e r-emi?u*  
 Puruto 3-viu animais C-comida  
 “Puruto viu a fruteira.”

*a?e pe tapi?ir w-iko dawsi r-ehe wə*  
 ele em anta 3-estar jabuti C-com PL  
 “nela (fruteira), a anta e o jabuti estavam”.

Semanticamente, nota-se que a ocorrência do quantificador *wə*, nas orações (26) e (27), implica necessariamente na interpretação de que mais de um participante está envolvido na ação/evento expresso pelo predicado.

### 2.3. A POSPOSIÇÃO

Os sintagmas posposicionais da língua Tembé, doravante PPs, apresentam a ordem sintática [COMPL [NÚCLEO]], diferentemente da ordem sintática verificada nos PPs das línguas românicas, os quais apresentam sistematicamente a ordem [NÚCLEO

<sup>6</sup> Conforme a análise que desenvolvemos no capítulo 3, o comportamento flutuante do quantificador *wə* e do dêitico *a?e* nos serve como teste para a delimitação da fronteira entre o IP e o VP.

[COMPL]]. A posposição, núcleo do sintagma pospositivo, pode tomar os prefixos {r- ~ Ø-}, os quais indicam que o complemento da posposição vem adjacente à posposição, conforme se vê em (28a) e (29a).

#### COMPLEMENTO DA POSPOSIÇÃO ADJACENTE

(28a) *ko r-ehe*  
roça C-PSP<sup>7</sup>  
“Na roça.”

(29a) *ko Ø-pupe*  
roça C-PSP  
“Dentro da roça.”

A posposição pode ainda tomar o prefixo {h- ~ i-} para indicar que o complemento *ko* “roça” não está adjacente, já que foi omitido da sentença.

#### COMPLEMENTO DA POSPOSIÇÃO NÃO ADJACENTE

(28b) *h-ehe*  
NC-PSP  
“Nela (roça)”.

(29b) *i-pupe*  
NC-PSP  
“Dentro dela (roça)”.

Além das posposições *-ehe* e *-pupe*, há ainda outras que codificam diferentes nuances de significado, como direção, companhia, movimento, etc., conforme abaixo:

(30) -aikwera: atrás de  
-upi: dentro de, com  
-kutir: em direção a

---

<sup>7</sup> PSP é a abreviatura para posposição.

(- pe ~ me): em  
 -iruramo: junto de; na companhia de  
 -wi: originário de

## 2.4. MORFOSSINTAXE DO VERBO

Na língua Tembé, como os NPs não exibem morfemas específicos para indicar o Caso, os verbos transitivos podem vir com prefixos de nominativo ou de acusativo. Os prefixos nominativos, cuja função é marcar a relação de concordância entre o sujeito e o verbo, são indicados na tabela 5 abaixo.

| prefixos pessoais nominativos | significado                 |
|-------------------------------|-----------------------------|
| a-                            | “eu”                        |
| re-                           | “tu”                        |
| si- ~ da- <sup>8</sup>        | “nós <sub>inclusivo</sub> ” |
| uru-                          | “nós <sub>exclusivo</sub> ” |
| pe-                           | “vós”                       |
| u- ~ w- ~ o-                  | “ele(a)(s)”                 |

TABELA 5: MARCADORES PESSOAIS

A ocorrência dos prefixos nominativos no verbo transitivo dá-se quando o sujeito vem manifesto por meio dos pronomes de primeira ou segunda pessoa, singular ou plural, conforme mostram os exemplos abaixo.

- (31) *a-duka-rəm amoə*  
 1-matar-FUT outro-ARG  
 “(Eu) matarei outro (= o macaco)”.

<sup>8</sup> O prefixo {-si} é usado nos verbos transitivos, enquanto o prefixo {-da} ocorre nos verbos intransitivos

(32) *re-duka-rəm amoə*  
 2-matar-FUT outro- ARG  
 “(Tu) matarás outro (= o macaco)”.

(33) *uru-duka-rəm amo-ə*  
 nós<sub>exclusivo</sub> -matar.FUT outro- ARG.  
 “Nós<sub>exclusivo</sub> mataremos outro (= o macaco)”.

Por sua vez, nos contextos não-marcados<sup>9</sup>, em que tanto o sujeito quanto o objeto são de terceira pessoa<sup>10</sup>, a codificação do sujeito dá-se por meio do prefixo nominativo {*u-*}, conforme exemplo (34) abaixo:

<sup>9</sup> Estamos a considerar marcados aqueles contextos em que, por exemplo, o objeto é elevado para a periferia esquerda da oração, alterando assim a ordem básica, como acontece no seguinte exemplo:

(i) *uʔu teko upaw pira*  
 3-comer a gente todo o peixe  
 “A gente comeu todo o peixe”.

(ii) *upaw pira teko i-ʔu-n*  
 todo o peixe a gente NC-comer-DESLC  
 “Todo o peixe, a gente comeu”.

Veja que, nesse exemplo, a presença do prefixo {*i-*} e do sufixo {-*n*} aponta para o fato de que objeto *upaw pira* é deslocado para uma posição A-barra, no domínio do sistema CP.

<sup>10</sup> O sujeito sempre precede o objeto, quando ele for o agente e quando houver ambigüidade em se determinar, entre dois sintagmas nominais, qual deles é o agente, conforme se vê pelo contraste abaixo.

(i) *u-duka Sérgio amo tadahu aʔe mehe*  
 3-matar Sérgio outro porção ele dia  
 “Sérgio matou outro porção nesse dia”.

\*(ii) *u-duka amo tadahu Sérgio aʔe mehe*  
 3-matar outro porção Sérgio esse dia  
 “Sérgio matou outro porção nesse dia”.

- (34) *uʔu teko upaw pira*  
 3-comer a gente todo o peixe  
 “A gente comeu todo o peixe”.

Usam-se os prefixos acusativos para os contextos em que o objeto vem manifesto por meio de pronomes de primeira ou segunda pessoa, conforme abaixo.

- (35) *he ∅-duka-rəm dawar*  
 me c-matar-FUT onça  
 “A onça me matará”.

- (36) *ne ∅-duka-rəm dawar*  
 te c-matar.FUT onça  
 “A onça te matará”.

- (37) *he r-aro-rəm Purutu*  
 me c-esperar.FUT Purutu  
 “Purutu me esperará”.

- (38) *ne r-aro-rəm Purutu*  
 te c-esperar.FUT Purutu  
 “Purutu te esperará”.

Nos contextos em que o sujeito vem representado por um pronome de segunda pessoa e o objeto, por um pronome de primeira pessoa, o verbo recebe o prefixo acusativo {∅- ~ r-}, conforme se vê pelos exemplos abaixo.

- (39) *ne he ∅-kutuk-rəm*  
 tu me c-cutucar.FUT  
 “Tu me cutucará”.

- (40) *ne he r-aro-rəm*  
 tu me c-esperar.FUT  
 “Tu me esperará”.

A codificação do sujeito nos verbos intransitivos ocorre exclusivamente por meio dos prefixos pessoais nominativos, conforme abaixo:

- (41) *a-ha* “eu vou”  
*re-ho* “tu vais”  
*da-ha* “nós<sub>inclusivo</sub> vamos”  
*ro-ho* “nós<sub>exclusivo</sub> vamos”  
*pe-ho* “vós ides”  
*o-ho* “ele vai”

A codificação do sujeito nos predicados nominais que denotam cor, qualidade física, estado físico, valor, dimensão, etc dá-se exclusivamente por meio do prefixo acusativo, conforme indicam os dados abaixo.

- (42) *he*  $\emptyset$ -*kən*  
eu C-ser forte  
“Eu sou forte”.
- (43) *Pedro i-kən*  
Pedro NC-ser forte  
“Pedro é forte”.
- (44) *he r-upihid*  
eu C-estar com sono  
“Eu estou com sono”.
- (45) *Pedro h-upihid*  
*Pedro* C-estar com sono  
“Pedro está com sono”.

Além de prefixos para indicar Caso, os verbos podem trazer os sufixos modotemporais [-*rəm*], [-*wer*] e [-*tar*]. Semanticamente, o sufixo [-*rəm*] indica que o participante do processo verbal tem a intenção de realizar a ação num futuro próximo,

enquanto os sufixos [-tar] e [-wer] codificam a vontade, o desejo do participante em realizar o evento, conforme se vê nos exemplos abaixo:

(a) [-rəm]: INTENCIONALIDADE

- (46) *Siba u-duka-rəm dawar o-ho*  
 Siba 3-matar-FUT onça 3-ir  
 “Siba irá matar a onça”. [lit: terá a intenção de matar]

(b) [-wer]: VOLIÇÃO

[cf.: BOUDAIN, 1978:290]

- (47) *kamiraŋ pe he ø-ho-wer*  
 kamiranga para 1 C-ir-desejo  
 “Para kamiranga, desejo ir.”
- (48) *he ø-dahak-wer twe ʔar*  
 1 C-banhar-desejo frequentemente dia  
 “Eu desejo banhar diariamente”.

(c) [-(pu)tar]: VOLIÇÃO

[cf.: BOUDAIN, 1978:176-179]

- (49) *a-deʔeŋar-putar*<sup>11</sup>  
 1.cantar-querer  
 “(eu) quero cantar”.

<sup>11</sup> Há evidências de que este sufixo tenha se originado do verbo -(pu)tar “querer”, visto que ambos têm um significado muito semelhante. Para Bendor-Samuel (1972:93), -(pu)tar “is homophonous with a verb root meaning ‘to desire’, de modo que podemos ter o paradigma de conjugação indicado abaixo:

|     |                   |           |                        |
|-----|-------------------|-----------|------------------------|
| (i) | a-putar ‘quero’   | uru-putar | ‘queremos (exclusivo)’ |
|     | re-putar ‘queres’ | si-putar  | ‘queremos (inclusivo)’ |
|     | u-putar ‘quer’    | pe-putar  | ‘quereis’              |

O verbo pode ainda apresentar o morfema circunfixal {*na-.....-d*} para indicar a negação, conforme mostram os dados abaixo.

- (50a) *ure*                      *uru-duka*  
 nós<sub>exclusivo</sub>                nós<sub>exclusivo</sub>-matar  
 “Nós matamos”
- (50b) *ure*                      *n-uru-duka-d*  
 nós<sub>exclusivo</sub>                NEG1- nós<sub>exclusivo</sub>-matar-NEG2  
 “Nós não matamos”
- (51a) *pe-sak*  
 2PL-ver  
 “(Vós) vistes”
- (51b) *na-pe-sak-∅*  
 NEG1-2PL-ver- NEG2  
 “(Vós) não vistes”

Juntamente com o prefixo {*n-*} pode aparecer outro além do sufixo {...-*d*}, conforme se vê nas negações abaixo.

- (52a) *u-duka*                *Pedro kuri.*  
 3-matar                Pedro então  
 “Pedro mata (algo)”.
- (52b) *n-u-duka-d*                *Pedro kuri.*  
 NEG1-3-matar-NEG2    Pedro então  
 “Pedro não mata (algo)”.
- (52c) *n-u-duka-kwaw*                *Pedro*                *kuri.*  
 NEG1-3-matar-NEG2    Pedro                então  
 “Pedro não mata (algo) [porque não tem condições físicas]”.

Note que o sufixo {...-d} implica que a ação, embora não tenha ocorrido, pode ainda realizar-se em outro momento. Já o sufixo {... kwaw}, em (52c), indica que a ação nunca se realizará, devido à incapacidade física do agente<sup>12</sup>.

Em relação à ordem, vê-se que os sufixos modo-temporais [-wer], [-tar] e [-rəm] aparecem internos aos sufixos de negação {...-d} e {...-kwaw}, conforme mostram os dados abaixo:

- (53) *na-he-∅-kaʔa-mono-wer-kwaw*  
 NEG1-1-C-caçar.desejo-NEG2  
 “Não desejo caçar”.
- (54) *n-erí-piʔə.díwir-əm-kwaw*                      *no*  
 NEG1-2-arrepender-se- FUT.NEG2                      também  
 “Não se arrependerás”.
- (55) *na-i-parə-parə-wer-i*  
 NEG1-NC-ser deficiente-ser deficiente dos membros superiores-desejo-NEG 2  
 “Não queria ser deficiente não”.

<sup>12</sup> O contraste de significado entre {...-d} e {...-(k)waw} pode ser também notado em outros contextos, como os indicados abaixo.

- (i) *n-w-esak-∅*                      *Pedro kurí.*  
 NEG1-3-ver-NEG2                      Pedro    então  
 “Pedro não vê (algo)”.
- (ii) *n-w-esak-waw*                      *Pedro kurí.*  
 NEG1-3-ver-NEG2                      Pedro    então  
 “Pedro não enxerga mais”. [está incapacitado para tal atividade]

## 2.5. ORDEM DOS CONSTITUENTES NAS ORAÇÕES INDEPENDENTES

Em orações declarativas absolutas, cinco ordens são possíveis: VSO, SVO, VOS, SOV e OSV, conforme mostram os exemplos abaixo:

### ORDEM VSO

- (56) *w-ekar teko wakari ita r-ehe*  
3-procurar a gente acari pedra C-em  
“A gente procura acari na pedra”.

### ORDEM SVO

- (57) *he-hĩ u-m-ur maŕe r-oŕo-kwer ha-we.*  
1-mãe 3-fazer-*vir* coisa C-carne-PASS I-DAT  
“Minha mamãe deu carne para mim”.

### ORDEM VOS

- (58) *w-api ko teko kuri*  
3-queimar roça a gente então  
“A gente queima a roça então”.

### ORDEM SOV

- (59) *Pedro i-kihaw u-dusi*  
Pedro NC-rede COR-amarrar  
“Pedro amarrou a rede dele”.

### ORDEM [PP [ OSV]

- (60) *aŕe pe ko teko u-dapo kuri*  
3 em roça a gente 3-fazer então  
“Lá, roça, a gente faz”.

As duas primeiras ordens são mais produtivas, conforme mostra um estudo realizado por Duarte (1997), que teve como corpus um conjunto de 160 sentenças. Na maioria das vezes em que o sujeito e o objeto estão presentes, notou-se que a ordem

predominante é VSO<sup>13</sup>, em orações principais, e OV, em orações encaixadas que apresentam o complementizador em posição final.

Verifica-se que verbos auxiliares sistematicamente seguem o verbo lexical, podendo resultar nas ordens VSOAux e SVOAux. Dentre esses verbos, merecem destaque os auxiliares de movimento *-ho* “ir” e *-ur* “vir”, os posicionais *-ini* “estar parado, permanecer” e o verbo *-iko* “estar” usado para indicar o aspecto progressivo, conforme os exemplos abaixo<sup>14</sup>:

(61) *w-ekar teko kaʔa te o-ho.*  
 3-procurar a gente mato de verdade 3-ir  
 “A gente vai procurar o mato alto”.

(62) *u-duka Purutu tapiʔir ur*  
 3-matar Purutu anta 3-ir  
 “Purutu vem matar a anta”.

(63) *a-maiʔu t-ɛni a-pɛk pə.*  
 1-comer 1-estar 1-sentar COMP  
 “Estou comendo, sentado”.

(64) *uru-ekar tapiʔir uru-iko*  
 nós<sub>exclusivo</sub> -procurar anta nós<sub>exclusivo</sub>-estar  
 “Estamos procurando anta”.

<sup>13</sup> Esta é também a ordem predominante na língua Guajajara. Consoante Harrison (1986:408), “although Guajajara is verb-final in dependent clauses (...), the dominant order in independent clauses is VSO, in the rare cases where both S and O third person nominals are present”.

<sup>14</sup> Além dos verbos auxiliares acima, registrou-se ainda o auxiliar *hereko*, que é usado para indicar uma ação realizada intermitentemente, conforme abaixo:

(i) *u-muʔəŋaw kawaw hereko aʔe.*  
 3-marcar a cuia estar ele  
 “Ela está marcando a cuia (intermitentemente, aos poucos)”.

Nessas construções, verifica-se que não só o verbo auxiliar como também o verbo lexical são marcados com a flexão de concordância sujeito-verbo. Todavia, o auxiliar *-iko* difere dos auxiliares de movimento *ur e oho*, pelo fato de apresentar flexão irregular para a primeira, a segunda e terceira pessoa do singular, conforme indicam os paradigmas abaixo.

(65) FLEXÃO DO AUXILIAR *-iko*<sup>15</sup>

[CF.: BOUDAIN, 1978:382]

|          |                      |                           |
|----------|----------------------|---------------------------|
| a-puka   | i-teko <sup>16</sup> | estou rindo               |
| ere-puka | iko                  | estás rindo               |
| u-puka   | iko                  | está rindo                |
| da-puka  | da-iko               | estamos rindo (inclusivo) |
| uru-puka | uru-iko              | estamos rindo (exclusivo) |
| pe-puka  | pe-iko               | estais rindo              |
| u-puka   | iko wə               | estão rindo               |

(66) FLEXÃO DO AUXILIAR *-ho*

|         |         |                                  |
|---------|---------|----------------------------------|
| a-ro    | a-ha    | vou esperar (algo)               |
| ere-aro | re-ho   | vais esperar (algo)              |
| w-aro   | o-ho    | vai esperar (algo)               |
| si-aro  | da-ha   | vamos esperar (algo) (inclusivo) |
| uru-aro | uru-iko | vamos esperar (algo) (exclusivo) |
| pe-aro  | pe-ho   | ides esperar (algo)              |
| w-aro   | o-ho wə | vão esperar (algo)               |

<sup>15</sup> Consoante Boudain (idem), o auxiliar *iko* "*origina-se da pré-raiz ko, que implica uma noção de vivência*".

<sup>16</sup> Observamos que tem havido regularização nas formas de primeira, segunda e terceira singulares, talvez por analogia com as formas regulares dos outros auxiliares, conforme indica o paradigma abaixo.

|          |        |             |
|----------|--------|-------------|
| a-puka   | a-iko  | estou rindo |
| ere-puka | re-iko | estás rindo |
| u-puka   | w-iko  | está rindo  |

Observa-se, ainda, que nos contextos em que o objeto vem manifesto por meio de pronomes pessoais de primeira e segunda singulares, apenas o verbo transitivo recebe o prefixo acusativo. Esta é a situação no exemplo (67), uma vez que o verbo lexical toma o prefixo acusativo {r-} para marcar adjacência do objeto ao verbo transitivo, ao passo que o verbo auxiliar é marcado com o prefixo nominativo {o-}.

- (67) *tenetehar*                    *he*    *r-aro*                    *o-ho*  
       *tenetehara*                    *me*    C-ver                    3-ir  
       “O índio *tenetehara* veio me esperar”.

### 2.5.1. POSIÇÃO DOS ADVÉRBIOS TEMPORAIS

Os advérbios temporais são *kwehe*, que se refere a uma ação ocorrida num passado remoto, *kwed*, que sinaliza um evento realizado num passado recente e *nehe*, utilizado para indicar o futuro, conforme a seguinte representação:

| PASSADO REMOTO | PASSADO RECENTE | FUTURO      |
|----------------|-----------------|-------------|
| X              | X               | X           |
| <i>kwehe</i>   | <i>kwed</i>     | <i>nehe</i> |

Além da diferença semântica, observa-se que esses advérbios não apresentam a mesma distribuição sintática na oração. O advérbio *kwehe* ocupa uma posição mais alta na estrutura, ao passo que *nehe* e *kwed* vêm numa posição mais baixa na estrutura.

Em geral, o advérbio *kwehe* ocorre no início da oração, conforme o exemplo em (68) ou logo depois do verbo, conforme o exemplo em (69).

(68) *kwehe*      *Siba*   *u-meʔe*      *kwəð*      *ɪpaw*      *wad*  
 DPASS      Siba   3-olhar      outro      lago      lado  
 “Siba olhou para o outro lado do lago”.

(69) *u-meʔe*      *kwehe*      *Siba*   *kwəð*      *ɪpaw*      *wad*  
 3-olhar      DPASS      Siba   outro      lago      lado  
 “Siba olhou para o outro lado do lago”.

Tomando por base as posições sintáticas ocupadas por *kwehe*, nos exemplos acima, uma possibilidade é a de que ele seja um advérbio de tipo sentencial, gerado em adjunção ao IP, conforme a seguinte representação:

(70) [CP.....[IP *kwehe* [IP.....[VP.....]]]]

Quando o constituinte deslocado para a periferia esquerda da oração não é o verbo, mas um NP ou um sintagma posposicional, notamos que o advérbio *kwehe* segue-os, conforme indicam os dados abaixo.

PP OBLÍQUO DESLOCADO PARA ANTES DO ADVÉRBIO *kwehe*

(71) *Piki*   *dɪpa*   *pe*      *kwehe*      *ru-dapi-api*      *aʔe*   *dawar*.  
 Piki   lago   em   DPASS      nós<sub>exclusivo</sub>-atirar-atirar      ela   onça  
 “No lago do piki, (nós) atiramos nela, onça (ela, onça a que estamos nos referindo)”.

NP SUJEITO DESLOCADO PARA ANTES DO ADVÉRBIO *kwehe*

(72) *kuʔem*      *kwehe*      *o-ho*      *kurɪ*  
 o dia      DPASS      3-ir      então  
 “O dia veio então”.

(73) *aʔe*   *kwehe*      *u-r*   *iko*      *w-ape*      *rupi*   *reʔe*.  
 ela   DPASS      3-uir   estar      COR-caminho   em   PART  
 “Ela (a onça) estava vindo pelo caminho dela”.

Conforme mostramos nos capítulos 4 e 6, esse advérbio serve-nos como teste para a delimitação da fronteira entre o IP e o CP, de modo que, em (69), teremos de admitir que o verbo é deslocado para núcleo de uma projeção funcional FP, pertencente ao sistema CP e que, nos exemplos (71) a (73), o PP locativo *piki dīpa pe* “no lago do piki” e os NPs sujeito *kuʔem* e *aʔe* são deslocados para a posição de especificador de uma projeção FP, também pertencente ao sistema CP.

Já os marcadores *kwed* e *nehe* têm uma posição fixa na sentença transitiva, figurando após o NP objeto, conforme os exemplos abaixo:

(74) *w-aro*            *Sinaʔi*            (\**nehe*)            *dawar pinim*            *nehe*  
 3-esperar        *Sinaʔi*            FUT            onça    pintada            FUT  
 “*Sinaʔi* esperará a onça pintada”.

(75) *Sinaʔi u-duka*            (\**kwed*)            *dawar pinim*            *kwed*  
*Sinaʔi* 3-matar            IPASS            onça    pintada            IPASS  
 “*Sinaʔi* matou a onça pintada”. [lit.: acabou de matar]

Entretanto, há situações em que *kwed* pode vir antes do objeto, conforme (76). Contudo, a interpretação não é a mesma da obtida em (75), haja vista que, nesse caso, *kwed* será entendido, não como um marcador temporal, mas como um demonstrativo.

(76) *Sinaʔi*            *u-duka*            *kwed*    *dawar pinim*  
*Sinaʔi*            3-matar            aquela onça    pintada  
 “*Sinaʔi* matou aquela onça pintada”.

Além de não poderem vir antes do objeto, verifica-se que esses marcadores contrastam com o advérbio *kwehe* porque não podem vir no início do predicado, nem imediatamente depois do verbo, conforme ilustram os dados abaixo:

- (77) (\**nehe*) *Sinaʔi* (\**nehe*) *waro* (\**nehe*) *dawar pinim nehe*  
 (78) (\**kwed*) *Sinaʔi* (\**kwed*) *uduka* (\**kwed*) *dawar pinim kwed*

As restrições apontadas acima parecem, portanto, relacionar-se ao fato de que os advérbios temporais *kwed* e *nehe* são gerados em adjunção a VP<sup>17</sup>, não podendo, por isso, figurar em outras posições na oração, conforme ilustra a representação abaixo:

- (79) [CP \**nehe/kwed* ....[IP \**nehe/kwed*..... [IP.....[VP *nehe/kwed* [VP...]]]]

## 2.6. ORDEM DOS CONSTITUINTES NAS ORAÇÕES SUBORDINADAS

A ordem dos constituintes nas orações subordinadas irá depender do tipo da cláusula. Nas orações de gerúndio e temporais, verificamos que o complementizador sempre ocorre à direita e o objeto ou o sujeito do verbo intransitivo, sistematicamente, precedem o verbo, ordens [[OV][COMP]] e [[SV][COMP]]. Nesses contextos, o verbo, em geral, toma os prefixos de acusativos, conforme os exemplos abaixo:

<sup>17</sup> Estamos adotando nesse trabalho a proposta de Bobaljik e Jonas (1996:212) de que advérbios são gerados em adjunção a projeções máximas, i.e., XP. De acordo com esta análise, advérbios sentenciais ocorrem em adjunção a TP e advérbios mediais vêm em adjunção a VP.

(80) *a-ha* [*kaʔi*      *r-esak*      *pə*] *kur ɛ̃*  
 1-ir macaco C-ver COMP então  
 “(Eu) fui para ver o macaco então”.

(81) *w-enu*      *he*      *r-imiriko*      [*kaʔi*      *ə-deʔeŋ*      *mehe*]  
 3-ouvir      minha c-esposa      macaco      C-falar      COMP

*kwed*      *ʔɛ̃*      *wad*      *r-ehe*  
 aquele      rio      lado      c-de

“Minha esposa ouviu quando o macaco assobiava do outro lado do rio”.

Oposto às orações de gerúndio e temporais dos exemplos acima, verifica-se que as orações subordinadas concessivas e temporais permitem que o complementizador concessivo *ade* e o complementizador temporal *kon*<sup>18</sup> venham em posição inicial, ordem [COMP [SVO]]. Elas admitem ainda que a ordem dos constituintes internos varie, opondo-se à ordem OV rígida das orações temporais e de gerúndio, conforme evidenciam os exemplos (82) e (83) abaixo.

(82) *kon*      *w-esak*      *kaʔa*      *te-ə*      *kur ɛ̃*  
 quando      3-ver      mato      de verdade-ARG      então

*aʔe*      *pe*      *ko*      *teko*      *u-dapo*      *kur ɛ̃*  
 ele (mato)      em      roça      a gente      3-fazer      então

“Quando a gente achar o mato alto, nele, roça, a gente faz”.

<sup>18</sup> Consoante Duarte (1997:78), o surgimento de orações subordinadas com complementizador em posição final pode ser entendida como uma inovação tipológica na língua Tembé, talvez por influência do contato com o Português regional.

- (83) *ade dawar Pedro u-duka nehe*  
 se onça Pedro 3-matar FUT  
  
*tenetehar he ø-anam u-daʔio-rəm wə*  
 tenetehar meus c-parentes 3-chorar. FUT PL  
 “Se a onça matar Pedro, os meus parentes teneteharas vão chorar”.

## 2.7. ORAÇÕES INTERROGATIVAS

Na análise que se segue, averiguamos como se estruturam as perguntas SIM/NÃO e as construções interrogativas tipo-qu. Nosso objetivo é mostrar a posição sintática em que ocorrem os operadores e palavras interrogativas. Começamos, então, pelas interrogativas SIM/NÃO.

As perguntas SIM/NÃO se caracterizam por trazerem a partícula dubitativa *ruʔu* e a partícula interrogativa *aipo* em posições distintas dentro da oração. Além disto, nota-se que o verbo figura em primeira posição na sentença, conforme ilustram as sentenças (84) a (86).

- (84) *ne-katu ruʔu*  
 2-estar bem DUB  
 “Estás bem?”
- (85) *u-ʔar ruʔu dawar ʔi pe*  
 3-entrar DUB onça água em  
 “A onça entrou na água?”
- (86) *u-kir-rəm əmən aipo kurti*  
 3-chover- FUT chuva INTER então  
 “A chuva choveu?”

Observe que a partícula dubitativa *ruʔu* difere da partícula *aipo* pelo fato de que a primeira ocupa a segunda posição na sentença, conforme ilustram os exemplos (87) e (88), enquanto *aipo* ocorre em posição final, conforme (89).

(87) *u-kwaw ruʔu aipo*  
 3-saber DUB INTER  
 “Será que ele (o homem branco) sabe (falar a língua)?”

(88) *tirəm ruʔu pe-dapo iko*  
 farinha DUB 2PL-fazer estar  
 “Farinha, vós estais fazendo?”

(89) *ere-dapo puhəd kaʔa r-upi har aipo*  
 2-fazer remédio mato C-em que INTER  
 “Tu fazes remédio (que é) do mato?”

Todavia, quando não ocorre constituinte na periferia esquerda da oração, podem acontecer situações em que as partículas *ruʔu* e *aipo* apareçam em posição inicial. Nesses contextos, verificamos que a partícula *aipo* precede a partícula *ruʔu*, conforme se vê no exemplo (90).

(90) *aipo ruʔu he r-esakaʔu*  
 INTER DUB me C-ter saudades  
 “Tens saudades de mim?”

Nota-se, ainda, que os pronomes interrogativos *maʔe* [-humano] e *amo* [+humano] podem combinar-se com posposições para formar palavras interrogativas

derivadas, em geral de natureza oblíqua, locativa ou temporal, conforme os dados em (91a-b).

(91)

(a) interrogativos formados a partir de *maʔe* [-humano]

|                     |                |
|---------------------|----------------|
| <i>maʔe</i>         | “o que”        |
| <i>maʔe pe</i>      | “onde”         |
| <i>maʔe mehe</i>    | “quando”       |
| <i>maʔe wi</i>      | “de onde”      |
| <i>maʔe rehe</i>    | “sobre o que”  |
| <i>maʔe iruramo</i> | “com o que”    |
| <i>maʔe dewe</i>    | “como é que é” |

(b) interrogativos formados a partir de *amo* [+humano]

|                         |              |
|-------------------------|--------------|
| <i>amo</i>              | “quem”       |
| <i>amo pe</i>           | “para quem”  |
| <i>amo rehe</i>         | “sobre quem” |
| <i>amo iruramo/rupi</i> | “com quem”   |

Além dos pronomes interrogativos acima, há ainda dois outros, a saber: o item *marədəwe* e *mərən*, conforme se vê abaixo:

(c) *marədəwe* “como, de que maneira, por que razão”  
*mərən* “que, como, quantos, quantas”

Essas palavras interrogativas introduzem orações interrogativas tipo-qu, o que nos permite assumir, de antemão, que o traço [QU], presente nas orações interrogativas, é satisfeito por meio do movimento sintático de todo o sintagma-qu para a posição de especificador de uma projeção FP, no domínio do CP, conforme o exemplo abaixo:

- (92) *maʔe te Siba u-pihik o-ho.*  
 que que Siba 3-pegar 3-ir  
 “O que que Siba vai pegar?”

As palavras-qu podem vir acompanhadas das partículas *te*, *ruʔu* e *aipo*.

Dentre essas, somente as duas primeiras ocorrem adjacentes às palavras interrogativas, conforme exemplos (93) a (96), enquanto a partícula *aipo*, tal como acontece nas perguntas SIM/NÃO, figura em posição final, em geral, depois do objeto, conforme exemplo (97).

PALAVRAS INTERROGATIVAS SEGUIDAS DA PARTÍCULA *te*

- (93) *amo te u-pihik tapiʔir nehe*  
 quem que 3-pegar anta FUT  
 “Quem que pegará anta?”
- (94) *maʔe mehe te u-diwir wə*  
 que tempo que 3-voltar mais de um  
 “Quando que (eles) voltaram?”

PALAVRAS INTERROGATIVAS SEGUIDAS DA PARTÍCULA *ruʔu*

- (95) *maʔe ruʔu ne r-u u-duka aʔe*  
 o que DUB teu C-pai 3-matar ele  
 “O que teu pai matou?”
- (96) *maʔe pe ruʔu Pedro i-ho-ni kuri*  
 que em DUB Pedro NC-ir-DESL então  
 “Onde Pedro foi então?”

PARTÍCULA *aipo* APÓS O OBJETO

- (97) *məʔədewe ere-petek ne ø-mimír aipo*  
 por que 2-bater teu C-filho INTER  
 “Por que (tu) bateste em teu filho?”

Além das co-ocorrências observadas nos exemplos acima, verificamos que elementos deslocados para a periferia esquerda da oração, tais como NPs, seguem a partícula *te*, como pode ser verificado no exemplo (98), em que o sintagma nominal *íwipo* “cipó” vem entre o sintagma-qu e o verbo.

NP DESLOCADO

- (98) *ma?e pe te íwipo ere-do?ok ne si?i?*  
 que em que cipó 2-tirar tu PART  
 “Onde que, cipó, tu tiraste?”

Em suma, as interrogativas tipo-qu diferem das perguntas SIM/NÃO porque, somente, nestas últimas, o verbo pode vir em primeira posição.

## 2.8. RESUMO DO CAPÍTULO

Vimos nesse capítulo que o prefixo {r- ~ Ø-} é usado para marcar a relação sintática de adjacência entre o complemento e o núcleo nos sintagmas possessivos e nas posposições e para marcar a atribuição de Caso acusativo ao NP objeto. Já o prefixo {h- ~ i-} marca a não adjacência do complemento em relação ao núcleo da posposição e do sintagma genitivo. Ocorre nos verbos transitivos para marcar que o objeto não está imediatamente adjacente. Os prefixos nominativos, por sua vez, só aparecem nos verbos transitivos e intransitivos para indicar a concordância sujeito-verbo e viabilizar a atribuição de Caso nominativo. Foi mostrado ainda que a ordem predominante nas orações principais é VSO, embora as ordens SVO, SOV e VOS possam também ocorrer. Já, nas orações subordinadas com complementizador final, notamos que a ordem predominante é [OV[COMP]], em orações transitivas, e [SV[COMP]], em orações intransitivas. Tomando por base estas propriedades gramaticais, buscamos, no próximo capítulo, determinar a posição que o verbo e seus argumentos ocupam nas orações transitivas cuja ordem predominante é VSO. Nosso objetivo é identificar se essa ordem é derivada por meio do movimento somente do verbo para núcleo de IP ou se por meio do deslocamento do verbo, do sujeito e do objeto para posições acima do VP. Para tanto, partimos do pressuposto de que a ordem básica inicial é SVO, conforme Kayne (1994), e que qualquer alteração nesse padrão deve-se a movimento de constituintes para projeções funcionais acima do VP.

### CAPÍTULO 3: A POSIÇÃO DO VERBO E DE SEUS ARGUMENTOS

Este capítulo tem por objetivo delimitar a fronteira entre o VP e o IP e identificar as posições que o verbo e seus argumentos ocupam nas orações principais da língua Tembé.

Nessa língua, em orações não marcadas, isto é, declarativas afirmativas, o verbo tende a vir em primeira posição, emergindo a ordem VSO, conforme o exemplo abaixo:

- (1)    *u-haw*            *teko*            *íwira*  
      3-cortar        a gente        madeira  
      “A gente corta madeira”.

Um problema inicial que a ordem VSO coloca para nossa análise é como conciliá-la com a proposta de Kayne (1994), segundo a qual o verbo e seus argumentos são gerados internos ao VP em todas as línguas. Se, em consonância com Marantz [1984:23-31, citado por McCloskey (1997)], assumirmos que os complementos são argumentos internos do verbo, que recebem seus papéis semânticos do verbo sozinho, e sujeitos, por sua vez, são argumentos externos do verbo que recebem seu papel temático pelo composto formado pelo verbo e o argumento interno: [<sub>V</sub>VO], como dar conta da ordem VSO, tendo em vista a assimetria refletida entre argumentos internos e externos, presentes em outras línguas?

Tomando por base a hipótese de que a ordem básica é SVO e as considerações sobre a atribuição do papel temático aos argumentos selecionados pelo verbo, nas próximas seções, discutimos a linearização da ordem VSO, tentando fornecer evidências empíricas que nos permitam compreender a arquitetura das orações declarativas principais na língua Tembé.

Este capítulo está organizado da seguinte maneira. Na seção 3.1, assumindo a proposta de Vikner (1994) sobre a correlação entre morfologia verbal e movimento do verbo, adoto a hipótese de que o verbo no Tembé sobe para núcleo de IP nas orações VSO. Nas seções 3.2 e 3.3., mostramos que a distribuição sintática do quantificador *wə*, do dêitico *aʔe* e de advérbios de VP, como os advérbios *nehe* e *kwed*, serve (i) como diagnóstico para a localização da posição de base do sujeito; (ii) para demarcar a fronteira entre o VP e o IP e (iii) para mostrar que o sujeito e o objeto são elevados para fora do VP em Tembé.

### 3.1. MOVIMENTO DO VERBO FINITO PARA I<sup>o</sup>

Vamos inicialmente supor que em Tembé o verbo e seus argumentos são gerados na ordem SVO, o que permitirá dar conta da assimetria semântica, conforme Marantz (ibid).

Na sentença (2) abaixo, o verbo aparece à esquerda do sujeito. Isso sugere, então, que a ordem SVO interna ao VP foi afetada pelo movimento do verbo.



Vikner (1994:118-119) também nota uma tendência geral de que o verbo seja elevado para núcleo de IP sempre que carrega morfologia rica de pessoa. Para averiguar esta correlação, Vikner considerou o paradigma de conjugação do verbo *throw* “jogar, arremessar” em três línguas germânicas: o Islandês, o Faroese e o Dinamarquês.

(4) *throw*, infinitivo e presente do indicativo

|       |      | Islandês    | Faroese     | Dinamarquês. |
|-------|------|-------------|-------------|--------------|
|       | inf. | kasta       | kasta       | kaste        |
| SG.   | 1    | ég kasta    | eg kasti    | jeg kaster   |
|       | 2    | qú kastar   | tu kastar   | du kaster    |
|       | 3    | hann kastar | hann kastar | han kaster   |
| PL.   | 1    | við köstum  | vit kasta   | vi kaster    |
|       | 2    | pið kastið  | tít kasta   | I kaster     |
|       | 3    | peir kasta  | tey kasta   | de kaster    |
| TOTAL |      | 4           | 3           | 1            |

No paradigma acima, o Islandês difere do Faroese e do Dinamarquês por apresentar morfemas de pessoa no singular e no plural. No Faroese, por exemplo, o verbo *kasta* “throw” apresenta apenas as terminações *i-* (1sg) e *-ar* (2sg, 3sg), e nenhuma terminação para pessoa no plural. Segundo Vikner (ibid), a forma *kasta* que ocorre no plural do presente do indicativo é idêntica à forma do infinitivo e do imperativo singular. Já, no Dinamarquês, a forma *kaster* é idêntica em todas as pessoas do discurso, tanto no singular como no plural. A terminação *-er* da raiz verbal é analisada como sendo manifestação de tempo no verbo, e não como marcação de pessoa. Conforme Roberts (1993), movimento  $V \rightarrow I^0$  está diretamente associado ao fato de a língua possuir ou não morfemas distintos de pessoa tanto no singular como

no plural. Das três línguas constantes do paradigma em (4), apenas o Islandês permite elevação  $V \rightarrow I^0$ , visto que apresenta morfemas de pessoa para o singular e plural.

Nesse aspecto, o Tembé se assemelha ao Islandês por apresentar flexão verbal rica de pessoa no singular e no plural. Isto pode ser observado se analisamos o paradigma de conjugação do verbo *-dapo* “fazer” em (5). Neste paradigma, observa-se seis prefixos pessoais distintos, três no singular e três no plural.

(5) *-dapo*: fazer, presente do indicativo

|     |      |           |                                    |
|-----|------|-----------|------------------------------------|
|     | ihe  | a-dapo    | “eu faço”                          |
| SG. | ne   | re-dapo   | “tu fazes”                         |
|     | aʔe  | u-dapo    | “ele faz”                          |
|     | ure  | uru-dapo  | “nós <sub>exclusivo</sub> fazemos” |
| PL. | dane | si-dapo   | “nós <sub>inclusivo</sub> fazemos” |
|     | pe   | pe-dapo   | “vós fazeis”                       |
|     | aʔe  | u-dapo wə | “eles fazem”                       |

Com base na conjugação do verbo *-dapo*, chegamos ao seguinte quadro sinóptico de pronomes e prefixos pessoais:

| Pronomes pessoais | Prefixos pessoais nominativos |                          |
|-------------------|-------------------------------|--------------------------|
| he                | a-                            | eu                       |
| dane              | si- ~ da-                     | nós <sub>inclusivo</sub> |
| ure               | uru-                          | nós <sub>exclusivo</sub> |
| ne                | re-                           | tu                       |
| pe                | pe-                           | vós                      |
| -                 | u-                            | ele                      |

Tabela 1: marcadores pessoais

Portanto, a existência de prefixos pessoais no singular e no plural favorece a proposta de estrutura oracional em (3b), na qual o traço flexional de I<sup>o</sup>, por ser forte, é o responsável pela elevação do verbo antes de Spell-Out.

Outras evidências a favor de elevação V→I vêm do fato de que línguas de sujeito nulo, além de exibirem marcação morfológica de pessoa rica e transparente no verbo, permitem ocorrência de sujeitos nulos e extração-qu do sujeito encaixado sobre um complementizador visível, conforme sugerem os dados abaixo, retirados de Rizzi (1997:270-273).

(i) marcação morfológica de concordância de sujeito-verbo rica e transparente:

- (a) It.: parl-o, parl-i, parl-a, parl-iamos, parl-ate, parl-ano
- (b) Cat.: parl-o, parl-es, parl-a, parl-em, parl-eu, parl-en
- (c) Fr.: parl, parl-õ, parl-é

(ii) sujeitos nulos com a interpretação referencial:

- (a) \_\_\_\_\_parla.
- (b) \_\_\_\_\_parle

(iii) extração-qu de um sujeito encaixado sobre um complementizador visível:

- (a) Chi credi che \_\_\_\_\_ telefonerà?
- (b) Qui creus que \_\_\_\_\_ telefonarà?

Na representação em (3b), parece que o sujeito temático permanece in situ, em [SPEC, VP], enquanto o verbo sobe para I<sup>o</sup>. A possibilidade de licenciar um sujeito temático em posição pós-verbal é uma das propriedades que caracterizam línguas de sujeito nulo. Nas orações (6a-b) e (7a-b), podemos omitir o sujeito sem prejuízo para

a gramaticalidade da frase, conforme os exemplos (6b) e (7b), o que mostra ser o Tembé uma língua de sujeito nulo.

(6a) *a-dapo*      *rəm*              *tɪrə̃m*      *ihe.*  
 1-fazer      FUT              farinha      eu  
 “Eu farei farinha”

(6b) *a-dapo*      *rə̃m*              *tɪrə̃m*  
 1-fazer      FUT              farinha  
 “Farei farinha”

(7a) *u-mu-keʔe*      *pira*    *teko*      *kurɛ̃*  
 3-fazer-moquear      peixe    a gente      então  
 “A gente moqueia peixe”

(7b) *u-mu-keʔe*      *pira*    *kurɛ̃*  
 3-fazer-moquear      peixe    então  
 “(A gente) moqueia peixe”

É como se, nas línguas de sujeito nulo, a concordância morfológica forte possuísse um traço [+pronominal] que é capaz de verificar o EPP. Devido a esse traço flexional, línguas de sujeito nulo como o Tembé tendem a licenciar elevação visível do verbo para I<sup>o</sup> e a permitir sujeito pós-verbal. Assim, a estrutura de (6a) seria (8)

(8) [<sub>IP</sub> pro<sup>1</sup> [<sub>I<sup>o</sup></sub> adapo-rə̃m [<sub>XP</sub> tɪrə̃m [<sub>X</sub> [ihe t<sub>verbo</sub>]]]]

Se a configuração sintática em (8) estiver mesmo correta, segue-se, então, que o sujeito está in situ. Na próxima seção, vamos discutir a viabilidade dessa suposição nas sentenças VSO, apresentadas em (1) e (2).

### 3.2. POSIÇÃO DO SUJEITO

Na seção anterior, buscamos mostrar que o verbo no Tembé se move para fora do VP. Nesta seção, interessa-nos identificar a posição que o sujeito ocupa na oração, em (2), repetida aqui em (9). Como hipótese inicial, assumirei que, nesta sentença, o sujeito está dentro do VP.

- (9) [IP *u-dapo* [VP *awa* [V' t<sub>v</sub> *tírə̃m*]  
3-fazer homem farinha  
“O homem fez farinha”.

Uma evidência contra essa proposta pode ser encontrada com base na posição ocupada pelo quantificador *wə̃* na sentença abaixo.

- (10) *u-dapo* *awa* [XP *tírə̃m* [X [VP *wə̃* ]]  
3-fazer homem farinha mais de um  
“Mais de um homem fez farinha”.

Este quantificador tem escopo orientado para o sujeito e indica que mais de um indivíduo participa da ação expressa pelo predicado. Admitamos, então, que este quantificador seja um núcleo Q<sup>o</sup> que projeta um sintagma quantificador, doravante denominado de QP. Suponhamos ainda que este Q<sup>o</sup> c-seleciona o NP *awa*, formando com ele o QP em (11).

- (11) [QP [Q<sup>o</sup> [NP NP]]  
(12) [QP [Q<sup>o</sup> *wə̃* [NP *awa* ]]

---

<sup>1</sup> Sujeito nulo

A ordem verificada em (11-12), embora seja a ordem em que os constituintes são gerados numa etapa anterior da computação sintática, não é efetivamente observada na sintaxe visível, em Tembé. A razão pode estar relacionada ao fato de que o quantificador  $w\theta$ , quando retirado do léxico e inserido na numeração, carrega um traço de concordância forte: [+AGR]. Na perspectiva do minimalismo, este traço tem de ser verificado antes de Spell-Out, já que, por hipótese, somente traços fortes são visíveis em PF. A eliminação deste traço acontece quando se dá, então, o movimento visível do NP *awa* para [SPEC, QP]. Então, para que haja a convergência do QP, em (12), ocorre a elevação do NP *awa* para [SPEC, QP], conforme indicamos na derivação em (13b).

(13a) [QP [Q  $w\theta$  [NP *awa*]]

(13b) [QP *awa* [Q  $w\theta$  [NP  $t_{NP}$  ]]

Tomando por base o estatuto sintático do QP acima, retomemos o exemplo (10), repetido em (14).

(14) *u-dapo*      *awa*      [XP    *tirəm* [X      [VP     $w\theta$       ]]  
 3-fazer      homem      farinha      mais de um  
 “Mais de um homem fez farinha”.

Se assumirmos que o sujeito da sentença em (14) é representado pelo QP [QP *awa wθ*] e que este QP é gerado na posição de [SPEC, VP], então, podemos postular que o quantificador  $w\theta$  fica retido no VP, sinalizando as pegadas deixadas pelo NP

sujeito *awa* durante a derivação sintática. Dessa maneira, o NP *awa* passa por, pelo menos, duas posições antes de se movimentar para fora do VP: a posição de complemento de Q<sup>o</sup>, em (15a), onde é gerado, e a posição de [SPEC, QP], em (15b), quando é elevado para verificar o traço de concordância de Q<sup>o</sup>.

(15a) [IP [I *udapo* [XP *tírə̃m* [X [VP [QP [Q *wə̃* [NP *awa*]]] [V' t<sub>verbo</sub> ]

(15b) [IP [I *udapo* [XP *tírə̃m* [X [QP *awa* [Q *wə̃* [NP t<sub>NP</sub>]]] [V' t<sub>verbo</sub> ]

(15c) [IP [I *udapo* [XP *awa* [X [XP *tírə̃m* [X [QP t<sub>NP</sub> [Q *wə̃* [NP t<sub>NP</sub>]]] [V' t<sub>verbo</sub> ]

Nesta derivação, os vestígios deixados pelo sintagma nominal marcam as posições intermediárias por onde o sujeito *awa* “homem” passou antes de mover-se para fora do VP. Em (15c), após a elevação do NP para a posição de sujeito, o quantificador *wə̃* fica retido no VP. Isto nos fornece, portanto, uma evidência de que o NP sujeito na língua Tembé sofre movimento na sintaxe visível.

Essa derivação é semelhante à que ocorre no hebraico. Consoante Shlonsky (1991:160), o quantificador *kul-* deve concordar com o NP quantificado em número e em gênero. Esta concordância é acionada toda vez que um NP quantificado é elevado para a posição de [SPEC, QP]. É esta exigência morfossintática que impede a ocorrência do quantificador flutuante *kol-*, sem a marca flexional de pessoa e número, em (16b).

(16a) ha-yeladim yaʃnu kul-am  
the-children slept all-[3MPL]  
“The children all slept.”

- (16b) \*ha-yeladim yaʃnu kol  
 the-children slept all  
 "The children all slept."

Assim sendo, o quantificador, quando é flutuante no hebraico, deve manifestar concordância com o NP complemento, fato que sugere que o NP, ao ser elevado para [SPEC, IP], passa antes pelo [SPEC, QP] em (16a), conforme ilustra a derivação em (16c-e).

- (16c) [VP [QP kul-am ha-yeladim] [V' yaʃun]]  
 (16d) [VP [QP ha-yeladim [Q' kul-am t<sub>DP</sub>]] [V' yaʃun]]  
 (16e) [IP ha-yeladim [I yaʃun [VP [QP t<sub>NP</sub> [Q' kul-am t<sub>NP</sub>]]] [V' t<sub>v</sub>]]

Situação semelhante também ocorre no Francês em que o NP quantificado *les filles*, por precisar receber Caso nominativo, é elevado para a posição de especificador de IP, ocorrendo, assim, separado do quantificador *toutes* em (17c).

- (17a) [VP [QP toutes [Q les filles] gagné le prix]  
 (17b) [ont [VP [QP les filles [Q toutes t<sub>NP</sub>] gagné le prix]  
 (17c) [IP les filles [I ont [VP [QP toutes t<sub>sujeito</sub>] gagné le prix]

Que o quantificador *wə* possui uma conexão sintática com o sujeito da oração pode ser notado pela possibilidade de ele vir adjacente ao NP com o qual mantém escopo quantificacional. É o que se observa nos exemplos abaixo em que o quantificador *wə* aparece contíguo aos NPs sujeitos *awa*, em (18), e *dawar*, em (19).

- (18) [IP *u-dapo* [XP [QP *awa* *wə*] [X [XP *tirəm* [X [VP t<sub>QP</sub>]]  
 3-fazer homem mais de um farinha  
 "Mais de um homem fez farinha".

- (19) [IP *u-hem* [VP [QP *dawar* *wə*] ]]  
 3-chegar onça mais de uma  
 “Mais de uma onça chegou”.

Uma segunda evidência de que o sujeito ocorre fora do VP refere-se ao escopo do dêitico *aʔe*. Conforme expusemos no capítulo 3, este dêitico tem a função de chamar atenção do ouvinte, para lembrá-lo e insistir sobre “*aquele de quem se fala*”, que está distante do falante e do ouvinte, visível ou não, conforme o exemplo em (20):

- (20) *u-dapo aʔe awa* [VP *tirəm* ]]  
 3-fazer ele homem farinha  
 “Ele, homem, fez farinha”.

Assim, em contextos como o de (21) abaixo, assumirei a proposta de que o dêitico está interno ao VP, assinalando a posição de base onde o sujeito foi gerado, antes de ser elevado para fora do VP.

- (21) *u-dapo awa* [XP *tirəm* [X [VP *aʔe* ]]]  
 3-fazer homem farinha ele  
 “Ele, homem, fez farinha”.

Além disto, assumiremos que o dêitico *aʔe* possui um estatuto sintático semelhante ao do quantificador *wə*, uma vez que c-seleciona o NP *awa* e projeta o sintagma dêitico *aʔe awa*, doravante denominado DeiP, conforme a configuração em

(22):

(22) [DeiP [Dei' aʔe [NP awa ]<sup>2</sup>

Por essa razão, o dêitico *aʔe* pode ainda vir junto do sintagma nominal, conforme ilustra o exemplo em (23), contexto no qual figura entre o verbo *udapo* e o NP *awa*.

(23) *u-dapo*      *aʔe*    *awa*            *tɪrəm*  
 3-fazer        ele    homem        farinha  
 “Ele, homem, fez farinha”.

A proposta de que o dêitico *aʔe* ocorre numa posição interna ao VP, em (21), é reforçada pelo fato de ele poder receber o sufixo *-ə*, que é a marca de que o constituinte é um argumento do predicado, conforme os exemplos abaixo.

(24) *w-erur*      *he*    *r-imiriko*      *amo*    *maniku*      *por aʔu*      *aʔe-ə*            *no*  
 3-trazer        minha C-esposa      outro    paneiro      cheio INTS    ele-ARG        també

“Ela, minha esposa, trouxe um paneiro bastante cheio também”.

(25) *u-dapo*      *awa*            *tɪrəm*            *aʔe-ə*  
 3-fazer        homem        farinha        ele-ARG  
 “Ele, homem, fez farinha”.

Consoante Rodrigues (1996:5), “o caso argumentativo é próprio dos argumentos do predicado, (.....), como sujeito e objeto direto (.....). Sua função é, pois, a de habilitar um nome ou um verbo como argumento ou actante em oposição aos

<sup>2</sup> Note que o dêitico *aʔe* difere do quantificador *wə* porque não exige a elevação do NP *awa* para Spec-DeiP, em sintaxe visível.

circunstâncias locativas.” Nesse sentido, a ocorrência do sufixo *-ə* no dêitico *aʔe*, em (24) e (25), nos fornece uma evidência adicional que favorece a análise de que este dêitico está numa posição argumental, i.e., [SPEC, VP].

Nota-se que a estrutura oracional proposta em (3b), em que apenas o verbo move-se para fora de VP, repetida em (26), é incompatível com as evidências empíricas mostradas acima, já que o NP sujeito também é elevado acima do VP.

(26) [CP [IP [I<sup>o</sup> Verbo [VP S [V t<sub>verbo</sub> O ]]]]

Diante disso, (26) deve ser modificada, tendo em vista que o sujeito ocupa uma posição funcional diferente da ocupada pelo verbo. Entretanto, antes de identificar para qual posição o sujeito se move, faz-se necessário que determinemos a posição do objeto.

### 3.3. POSIÇÃO DO OBJETO

Nas seções precedentes, mostramos evidências empíricas de que o verbo e o sujeito se movem para fora do VP. Nesta seção, nosso objetivo é determinar a posição do objeto nas orações (27) e (28) abaixo.

(27) *u-dapo*      *awa*            [XP    *tírəm* [X      [VP    *wə*            ]]  
 3-fazer      homem            farinha            mais de um  
 “Mais de um homem fez farinha”.

(28) *u-dapo*      *awa*            [XP    *tírəm* [X      [VP    *aʔe*            ]]  
 3-fazer      homem            farinha            ele  
 “Ele, homem, fez farinha”.

Nestas sentenças, vemos que o objeto ocorre à esquerda do quantificador *wə* e do dêitico *aʔe*. Conforme mostramos na seção 3.2, estas partículas ocorrem internas ao VP e têm escopo quantificacional e dêitico orientado para o NP sujeito *awa*. Dessa maneira, se essas partículas marcam a posição de base do sujeito, deveriam estar à esquerda do NP objeto. Entretanto, ocorrem à direita do objeto. Ora, segue-se daí que o objeto tem de estar numa posição derivada, fora do VP, caso contrário a proposta de que a ordem SVO é universal não se viabilizaria.

Se o objeto está numa posição derivada, houve movimento visível. Uma evidência a favor do movimento visível do objeto vem das construções em que o objeto vem manifesto pelo pronome de primeira *he* ‘eu’; pelo de segunda pessoa, *ne* ‘tu’ ou pelo de primeira de plural inclusivo *dane* ‘nós’. Nestes contextos, o verbo *-aro* “esperar” sistematicamente recebe o prefixo acusativo {*r-*}, para marcar a adjacência do objeto ao verbo transitivo, conforme verificamos nos exemplos abaixo:

- (29) *dawar*        *he*        *r-aro-rəm*  
onça            me        C-esperar.FUT  
‘A onça me esperará.’
- (30) *dawar*        *ne*        *r-aro-rəm*  
onça            te        C-esperar.FUT  
‘A onça te esperará.’
- (31) *dawar*        *dane*        *r-aro-rəm*  
onça            nós<sub>inclusivo</sub>    C-esperar.FUT  
‘A onça nos esperará.’

Se adotarmos o pressuposto minimalista de que atribuição de Caso acusativo, em geral, é determinada pela relação local entre um NP e o núcleo de AgrOP, segue-se, então, que a ocorrência do prefixo {r-} pode ser interpretada como sendo o reflexo desta relação sintática. Ou seja, o objeto eleva-se para a posição de especificador de uma projeção funcional XP<sup>3</sup>, possivelmente porque essa projeção apresenta traços categorias fortes, i.e., apresentam traços V e N fortes, os quais engatilham o deslocamento do objeto para fora do VP.

Uma segunda evidência vem da distribuição sintática do advérbio temporal *nehe* que, tal como o advérbio *kwea*<sup>4</sup>, marca a fronteira entre o VP e o IP. Nas sentenças transitivas com sujeito e objeto manifestos, este advérbio sempre ocorre após objeto, nunca antes, conforme podemos verificar pela agramaticalidade das sentenças em (b).

(32a) *a-duka*      *amo kaʔi*      *nehe*  
 1-matar      outro macaco      FUT  
 “Matarei um macaco.”

(32b) \**a-duka*      *nehe amo kaʔi*  
 1-matar      FUT      outro macaco  
 “Matarei outro macaco.”

(33a) *w-esak*      *Siba*      *dawar pinim*      *nehe*  
 3-ver      Siba      onça pintada      FUT  
 “Siba verá a onça pintada.”

<sup>3</sup> Conforme será apresentado no capítulo 4, assumiremos que a projeção XP equivale a AgrOP, local para onde o verbo e o objeto sobem.

<sup>4</sup> Ver capítulo 2 para os detalhes da distribuição sintática desses advérbios em sentenças transitivas VSO e SVO.

- (33b) \**w-esak*      *Siba*            *nehe*            *dawar pinim*  
 3-ver            Siba            FUT            onça    pintada  
 “Siba verá a onça pintada.”
- (34a) *u-duka*            *Pedro dawar kaʔi*            *r-ehe nehe*  
 3-matar            Pedro onça    macaco            C-PSP    FUT  
 “Pedro matará a onça e o macaco.”
- (34b) \**u-duka*            *Pedro dawar*            *nehe*            *kaʔi*            *r-ehe*  
 3-matar            Pedro onça            FUT            macaco            C-PSP  
 “Pedro matará a onça e o macaco.”

Nesses exemplos, vê-se que o NP objeto precisa ocorrer à esquerda do advérbio para que a sentença fique gramatical, o que constitui evidência suficiente de que o objeto moveu-se para fora do VP. Esta análise é ainda reforçada pelo fato de que o quantificador *wə* orientado para o NP sujeito pode flutuar, localizando-se à direita do advérbio *nehe* e o NP objeto, em (35a), sinalizando a posição de base do sujeito, conforme os dados abaixo.

- (35a) *Siba Pedro r-ehe u-duka*            *dawar*            *nehe wə*  
 Siba Pedro C-PSP 3-matar            onça            FUT    PL  
 “Siba e Pedro matarão a onça.”
- (35b) *Siba u-duka*            *dawar*            *nehe Pedro r-ehe wə*  
 Siba 3-matar            onça            FUT    Pedro C-PSP    PL  
 “Siba e Pedro matarão a onça.”

Em (35b), vemos que o PP *Pedro rehe* e o quantificador *wə* podem vir à direita do advérbio medial *nehe*, o que sugere mais uma vez que o NP objeto se moveu para fora do VP.

Uma última evidência vem das construções com sujeito posposto, ordem VOS, conforme os dados em (36) e (37) abaixo.

(36) *a-dapo-rəm*            *tɪrəp*            *ihe*.  
 1-fazer-FUT            farinha            eu  
 “Eu farei farinha”

(37) *u-mu-keʔe*            *pira*    *teko*            *kurɿ*  
 3-fazer-moquear      peixe    a gente            agora  
 “A gente moqueia peixe agora”

Nesses exemplos, conforme propusemos na seção 3.1., vamos assumir que o sujeito ocorre na posição de base, i.e., [SPEC, VP], o que favorece a análise de que o objeto se moveu para fora do VP. Além disto, a ocorrência do sujeito in situ está restrita às situações em que vem manifesto por pronomes de primeira e segunda pessoas ou nos contextos em que não há ambigüidade para se identificar o agente da oração, conforme sugere o contraste entre (38-b) e (39-b) abaixo:

ORDEM VSO

(38a) *u-mu-keʔe*            *teko*            *pira*            *kurɿ*  
 3-fazer-moquear      a gente            peixe            agora  
 “A gente moqueia peixe agora”

ORDEM VOS

(38b) *u-mu-keʔe*            *pira*    *teko*            *kurɿ*  
 3-fazer-moquear      peixe    a gente            agora  
 “A gente moqueia peixe agora”

ORDEM VSO

(39a) *u-duka*            *Sérgio*            *amo*    *tadahu*  
 3-matar            Sérgio            outro    porcão  
 “Sérgio matou outro porcão”.

ORDEM VOS

- (39b) \**u-duka*      *amo*    *tadahu*      *Sérgio*  
3-matar      outro    porção      Sérgio  
“Sérgio matou outro porção nesse dia”.

Veja que o exemplo (39b) é possível somente se, pragmaticamente, admitirmos que o agente/causador da ação de matar for o NP *tadahu* “o porção” e não o NP Sérgio.

### 3.4. RESUMO DO CAPÍTULO

Nas seções 3.1 e 3.2, mostramos que, em Tembé, o NP sujeito move-se na sintaxe visível. As evidências desse movimento são: a flexão de pessoa em V, a posição do dêitico *aʔe* e do quantificador *wə*. Na seção 3.3., a posição do objeto em relação às partículas flutuantes *aʔe* e *wə*, a existência de marcas de objeto no verbo e a distribuição sintática do advérbio *nehe* sugerem que o objeto também ocupa uma posição acima do VP.

O problema que se coloca para a análise desenvolvida nesse capítulo é que a estrutura unitária do IP proposta em (3b) não dá conta de fornecer uma explicação das razões do movimento do verbo e de seus argumentos para fora do VP. A estrutura oracional em (3b) é, portanto, insuficiente, sendo necessários dois locais de pouso: um para o NP sujeito e outro para o NP objeto.

Uma sugestão que tem sido proposta, no âmbito do programa minimalista, é a hipótese do IP cindido, conforme Pollock (1989), Belletti (1990), Ouhalla (1994), Chomsky (1995) e McClokey (2000). Segundo esta hipótese, no lugar de um IP simples, orações finitas contêm núcleos de tempo e de concordância separados, cada qual projetando uma categoria de tempo, TP, e duas categorias de concordância, uma para a concordância do sujeito, AgrSP, outra para a concordância do objeto, AgrOP. No próximo capítulo, com base nessa proposta, vamos modificar nossa análise preliminar. Nosso objetivo é determinar se estas categorias funcionais são adequadas para dar conta da posição dos constituintes nas orações VSO.

Nessa perspectiva, vamos assumir, em vez de (3b), uma estrutura do IP expandido, tal como apresentamos na representação sintática em (40).

(40) [CP .....[AgrSP .....[TP.....[AgrOP.....[VP.....]]]]]

Tomando por base esta configuração, no próximo capítulo, a nossa análise tem por objetivo buscar uma resposta para as seguintes questões:

- (i) Qual é o local de pouso do verbo e seus argumentos nas orações VSO?
- (ii) Nessas orações, o NP sujeito move-se para [SPEC, AGRSP] ou [SPEC, TP]?
- (iii) Há relação biunívoca entre a hierarquia de AgrSP e TP, sugerida em (40), e a ordem de ocorrência dos morfemas AgrS e T no verbo?

## CAPÍTULO 4

### ESTRUTURA DO IP NA LÍNGUA TEMBÉ

---

No capítulo anterior, mostramos que a estrutura oracional com um IP unitário é insuficiente para derivar as sentenças que apresentam a ordem VSO, na língua Tembé, haja vista que, além do próprio verbo, os NPs sujeito e objeto também se movem para posições acima do VP, o que sugere que possivelmente esses constituintes ocupam posições funcionais distintas dentro do IP. Isso pode ser verificado no exemplo (1) em que os argumentos do verbo estão em posição de especificadores de categorias funcionais XP, enquanto o quantificador  $w\theta$  permanece interno ao VP, i.e., [SPEC, VP]. Conforme mostramos no capítulo 3, nesses contextos, o quantificador  $w\theta$  tem escopo orientado para o NP sujeito *awa*.

- (1)  $[_{XP} \textit{u-dapo} [_{X} \quad [_{XP} \textit{awa} [_{X} \quad [_{XP} \textit{tir\theta m} [_{X} \quad [_{VP} \textit{t}_{sujeito} w\theta \quad [_{V} \textit{t}_{verbo} \textit{t}_{objeto} \quad ]]$   
3-fazer                    homem                    farinha                    mais de um  
“Mais de um homem fez farinha”.

Tomando por base essas considerações iniciais, nosso objetivo neste capítulo é identificar as razões que engatilham a elevação do verbo e de seus argumentos para fora do VP, quais seriam as categorias funcionais ocorrentes à esquerda do VP em (1) e quais as suas propriedades morfossintáticas.

Como um primeiro passo em direção à delimitação do estatuto sintático dessas categorias, consideremos a proposta do IP expandido, segundo a qual os elementos de

concordância (AGR) e tempo (TENSE) encabeçam projeções funcionais, no espaço entre o CP e o VP, conforme a representação em (2).

(2) [CP..... [AgrSP..... [TP..... [AgrOP..... [VP.....]]]]]

Nesta representação, as projeções AgrPs e TP fornecem a configuração estrutural na qual determinados traços podem ser verificados como o caso nos NPs e os traços- $\phi$  (gênero, número e pessoa) do verbo. Consoante Chomsky (1995:368):

(3) *"T and V have intrinsic -Interpretable features that must be checked: for T, [(assign) case] (nominative or null); and for V, its  $\phi$ -features and [(assign) accusative Case].*

A atribuição de caso é mediada pelos sintagmas de concordância AgrSP e AgrOP para os quais T e V são elevados. A marcação de caso dos NPs sujeito e objeto se concretiza, então, na configuração [SPEC, NÚCLEO] com os núcleos Agr.

Consoante a teoria de verificação, as categorias funcionais AgrP e TP podem consistir de traços morfossintáticos que podem variar arbitrariamente nas línguas em relação ao fato de serem fortes ou fracos. A verificação<sup>1</sup> dos traços fortes deve acontecer antes de Spell-Out, enquanto a verificação dos traços fracos pode ser adiada até LF.

Este capítulo está organizado da seguinte maneira: na seção 4.1., adotamos a proposta do IP expandido para dar conta do fato de os NPs sujeito e o objeto

---

<sup>1</sup> Neste texto, optamos em utilizar o termo *verificação* para a tradução do original inglês *checking*, conforme Raposo (1999:12).

ocorrerem em posições funcionais entre CP e o VP. Na seção 4.2., analisamos a natureza de AgrSP em Tembé, no intuito de avaliar se AgrSP apresenta morfologia rica ou não. Na seção 4.3., retomamos a proposta de Ouhalla (1994) e Haegeman (1997) sobre a posição que AgrSP e TP ocupam no domínio do IP expandido. Na seção 4.4., apresentamos o mecanismo utilizado para indicar noções modo-temporais tais como passado, futuro, intencionalidade/volição/desejo e reavaliamos a hierarquia das categorias funcionais dentro do IP, com ênfase especial na posição ocupada por TP em relação a AgrSP. Na seção 4.5., acompanhando proposta de McCloskey (2000), propomos que TP, em Tembé, domina AgrSP e que atribuição de Caso nominativo ao NP sujeito se dá em Spec-AgrSP.

#### 4.1. DERIVAÇÃO DAS ORAÇÕES VSO

Uma possibilidade de derivação da oração VSO, em (1), é optarmos pela hipótese de que, nesta sentença, o verbo aparece numa projeção funcional mais alta dentro do IP expandido, não necessitando, portanto, de subir para C, para estar em posição inicial de oração. Se I é expandido, então, há três possibilidades de movimento:  $V \rightarrow \text{AgrO}$ ;  $V \rightarrow \text{T}$  ou  $V \rightarrow \text{AgrS}$ . Com base nesta abordagem e na estrutura do IP, em (2), analisemos a propriedade dos traços morfossintáticos das categorias AgrPs e TP nas orações VSO do Tembé. Para tanto, retomemos o exemplo (1) repetido abaixo em (4):

- (4)            *u-dapo*                      *awa*                      *tírəm*                      *wə*  
                  3-fazer                      homem                      farinha                      mais de um  
                  “Mais de um homem fez farinha”.

Para derivar a ordem VSO da sentença acima, admitamos inicialmente que o IP no Tembé exibe a mesma seqüência hierárquica de projeções funcionais proposta na configuração em (2), conforme Belletti (1990) e Chomsky (1995), dentre outros. Postulemos ainda que Agr e T possuem traços N e V fortes, engatilhando, assim, o movimento do verbo, do sujeito e do objeto. Nesta linha de raciocínio, suponhamos que a derivação da sentença em (4) ocorre como segue: primeiramente, o objeto move-se para [SPEC, AGROP], acompanhado da elevação do verbo para AgrO, de modo a criar a equidistância necessária entre [SPEC, VP] e [SPEC, AGROP] e evitar violação à condição de elo mínimo (MLC), no momento em que o objeto cruza o NP sujeito, que está em [SPEC, VP]. Ao final desta operação, o NP objeto *tírəm* tem seu Caso verificado e encontra-se na configuração [SPEC, NÚCLEO] em AgrOP, conforme (5) abaixo.

- (5)    [<sub>AgrOP</sub> *tírəm* [<sub>AgrO</sub> *udapo* [<sub>VP</sub> *awa wə* [<sub>V'</sub> *t<sub>verbo</sub> t<sub>objeto</sub>* ]]]]

Vê-se que a derivação em (5) está em consonância com a generalização de Holmberg<sup>2</sup> (1986:184), já que o verbo encontra-se em AgrO. Na etapa seguinte, após

<sup>2</sup> Esta generalização foi reformulada por Zwart (1996:238) nos seguintes termos:

“object shift of an element  $\alpha$  from the complement position of a verb  $\beta$  to the specifier position of  $\gamma$ , the AgrOP associated with  $\beta$ , is possible only if  $\beta$  moves to the head of  $\gamma$ .”

TP ser introduzido na computação sintática e juntado a AgrOP, o NP sujeito *awa* e o núcleo complexo [udapo+AgrO] são elevados simultaneamente para T<sup>o</sup>, viabilizando a verificação do traço de tempo do verbo e a atribuição de Caso nominativo, resultando na representação em (6b). Em seguida, o núcleo complexo [T<sup>o</sup> [udapo+AgrO]] move-se para AgrS para que ocorra a verificação dos traços-φ do verbo, derivando a estrutura em (6c).

- (6a) [AgrOP t̄rēm [AgrO udapo [VP awa wə [V<sup>o</sup> t<sub>v</sub> t<sub>o</sub> ]]]]
- (6b) [TP awa [T<sup>o</sup> udapo [AgrOP t̄rēm [AgrO t<sub>v</sub> [VP t<sub>s</sub> wə [V<sup>o</sup> t<sub>v</sub> t<sub>o</sub> ]]]]]]]]
- (6c) [AgrSP [AgrS udapo [TP awa [T<sup>o</sup> t<sub>v</sub> [AgrOP t̄rēm [AgrO t<sub>v</sub> [VP t<sub>s</sub> wə [V<sup>o</sup> t<sub>v</sub> t<sub>o</sub> ]]]]]]]]]]

A derivação (6a-c) pressupõe então que o verbo ocupa a posição de núcleo funcional mais alto dentro do IP, que neste caso corresponde a AgrS<sup>o</sup>, e que AgrSP é linearizado acima de TP. Observa-se que (6c) estipula que o NP sujeito não se move para Spec-AgrSP.

Todavia, a derivação em (6a-c) apresenta dois inconvenientes. Um deles é que estipula que a natureza do traço-N de AgrSP e de AgrOP difere quanto à propriedade ‘forte’ ou ‘fraco’, conforme mostra a tabela 1 abaixo:

| Tabela 1: natureza dos traços de AgrSP e AgrOP |        |   |
|--|--------|---|
| categorias funcionais                          | Traços |   |
|  | N      | V |
| AgrSP  | -      | + |
| AgrOP  | +      | + |

Esta assimetria na natureza dos traços dos AgrPs contradiz a proposta, no âmbito da hipótese do IP expandido, de que:

*“AgrS e AgrO are collections of features, with no relevant subject-object distinction, hence no difference in strength of features [cf.: Chomsky, 1995:199].”*

Segundo esta análise, uma língua que permite elevação visível do objeto em sintaxe visível deveria, em princípio, licenciar elevação do sujeito para [SPEC, AGRSP], para manter o traço-N de ambos os núcleos Agr com a mesma identidade quanto à valência dos traços flexionais, i.e., traços- $\phi$ . E na derivação em (6a-c) o que acontece é que, embora o NP objeto seja elevado para [SPEC, AGROP], o NP sujeito não se move para [SPEC-AGRSP].

O segundo problema é que, conquanto o verbo estabeleça concordância visível com o sujeito pós-verbal, a derivação em (6) prevê que esta concordância não se dá na configuração [SPEC, NÚCLEO] em AgrSP, pois o NP sujeito se mantém em [SPEC, TP].

Na finalidade de fornecer uma explicação para essas questões, nas próximas seções, exploramos a natureza de AgrSP e a possibilidade de a ordem das projeções funcionais AgrSP e TP ser diferente da admitida em (2) e (6c). Nossa análise se baseará (i) na riqueza da morfologia verbal quando da concordância sujeito-verbo, (ii) na abordagem que leva em consideração o Princípio do Espelho [cf.: Baker (1988), Ouhalla (1994) e Haegeman (1997)].

#### 4.2. NATUREZA DE AGRSP EM TEMBÉ

Em Tembé, AgrS é uma categoria morfológicamente rica, haja vista que o verbo exibe marcação morfológica de concordância sujeito-verbo bastante transparente mesmo nas situações nas quais o sujeito vem posposto. Por esta razão, a concordância sujeito-verbo não é afetada pela posição estrutural do verbo na oração. Assim sendo, a concordância não se altera quer o sujeito plural esteja na posição pré-verbal, conforme exemplos (7a) e (8a), quer ele esteja na posição pós-verbal, conforme exemplos (7b) e (8b).

(7a) ORDEM SVO

|                  |           |                    |                  |           |
|------------------|-----------|--------------------|------------------|-----------|
| <i>kudə-ŋwer</i> | <i>wə</i> | <i>u-dapipoʔok</i> | <i>maniʔok-ə</i> | <i>wə</i> |
| mulher-COL       | PL        | 3-arrancar         | mandioca-ARG     | PL        |

“As mulheres arrancam mandiocas”

(7b) ORDEM VSO

|                    |                  |           |                  |           |
|--------------------|------------------|-----------|------------------|-----------|
| <i>u-dapipoʔok</i> | <i>kudə-ŋwer</i> | <i>wə</i> | <i>maniʔok-ə</i> | <i>wə</i> |
| 3-arrancar         | mulher-COL       | PL        | mandioca-ARG     | PL        |

“As mulheres arrancam mandiocas”

ORDEM SVO

(8a) *awa*      *w-ɪnɪr*      *r-ehe* *wə*      *w-erur*      *amo*      *maniku*  
 homem      COR-filha      C-PSP PL      3-trazer      outro      paneiro  
 “O homem e sua filha trouxeram outro paneiro”.

ORDEM VSO

(8b) *w-erur*      *awa*      *w-ɪnɪr*      *r-ehe* *wə*      *amo*      *maniku*  
 3-trazer      homem      COR-filha      C-PSP PL      outro      paneiro  
 “O homem e sua filha trouxeram outro paneiro.”

Em (7a-b) e (8a-b), note que o padrão de concordância sujeito-verbo se mantém inalterado, independentemente de o verbo seguir ou preceder o sujeito plural, não havendo, portanto, alteração no prefixo número-pessoal do verbo.

Neste aspecto, o Tembé difere de outras línguas que apresentam dois padrões de concordância. No Espanhol e no Grego, por exemplo, a concordância é determinada pela posição do sujeito em relação aos verbos inacusativos. Assim, se o sujeito vier posposto, o verbo fica no singular, conforme os exemplos (9a) e (10a), mas, se ele estiver anteposto, o verbo flexiona-se no plural, conforme exemplos (9b) e (10b).

[cf.: Doron, 2000:81]

- (9a) Estaba abierta la tienda y el mercado.<sup>3</sup>  
 (9b) La tienda y el mercado estaban abiertos/\*estaba.

[cf.: Doron, 2000:81]

- (10a) *Irthe o Pavlos kai o Giannis sto parti*  
 came-3S the Paul and the John to-the party  
 “Paul and John came to the party.”
- (10b) *O Pavlos kai o Giannis irthan/\*irthe sto parti*  
 the Paul and the John came-3P/\*came-3S to-the party  
 “Paul and John came to the party.”

Situação semelhante é a do Árabe em que a concordância é também sensível à posição ocupada pelo sujeito, de maneira que, no exemplo (11a), o verbo inacusativo

<sup>3</sup> No espanhol, assim como no Português, nota-se que o verbo inacusativo pode ainda receber flexão no plural, conforme se vê abaixo.

- (i) Estava aberto a tenda e o mercado.  
 (ii) Estavam abertos a tenda e o mercado.

permanece no singular porque o sujeito plural vem posposto, ao passo que, no exemplo (11b), o verbo inacusativo apresenta concordância plena com o sujeito plural, uma vez que ele vem anteposto ao verbo.

[cf.: Ouhalla, 1994:43]

(11a) *wasal-a*      *l-tullaab-u*  
arrived-3S      the-students-NOM  
“The students have arrived”.

(11b) *l-tullaab-u*      *wasal-uu*  
the-students-NOM      arrived-3P  
“The students have arrived”.

Ouhalla (1994:44) explica que a alternância na concordância, nos exemplos em (11), está associada à posição estrutural que o sujeito lexical ocupa. Em (11a), ele propõe que o sujeito temático ocupa uma posição mais baixa na estrutura oracional, enquanto a concordância plena, em (11b), implica que o sujeito está em [SPEC, AGRSP].

Diferentemente do Espanhol, do Grego e do Árabe, o Tembé exhibe apenas um padrão de concordância, independentemente da posição do sujeito em relação ao verbo. Por isso, podemos supor, com base neste padrão, que em Tembé o sujeito se situa em Spec-AgrSP. A concordância sujeito-verbo, portanto, é realizada antes de Spell-Out, na configuração [SPEC, NÚCLEO]. Desse modo, a proposta que desenvolveremos aqui é a de que o sujeito sempre está na configuração [SPEC, NÚCLEO] com AgrS. Se esta proposta estiver mesmo correta, segue-se, então, que, nas

orações VSO, o verbo tem de ter passado por AgrS<sup>o</sup>, antes de ocupar a posição inicial em (7b) e (8b).

Vê-se, assim, que esta análise contradiz a derivação postulada em (6a-c). Nela, havíamos sugerido que o verbo se move para o núcleo de AgrSP para ter os traços- $\phi$  verificados em AgrS e que o sujeito *awa* sobe somente até [SPEC, TP], onde recebe Caso nominativo de T<sup>o</sup>, conforme aparece repetido abaixo.

- (6a) [<sub>AgrOP</sub> *tirəm* [<sub>AgrO</sub> *udapo* [<sub>VP</sub> *awa wə* [<sub>V'</sub> *t<sub>v</sub> t<sub>o</sub>* ]]]]]  
 (6b) [<sub>TP</sub> *awa* [<sub>T'</sub> *udapo* [<sub>AgrOP</sub> *tirəm* [<sub>AgrO</sub> *t<sub>v</sub>* [<sub>VP</sub> *t<sub>s</sub> wə* [<sub>V'</sub> *t<sub>v</sub> t<sub>o</sub>* ]]]]]]]]]  
 (6c) [<sub>AgrSP</sub> [<sub>AgrS</sub> *udapo* [<sub>TP</sub> *awa* [<sub>T'</sub> *t<sub>v</sub>* [<sub>AgrOP</sub> *tirəm* [<sub>AgrO</sub> *t<sub>v</sub>* [<sub>VP</sub> *t<sub>s</sub> wə* [<sub>V'</sub> *t<sub>v</sub> t<sub>o</sub>* ]]]]]]]]]]]]]]]

Ora, se o sujeito não está em Spec-TP, e sim em Spec-AgrSP, então o verbo moveu-se para núcleo de uma projeção funcional acima de AgrSP. Temos aqui duas alternativas: (i) propor uma nova categoria acima de AgrSP, mantendo a derivação (6b-c) ou (ii) alterar a derivação (6b-c). A segunda alternativa será desenvolvida a seguir.<sup>4</sup>

Suponhamos, então, que o que temos é movimento do núcleo complexo [((udapo+AgrO)+T)], acompanhado da elevação do NP sujeito para [SPEC, AGRSP], resultando na derivação em (12b). Em seguida, admitamos a existência de uma projeção FP acima de AgrSP, que engatilha o movimento do verbo, produzindo a derivação em (12c).

<sup>4</sup> A desvantagem em se manter a derivação (6b-c) é que teríamos de continuar estipulando que TP ocorre entre AgrSP e AgrOP. Conforme será desenvolvido mais a frente, o comportamento do advérbio temporal *kwehe* e a ordem dos morfemas modo-temporais em relação aos morfemas AgrS e AgrO indicam que TP c-seleciona AgrSP.

- (12a) [TP awa [T' udapo [AgrOP t̄irəm [AgrO t<sub>v</sub> [VP t<sub>s</sub> wə [V' t<sub>v</sub> t<sub>o</sub> ]]]]]]]
- (12b) [AgrSP awa [AgrS udapo [TP t<sub>s</sub> [T' t<sub>v</sub> [AgrOP t̄irəm [AgrO t<sub>v</sub> [VP t<sub>s</sub> wə [V' t<sub>v</sub> t<sub>o</sub> ]]]]]]]]]
- (12c) [FP [F udapo [AgrSP awa [AgrS t<sub>v</sub> [TP t<sub>s</sub> [T' t<sub>v</sub> [AgrOP t̄irəm [AgrO t<sub>v</sub> [VP t<sub>s</sub> wə [V' t<sub>v</sub> t<sub>o</sub> ]]]]]]]]]]]

Esta análise nos permite motivar o movimento do verbo para núcleo da projeção FP, mesmo nas orações VSO com o verbo finito, situando o sujeito não em [SPEC, VP], nem em [SPEC, TP], mas em [SPEC, AGRSP]. A vantagem da derivação em (12) é que nos possibilita manter os traços de AgrS e AgrO uniformes, conforme a tabela 2 abaixo.

| categorias funcionais | Traços |   |
|-----------------------|--------|---|
|                       | N      | V |
| AgrSP                 | +      | + |
| AgrOP                 | +      | + |

Antes de averiguar as propriedades morfossintáticas de FP na derivação em (12c), avaliamos, nas próximas seções, se a projeção de tempo tem sempre de ocorrer entre AgrSP e AgrOP, conforme pressupõe a estrutura oracional com o IP expandido em (2), repetida abaixo como (13):

- (13) [CP..... [AgrSP..... [TP..... [AgrOP..... [VP...]]]]]]

#### 4.3. ORDEM DE AGRSP E TP

Ouhalla (1994) propõe que as categorias funcionais podem sofrer variação paramétrica entre as línguas. Com base na análise dos dados do Árabe, do Berber, [cf. Ouhalla (ibid)] e do Irlandês [cf.: McCloskey, 2000], notou-se que línguas VSO

tendem a linearizar a projeção TP acima de AgrSP, ao contrário do que acontece, por exemplo, nas línguas SVO, em que AgrSP ocorre acima de TP, como é o caso do Holandês e do Francês [cf.: Haegeman, 1997].

Ouhalla (ibid), acompanhando o programa de pesquisa iniciado por Baker (1988), propõe que o movimento do verbo é diretamente responsável pela ordem em que ocorrem os morfemas flexionais do verbo. Assim, as línguas SVO tendem a apresentar a estrutura em (14), enquanto as línguas VSO, a configuração em (15).

Línguas SVO

(14) [AgrSP ..... [TP..... [AgrOP..... [VP.....]]]]

Línguas VSO

(15) [TP..... [AgrSP..... [AgrOP..... [VP.....]]]]

Para propor a configuração em (14) em que AgrSP domina TP e em (15) em que TP domina AgrSP, Haegeman (1997:36) e Ouhalla (1994:45-47) basearam-se no Princípio do Espelho conforme o qual a seqüência dos morfemas flexionais no verbo reflete a derivação sintática. Este princípio estipula que o complexo verbal [V+Infl<sub>1</sub>+Infl<sub>2</sub>], em que Infs são sufixos, corresponde à estrutura sintática subjacente em (16):

(16) [IP Infl<sub>2</sub>..... [IP Infl<sub>1</sub> ..... [ .....V.....].

Nos termos do minimalismo, o verbo, embora já entre na computação flexionado, precisa verificar seus traços morfossintáticos (o tempo e os traços- $\phi$ ) em categorias funcionais apropriadas, as quais correspondem a Infl<sub>1</sub> e Infl<sub>2</sub>, na

representação em (16)<sup>5</sup>. Nesta perspectiva, V é primeiro elevado para Infl<sub>1</sub>, formando o núcleo complexo [V+ Infl<sub>1</sub>]. Na etapa seguinte, este núcleo é elevado para Infl<sub>2</sub>, resultando no núcleo complexo [V+Infl<sub>1</sub>] Infl<sub>2</sub>], de maneira que a estrutura morfológica resultante é o espelho direto da derivação sintática.

Nesta linha de raciocínio, a seqüência dos morfemas Infs no verbo deve indicar a ordem hierárquica das categorias funcionais no domínio do IP. No Francês e no Holandês, por exemplo, tendo em vista que o morfema Agr ocorre externo ao morfema de tempo, Haegeman (ibid:36-37) propõe que AgrSP domina TP, conforme evidenciam os dados abaixo:

DADOS DO FRANCÊS [cf.: Haegeman, 1997:36]

(17a) *ils travail-ai-ent*  
eles trabalhar-PASS-3PL  
“Eles trabalham.”

(17b) *il travail-ai-t*  
ele trabalhar-PASS-3SG  
“Ele trabalha.”

DADOS DO HOLANDÊS [cf.: Haegeman, 1997:36]

(18a) *ze werk-t-em*  
elas trabalhar-PASS-3PL  
“Elas trabalham.”

(18b) *ze werk-t-e*  
ela trabalhar-PASS-3SG  
“Ela trabalha.”

---

<sup>5</sup> Acompanhamos aqui a proposta de que os itens lexicais já estariam flexionados desde a numeração, conforme Haegeman (1997:37):

*“lexical heads such as V or N are selected and inserted in the phrase marker with their inflectional morphology”.*

Já, no Árabe, como o morfema de concordância aparece interno ao morfema de tempo em (19), Ouhalla postula que TP domina AgrSP.

- (19) *sa-ya-zuuru l-ʔawlaad-u xaal-a-hum*  
 will-3S-visit the-boys-NOM uncle-ACC-their  
 “The boys will visit their uncle”.

Ouhalla (ibid) propõe, então, que a variação paramétrica na hierarquia das categorias funcionais dentro do IP é assim decorrente de uma diferença tipológica mais geral, envolvendo a ordem de AgrS e T nas línguas VSO como o Árabe<sup>6</sup>, por um lado, e nas línguas SVO como o Francês e o Holandês, por outro, conforme abaixo:

- (20) “...in VSO languages T is higher than AgrS, whereas in SVO languages the reverse relation is found(...) The order of the AgrS and T morphemes (...) is derived naturally (...) by a simple process of stepwise V-movement to T [Ouhalla, 1994:46]”.

<sup>6</sup> Ouhalla (1994:49-50) observa que, no Árabe, o verbo move-se somente até AgrS nos contextos em que NegP é realizado. Segundo Ouhalla (ibid), o núcleo de NegP move-se para núcleo de TP, o que explica o fato de tempo vir manifesto lexicalmente na partícula negativa *laa*, conforme mostram os dados abaixo:

- (i) *laa ya-muutu l-shuhadaaʔ-u*  
 NEG-PRES 3SG-die the-martyrs-NOM  
 “Martyrs don’t die”.
- (ii) *lan ya-flaha l-munaafiq-uun*  
 NEG-FUT 3SG-succeed the-hypocrites-NOM  
 “The hypocrites will not/never succeed”.
- (iii) *lam ya-mut l-qaafid-u*  
 NEG-PAST 3SG-die the-leader-NOM  
 “The leader did not die”.

Note que os dados acima sugerem a existência de uma categoria funcional NegP entre TP e AgrSP, conforme abaixo:

- (iv) [TP.....[NegP..... [AgrSP.....[AgrOP ... [VP....]]]]]

#### 4.4. ORDEM DE AGRSP E TP EM TEMBÉ

A língua Tembé não exibe um paradigma rico de morfemas para indicar tempo no verbo, ao contrário do que acontece no Francês, Holandês e Árabe, conforme sugerem os dados em (17) a (19), na seção anterior. Já os morfemas de concordância sujeito-verbo são bastante comuns em todas as pessoas, conforme ilustra o paradigma flexional abaixo.

##### MARCAS DA CONCORDÂNCIA NOMINATIVA

- (21) *a-esak*  
1-ver  
“vejo”
- (22) *re-sak*  
2- ver  
“vês”
- (23) *w-esak*  
3- ver  
“vê”

Além dos morfemas de concordância de sujeito-verbo, quando o objeto vem realizado por meio de um pronome de primeira ou segunda pessoas, singular ou plural, o verbo recebe o prefixo {r-} que marca o Caso acusativo e a adjacência do objeto pronominal em relação ao verbo transitivo *-esak*, conforme se vê nos dados em

(24) a (27) abaixo:

##### (b) MARCAS DE OBJETO NO VERBO

- (24) *Pedro he r-esak*  
Pedro eu C-ver  
“Pedro me vê”.

- (25) *Pedro ne r-esak*  
 Pedro te C-ver  
 “Pedro te vê”.
- (26) *Pedro ure r-esak*  
 Pedro nós<sub>exclusivo</sub> C-ver  
 “Pedro nos vê”.
- (27) *Pedro dane r-esak*  
 Pedro nós<sub>inclusivo</sub> C-ver  
 “Pedro nos vê”.

Se levarmos em consideração o Princípio do Espelho, uma interpretação plausível para os dados em (21) a (27) é a de que o verbo apresenta a estrutura  $[\text{Infl}_2 + \text{Infl}_1 + \text{V}]$ , sendo  $\text{Infl}_1$  o morfema AgrO e  $\text{Infl}_2$ , o morfema AgrS. Esta estrutura morfológica sugere que, durante a derivação sintática, V é elevado primeiro para AgrO, e depois para AgrS, de modo a permitir a verificação dos traço- $\phi$  de AgrOP e AgrSP.

Vê-se, assim, que os morfemas ocorrentes na base verbal, em (21) a (27), não nos fornece nenhuma evidência sobre em que ponto da derivação sintática TP é inserido, no domínio do IP expandido, o que põe em dúvida a validade da hierarquia entre as categorias funcionais proposta em (13), repetida abaixo como (28).

- (28)  $[\text{CP} \dots [\text{AgrSP} \dots [\text{TP} \dots [\text{AgrOP} \dots [\text{VP} \dots ]]]]]]$

Nesta configuração, a suposição é a de que TP é linearizado entre AgrSP e AgrOP e constitui-se de traços N e V fortes que fornecem as condições para a elevação do NP sujeito para  $[\text{SPEC}, \text{TP}]$  e do verbo para T, resultando então na ordem

VSO das sentenças declarativas. Contudo, a ausência de morfologia rica de tempo coloca o seguinte problema para nossa análise.

(29)

*Como pode TP ser linearizado entre AgrSP e AgrOP, haja vista que (i) não há um paradigma morfológico rico para a indicação de tempo e (ii) tempo é indicado por meio de advérbios que co-ocorrem com o verbo no predicado e por meio de sufixos modo-temporais?*

Para responder a essa questão, apresentamos nas próximas subseções os mecanismos sintáticos pelos quais a categoria tempo é indicada na língua Tembé, no intuito de identificar em que ponto da computação TP é projetado no domínio do IP expandido. Para tanto, começemos com a análise do estatuto sintático do advérbio temporal *kwehe*.

#### 4.4.1. POSIÇÃO DE KWEHE NO IP

Tomando como base a distribuição dos advérbios temporais, assumimos no capítulo 2 a hipótese de que *kwehe* é um advérbio de tipo sentencial que se adjunge à projeção funcional mais alta dentro do IP, conforme repetido abaixo:

(30) [CP.....[IP *kwehe* [IP.....[VP.....]]]]

Com base na configuração em (30) e na hierarquia das categorias funcionais dentro do IP, proposta em (13), repetida abaixo como (31), uma hipótese plausível é a de que esse advérbio seja gerado em adjunção a AgrSP.

(31) [CP.....[*kwehe*.....[AgrSP..... [TP..... [AgrOP.....[VP...]]]]]]

Se assim for, podemos postular que a derivação da sentença em (32), abaixo, ocorre como em (32a-c). Primeiramente, depois que o VP é constituído, o verbo e o objeto movem-se para AgrOP, para que ocorra a verificação dos traços- $\phi$  de AgrO e o Caso acusativo do NP objeto, resultando na derivação em (32a); em seguida, admitamos que o verbo e o NP sujeito sobem para AgrSP, após passar por TP, possibilitando, assim, a verificação dos traços- $\phi$  de AgrS e do Caso nominativo do NP *awa*, em Spec-TP, conforme ilustra a etapa da derivação em (32b). Por fim, o advérbio *kwehe* é retirado da numeração e juntado a AgrSP pela operação MERGE, resultando na derivação sintática em (32c).

(32) *kwehe*            *awa*            *u-dapo*            *tírəm*            *wə*  
 DPASS            homem            3-fazer            farinha            PL  
 “O homem fez farinha (há muito tempo atrás)”.

(32a) [<sub>AgrOP</sub> *tírəm* [<sub>AgrO</sub> *udapo* [<sub>VP</sub> *awa wə* [ *t<sub>v</sub> t<sub>o</sub>* ]]]]

(32b) [<sub>AgrSP</sub> *awa* [<sub>AgrS</sub> *udapo* [TP *t<sub>sujeito</sub>* [T' *t<sub>verbo</sub>* [<sub>AgrOP</sub> *tírəm* [<sub>VP</sub> *t<sub>sujeito</sub> wə* [ *t<sub>verbo</sub> t<sub>objeto</sub>* ]]]]]]]]

(32c) [*kwehe* [<sub>AgrSP</sub> *awa* [<sub>AgrS</sub> *udapo* [TP *t<sub>sujeito</sub>* [T' *t<sub>verbo</sub>* [<sub>AgrOP</sub> *tírəm* [<sub>VP</sub> *t<sub>sujeito</sub> wə* [ *t<sub>verbo</sub> t<sub>objeto</sub>* ]]]]]]]]]]

Entretanto, esta análise esbarra na seguinte questão: como pode ser que *kwehe*, um advérbio temporal, esteja adjunto a AgrSP e não a TP, haja vista que o mais natural é que advérbios temporais modifiquem projeções funcionais de valor temporal? Uma possível resposta a esta indagação pode ser obtida se admitimos que *kwehe*, em vez de ser juntado (=MERGE) a AgrSP, é inserido numa projeção funcional mais alta, i.e., acima de AgrSP e abaixo de CP, com propriedades semânticas semelhantes a de TP.

Uma evidência teórica a favor desta hipótese vem do fato de que advérbios sentenciais, em geral, ocorrem adjuntos a categorias funcionais que possuem conteúdo semântico específico. Nesse sentido, Kayne (1994:30) propõe que TP, AspP e VP partilham essas propriedades, conforme a formulação abaixo:

*“certain heads are intrinsically contentful, such as lexical heads and functional heads like Tense and Aspect”.*

Com base nesses argumentos teóricos, fica difícil, então, manter a derivação em (32c), uma vez que, nela, pressupusemos que o advérbio *kwehe* ocorre em adjunção a AgrSP, e não a TP.

Chomsky (1995:332) reforça a proposta de Kayne (ibid) ao considerar que, dentre as categorias funcionais, apenas T, C e D “têm propriedades semânticas; Agr não”. Segundo Chomsky (tradução de Raposo, 1999:471), “T, C, D...têm traços interpretáveis, levando ‘instruções’ para um dos níveis de interface ou para ambos. Mas esse não é o caso de Agr; Agr tem apenas traços formais ininterpretáveis.”

Outra evidência contra a derivação em (32c) é que, se TP fosse realmente gerado abaixo de AgrSP, seria de esperar-se que o advérbio *kwehe* pudesse figurar entre o sujeito e o objeto, o que parece não ser possível, conforme se vê no dado em (33).

- (33) *ʔu-dapo*                      *awa*                      *kwehe*                      *tirəm*  
           3-fazer                      homem                      DPASS                      farinha  
           “O homem fez farinha (há muito tempo atrás)”.

Com base nesses argumentos, segue-se, então, que a derivação da sentença em (32a-c) tem de ser modificada. Uma alternativa é propormos que a derivação ocorre da seguinte maneira: na primeira etapa, após a retirada do verbo e de seus argumentos da numeração, para formar o VP, o verbo e o objeto são elevados sucessivamente, para AgrOP. Em seguida, depois que AgrSP é juntado a AgrOP, o sujeito move-se de SpecVP diretamente para Spec-AgrSP, seguido da elevação do verbo para AgrS, resultando nas derivações (34a) e (34b). Em seguida, uma projeção de valor temporal FP é juntada a AgrSP. Admitamos, então, que essa projeção carrega traços categoriais N e V fortes que precisam de verificação antes de Spell-Out. Devido ao fato de serem fortes, estes traços engatilham o deslocamento do NP sujeito e do verbo para FP, originando a estrutura em (34c). Por último, o advérbio temporal *kwehe*, quando retirado da numeração e introduzido na computação sintática, adjunge-se a FP, gerando a estrutura oracional em (34d).

(34a) [<sub>AgrOP</sub> *tírəm* [<sub>AgrO</sub> *udapo* [<sub>VP</sub> *awa wə* [<sub>t<sub>v</sub> t<sub>o</sub></sub> ]]]]

(34b) [<sub>AgrSP</sub> *awa* [<sub>AgrS</sub> *udapo* [<sub>AgrOP</sub> *tírəm* [<sub>AgrO</sub> *t<sub>v</sub>* [<sub>VP</sub> *t<sub>s</sub> wə* [<sub>t<sub>v</sub> t<sub>o</sub></sub> ]]]]]]]]

(34c) [<sub>FP</sub> *awa* [<sub>F</sub> *udapo* [<sub>AgrSP</sub> *t<sub>s</sub>* [<sub>AgrS</sub> *t<sub>v</sub>* [<sub>AgrOP</sub> *tírəm* [<sub>AgrO</sub> *t<sub>v</sub>* [<sub>VP</sub> *t<sub>s</sub> wə* [<sub>t<sub>v</sub> t<sub>o</sub></sub> ]]]]]]]]]]

(34d) [<sub>FP</sub> *kwehe* [<sub>FP</sub> *awa* [<sub>F</sub> *udapo* [<sub>AgrSP</sub> *t<sub>s</sub>* [<sub>AgrS</sub> *t<sub>v</sub>* [<sub>AgrOP</sub> *tírəm* [<sub>AgrO</sub> *t<sub>v</sub>* [<sub>VP</sub> *t<sub>s</sub> wə* [<sub>t<sub>v</sub> t<sub>o</sub></sub> ]]]]]]]]]]]]

Portanto, a derivação em (34a-d) estipula a existência de uma projeção funcional de valor temporal acima de AgrSP, à qual o advérbio temporal *kwehe* aparece em adjunção. No entanto, antes de detalharmos se FP, de fato, corresponde a

TP ou não, averiguamos na próxima seção o estatuto sintático dos sufixos modo-temporais [-rəm], [-tar] e [-wer].

#### 4.4.2. ESTATUTO SINTÁTICO DOS SUFIXOS *-rəm*, *-tar* e *-wer*

No capítulo 2, mostramos que os afixos [-rəm], [-tar] e [-wer] ocorrem no lado oposto ao prefixo de concordância de sujeito, i.e., AgrS, e ao prefixo de negação, i.e., NEG1, ordem [Neg1+AgrS+Verbo+T+Neg2]. Nota-se, ainda, que os sufixos modo-temporais vêm abaixo do sufixo de negação<sup>7</sup>, i.e., NEG2, conforme indicam os dados em (36) e (37).

(35) *u-dapo.rəm*                      *awa*                      *tírəm*                      *wə*  
 3-fazer .FUT                      homem                      farinha                      mais de um  
 “Mais de um homem fará farinha (i.e., tem a intenção de fazer farinha)”.

(36) *n-erí-píʔə.díwír.əm-kwaw*  
 NEG1-2-arrepender-se-FUT.NEG2  
 “Não te arrependerás”.

<sup>7</sup> Tendo em vista o caráter circunfixal do morfema de negação, conforme apresentado por Duarte (2002:375-376), uma possibilidade de análise seria postularmos a existência de dois núcleos de negação, a saber NEG1 e NEG2, como propõe, por exemplo, Haegeman (1998) para o West Flemish. Nessa perspectiva, esses núcleos projetariam as categorias NegP1 e NegP2 as quais ocupariam posições distintas na estrutura da oração, na língua Tembé, conforme abaixo:

(i) [NegP1+AgrSP+AgrOP+VERBO] + TP]+NegP2]

Ou seja, enquanto NEG1 seria juntado logo após os morfemas Agrs/Agro, NEG2 encabeçaria uma projeção funcional acima de TP.

- (37) *na-he-Ø-kaʔa.mono-wer-kwaw*  
 NEG1-1-C-caçar.desejo-NEG2  
 “Não desejo caçar”.

Tomando por base o Princípio do Espelho, suponhamos então que a seqüência dos morfemas flexionais, em (36) e (37), reflita as etapas em que se dá a computação sintática. Por isso, admitamos que a forma verbal complexa [*n-erí-píʔə.díwír.əm.kwaw*], em (36), seja derivada como se segue: depois de o VP ser formado, o verbo é elevado para a projeção de concordância AgrS, de modo a verificar o traço V de AgrSP e a permitir a atribuição do Caso nominativo, conforme (38a); em seguida, o núcleo complexo [<sub>AgrSP</sub> AgrS-V] é então elevado para verificar o traço [NEG] de NegP1, constituindo assim no núcleo Neg1 [<sub>NEG1</sub> n-[<sub>AgrSP</sub> AgrS -V], em (38b). Admitamos que, na etapa seguinte, o núcleo complexo NEG1 move-se para núcleo de TP, para verificar os traços modo-temporais do verbo, resultando então na derivação em (38c). Na etapa final, suponhamos que o complexo [<sub>TP</sub>[<sub>NEG1</sub> n-[<sub>AgrSP</sub> AgrS-V]-əm] sobe para o núcleo da projeção NEGP2, produzindo a derivação final em (38d).

- (38) [<sub>VP</sub> [*n-erí*-[<sub>V</sub> *píʔədiwír*]-əm-*kwaw*]  
 (38a) [<sub>AgrSP</sub> AgrS+(*n-erí*-[<sub>V</sub> *píʔədiwír*]-əm-*kwaw*)]  
 (38b) [<sub>NEG1</sub> Neg1 + (AgrS+(*n-erí*-[<sub>V</sub> *píʔədiwír*]-əm-*kwaw*))]  
 (38c) [<sub>TP</sub> T+( Neg1 + (AgrS+(*n-erí*-[<sub>V</sub> *píʔədiwír*]-əm-*kwaw*)))]  
 (38d) [<sub>NEGP2</sub> (NegP2+(T+( Neg1 + (AgrS+(*n-erí*-[<sub>V</sub> *píʔədiwír*]-əm-*kwaw*)))))]

Vê-se que a seqüência dos morfemas flexionais em (38) reflete a ordem em que as projeções funcionais são juntadas durante a computação sintática. Sendo assim, a derivação proposta em (38a-d) estipula a mesma hierarquia de categorias funcionais produzida pela derivação em (34a-d). A diferença é a inclusão dos núcleos NEG1 e NEG2 na estrutura, conforme sugere a configuração em (39)

(39) [NegP2 [TP.....[NegP1..... [AgrSP.....[AgrOP ...[VP.....]]]]]

Portanto, nota-se que TP é uma categoria funcional motivada em razão da presença de marcadores temporais que ocorrem no seu domínio, como o advérbio temporal *kwehe* e os sufixos modo-temporais [-*rəm*], [-*tar*] e [-*wer*], os quais ocorrem em posição oposta em relação aos sufixos AgrS, AgrO e Neg1, o que, portanto, constitui evidência suficiente para postularmos que FP, em (34d), corresponde a TP, fato que nos permite responder à indagação em (29), repetida abaixo em (40):

(40)

*Como pode TP ser linearizado entre AgrSP e AgrOP, haja vista que (i) não há um paradigma morfológico rico para a indicação de tempo e (ii) tempo é indicado por meio de advérbios que co-ocorrem com o verbo no predicado e por meio de sufixos modo-temporais?*

A resposta a essa pergunta é que TP não pode ser linearizada entre AgrSP e AgrOP. Temos então de admitir que TP é projetado acima das projeções AgrSP e AgrOP, ao contrário do que supúnhamos nas seções 4.1. e 4.2. Nessa mesma linha de raciocínio, temos de assumir que, na configuração (34a-d), repetida abaixo em (41),

FP deve equivaler-se a TP, fato que sugere que o sujeito e o verbo se movem para TP, após verificarem os traços N e V de AgrS, em (41b).

- (41a) [<sub>AgrOP</sub> t<sub>ir</sub>əm [<sub>AgrO</sub> udapo [<sub>VP</sub> awa wə [t<sub>v</sub> t<sub>o</sub> ]]]]
- (41b) [<sub>AgrSP</sub> awa [<sub>AgrS</sub> udapo [<sub>AgrOP</sub> t<sub>ir</sub>əm [<sub>AgrO</sub> t<sub>v</sub> [<sub>VP</sub> t<sub>s</sub> wə [t<sub>v</sub> t<sub>o</sub> ]]]]]]]]
- (41c) [<sub>TP</sub> awa [<sub>T</sub> udapo [<sub>AgrSP</sub> t<sub>s</sub> [<sub>AgrS</sub> t<sub>v</sub> [<sub>AgrOP</sub> t<sub>ir</sub>əm [<sub>AgrO</sub> t<sub>v</sub> [<sub>VP</sub> t<sub>s</sub> wə [t<sub>v</sub> t<sub>o</sub> ]]]]]]]]]]
- (41d) [<sub>TP</sub> kwehe [<sub>T</sub> awa [<sub>F</sub> udapo [<sub>AgrSP</sub> t<sub>s</sub> [<sub>AgrS</sub> t<sub>v</sub> [<sub>AgrOP</sub> t<sub>ir</sub>əm [<sub>AgrO</sub> t<sub>v</sub> [<sub>VP</sub> t<sub>s</sub> wə [t<sub>v</sub> t<sub>o</sub> ]]]]]]]]]]]]

Vê-se, portanto, que a estrutura do IP no Tembê se assemelha muito à hierarquia proposta por Ouhalla (1994) para o idioma Árabe e por McCloskey (2000) para o Irlandês e o Islandês, já que TP domina AgrSP no âmbito do IP expandido.

Antes de finalizar este capítulo, precisamos determinar se, com a modificação na hierarquia das categorias funcionais, o ponto na derivação sintática em que ocorre a atribuição de Caso nominativo é também afetada, especialmente porque nas seções 4.1. e 4.2, nossa proposta era a de que Caso nominativo seria atribuído por T sob mediação de AgrS.

#### 4.5. ATRIBUIÇÃO DE CASO NOMINATIVO

Com base no que foi exposto na seção anterior, uma hipótese plausível é a de que, tal como acontece no Irlandês [cf. McCloskey, 2000]<sup>8</sup>, o sujeito em Tembé recebe Caso nominativo no momento em que é elevado para [SPEC,AGRSP]. Nessa linha de investigação, poder-se-ia questionar, então, a razão por que o NP *awa* não fica congelado em Spec-AgrSP, após ter seu traço de Caso avaliado. Uma provável razão pode estar correlacionada com o fato de TP, assim como acontece nas TECs do Irlandês, possuir EPP forte, o que exige, no Tembé, elevação adicional do NP *awa* de Spec-AgrSP para Spec-TP<sup>9</sup>. Sendo assim, como o traço categorial e os traços- $\phi$  do sujeito ficam acessíveis, mesmo depois de verificados em AgrSP, o NP *awa* pode ser elevado uma vez mais para satisfazer o EPP forte de TP, resultando então na configuração em (42b), com TP dominando AgrSP.

(42a) *kwehe*          *awa*          *u-dapo*          *tírəm*          *wə*  
DPASS          homem          3-fazer          farinha          Mais de um  
“Mais de um homem fez farinha (há muito tempo atrás)”.

(42b) [TP *kwehe* [TP *awa* [T *udapo* [AgrSP *t<sub>s</sub>* [AgrS *t<sub>v</sub>* [AgrOP *tírəm* [VP *t<sub>s</sub>* *wə* [*t<sub>v</sub>* *t<sub>o</sub>* ]]]]]]]

Com base nessas considerações, concluímos que a estrutura do IP, no Tembé, apresenta propriedades morfossintáticas muito semelhantes das exibidas em línguas

<sup>8</sup> Ver capítulo 1 para considerações sobre atribuição de Caso nominativo em AgrSP, no Irlandês moderno [cf. McCloskey, 2000].

<sup>9</sup> O que os dados empíricos, em línguas como o Tembé, nos mostram é que um NP pode mover-se para Spec-TP para verificar o EPP forte de T, mesmo se já tiver tido seu Caso avaliado em Spec-AgrSP.

como o Árabe (cf.: Ouhalla, 1994), o Irlandês e o Islandês (cf.: McCloskey, 2000), já que têm em comum o fato de TP dominar AgrSP. Além disto, nessas últimas, semelhantemente ao que acontece no Tembé, Caso nominativo é atribuído na relação Spec-núcleo, em AgrSP, conforme sugerem as derivações sintáticas (43b) e (44b), das sentenças (43a) e (44a) do Irlandês e do Islandês, respectivamente.

DADOS DO IRLANDÊS [cf.: MCCLOSKEY, 2000:6]

(43a) *Mhéadaigh mo shaibhreas i gcónaí* três mo ghuí-se  
 increase-PAST my wealth always after may prayer  
 “My wealth always increased after my prayer.”

(43b) [TP Mhéadaigh [AgrSP mo shaibhreas [VP i gcónaí três mo ghuí-se ]]]

DADOS DO ISLANDÊS [cf.: MCCLOSKEY, 2000:19]

(44a) *thað lauk einhver verkefninu...*  
 there finished someone the assignment  
 “Someone finished the assignment.....”

(44b) [TP thað [T lauk [AgrSP einhver [AgrS lauk [AgrOP verkefninu....

Todavia, o Tembé apresenta uma diferença adicional, haja vista que, paralelamente ao exemplo (42), cujo verbo está à direita do advérbio *kwehe* e do sujeito, é possível também encontrar o verbo à esquerda desse advérbio temporal, conforme se vê na representação (45b) abaixo.

(45a) *u-dapo kwehe awa tirəm wə*  
 3-fazer DPASS homem farinha PL  
 “Mais de um homem fez farinha (há muito tempo atrás)”.

(45b) [CP udapo [TP kwehe [TP awa [T t<sub>verbo</sub> [AgrSP t<sub>sujeito</sub> [AgrS t<sub>verbo</sub> [AgrOP t<sub>irəm</sub> [AgrO t<sub>verbo</sub> [VP t<sub>s</sub> wə [V t<sub>v</sub> t<sub>o</sub>]]]]]]]]

Uma possibilidade para identificar a posição que o verbo ocupa na estrutura, em (45b), é admitirmos que um traço formal [F<sub>forte</sub>] atrai o verbo para núcleo de CP. Esse deslocamento parece estar correlacionado com alguma propriedade sintática do sistema CP<sup>10</sup>, e não à necessidade de verificação do traço de tempo (=tense) ou dos traços-φ de V, tendo em vista que esses traços já são verificados em TP e AgrSP, conforme sugerimos pelas derivações em (34a-d) e (38a-d).

Qual será exatamente a natureza morfossintática da projeção para onde o verbo se move no domínio de CP, em (45b) é o que vai ser discutido no capítulo 6.

---

<sup>10</sup> Uma possibilidade é assumirmos que C possui um traço [INFL] forte, o qual engatilha elevação do verbo. Na realidade, não seria elevação de V apenas, mas de I, com V incorporado a I, nos termos de Chomsky [1995:279, tradução de Raposo].

#### 4.6. RESUMO DO CAPÍTULO

Com base na análise dos dados, pudemos averiguar que o padrão de concordância transparente entre o verbo e o sujeito no Tembé dá-se na configuração [SPEC, NÚCLEO] com AgrS antes de Spell-Out, o que nos permitiu manter os traços N e V dos AgrPs uniformes. Mostramos ainda que, embora o verbo em Tembé não apresente um paradigma flexional rico para indicar tempo, o comportamento sintático do advérbio temporal *kwehe* e a presença dos sufixos modo-temporais [-rəm], [-tar] e [-wer] na morfologia verbal, em posição oposta aos morfemas Neg1, AgrS e AgrO, nos permitiram motivar a realização de TP acima de AgrSP. Vimos também que um NP pode mover-se para Spec-TP para verificar o EPP de T, mesmo se já tiver verificado seu traço de Caso em Spec-AgrSP.

Finalmente, uma vez que a posição do advérbio sentencial *kwehe* nos serviu para determinar o limite entre IP e CP, aventamos a hipótese de a ocorrência desse advérbio depois do verbo, nas orações VSO, conforme a representação em (46):

(46) [V [kwehe [ SO]]

ser reflexo de movimento longo do verbo para uma projeção funcional acima do IP, no domínio de CP.

## CAPÍTULO 5

### ESTATUTO SINTÁTICO DOS AUXILIARES NA LÍNGUA TEMBÉ

---

Conforme expusemos no capítulo 2, os verbos auxiliares aspectuais [(w)-iko, t̃ni, hereko] e de movimento (oho, ur) ocorrem sistematicamente após o verbo principal na língua Tembé. Mostramos ainda que uma das principais peculiaridades desses verbos é que, tal como os verbos lexicais<sup>1</sup>, vêm marcados com a flexão de concordância nominativa, conforme mostram os dados em (1) a (5).

- (1) *u-kaʔa-petek*      *teko*      *ko*      *o-ho*      *kuri*  
3-mato-cortar      a gente      roça      3-ir      então  
“A gente vai cortar a roça então.”
- (2) *u-ʔar*      *kwehe*      *dawar*      *ur*      *ʔi*      *pe*      *kuri*  
3-entrar      DPASS      onça      3-ir      água      em      então  
“A onça entrou na água então”.
- (3) *a-maiʔu*      *t-ĩni*      *a-pĩk*      *pə.*  
1-comer      1-estar      1-sentar      COMP  
“Estou comendo sentado”.
- (4) *uru-ekar*      *tapiʔir*      *uru-iko*  
nós<sub>exclusivo</sub>-procurar      anta      3-estar  
“(Nós exclusivo) estamos procurando anta”.
- (5) *Puruto*      *w-ekar*      *tapiʔir*      *w-iko*  
Puruto      3-procurar      anta      3-estar  
“Puruto está procurando anta”.

---

<sup>1</sup> Durante esse texto, faremos uso do termo *verbo lexical* para referirmo-nos aos verbos principais da oração que, diferentemente dos auxiliares, podem codificar informações sobre a natureza semântico-lexical do predicado.

Levando-se em consideração as propriedades sintáticas dos auxiliares nessas construções, nosso objetivo principal neste capítulo é encontrar uma explicação para as seguintes questões:

- (6)
- (a) *como podem o verbo e seus argumentos ocorrer acima do auxiliar na ordem linear, considerando a abordagem anti-simétrica, no âmbito do programa minimalista, que estipula que a estrutura de base é [AUXP AUX [VP SVO], conforme Kayne (1994)?*
  - (b) *em que ponto da derivação sintática, dá-se a verificação dos traços de concordância do verbo lexical e do auxiliar nas construções em (1) a (5)?*
  - (c) *como pode o verbo lexical mover-se sobre o auxiliar durante a derivação sintática sem violar a condição de elo mínimo?*

Nas próximas seções, procuramos fornecer uma resposta a essas questões. Na seção 5.1., apresentamos os dados que fundamentam a nossa análise. Na seção 5.2., antes de fornecer uma explicação para a derivação das orações [SVO[Aux]] e [VSO[Aux]], retomamos a proposta de Damaso Vieira, Maia et alli sobre a derivação dessas construções em outra língua da mesma família lingüística, o Mbyá Guarani. Na seção 5.3, propomos uma análise alternativa à proposta de Damaso Vieira, Maia et Alli (1998, 1999). Nossa hipótese é que as orações [SVO[Aux]] e [VSO[Aux]] não são derivadas por meio de movimento núcleo a núcleo somente, mas pela interação do movimento núcleo a núcleo e da elevação de uma projeção máxima XP, contendo o verbo e seus argumentos, para [SPEC, AUXP]. Aventamos a possibilidade de esse movimento ser motivado por duas razões: (i) necessidade de verificação dos traços- $\phi$

do auxiliar e (ii) devido ao fato de o auxiliar ocupar o núcleo de uma projeção funcional que exige elevação de um XP, marcado com os traços [-N, +PRED], para seu Spec.

### 5.1. APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Uma das características das construções com auxiliares, em Tembé, é que o verbo auxiliar sempre segue o verbo lexical, conforme mostra a ordem V-Aux dos exemplos (1) a (5) acima. Nessas sentenças, se o auxiliar vier antes do verbo lexical, ordem Aux-V, a sentença resultante é agramatical, conforme (7) abaixo.

- (7) \**Puruto w-iko w-ekar tapi?ir*  
 Puruto 3-estar 3-procurar anta  
 “Puruto está procurando anta.”

Em (7), nota-se que, além do verbo, também os NPs sujeito e objeto têm de vir antes do auxiliar. Por isso, não pode acontecer uma situação em que o objeto, exemplo (8a), ou o sujeito, exemplo (8b), figurem após o auxiliar.

- (8a) \**Puruto w-ekar w-iko tapi?ir*  
 Puruto 3-procurar 3-estar anta  
 “Puruto está procurando anta”.

- (8b) \* *tapi?ir w-ekar w-iko Puruto*  
 anta 3-procurar 3-estar Puruto  
 “Puruto está procurando anta”.

Para que as sentenças em (8a-b) tornem-se gramaticais, é necessário que o verbo e seus argumentos, i.e., os NPs sujeito e o objeto, precedam o auxiliar, conforme o exemplo (5), repetido em (9).

- (9) *Puruto w-ekar tapiʔir w-iko*  
 Puruto 3-procurar anta 3-estar  
 “Puruto está procurando anta.”

Uma segunda característica é que advérbios de VP só podem ocorrer após o auxiliar, e não antes dele, conforme se vê nos dados abaixo.

- (10a) *w-ekar t-upaw-ə̃m o-ho rihi*  
 3-procurar G-lugar da roça-FUT 3-ir primeiramente  
 “Primeiramente, a gente vai procurar o futuro lugar da roça.”
- (10b) \**w-ekar t-upaw-ə̃m rihi o-ho*  
 3-procurar G-lugar da roça-FUT primeiramente 3-ir  
 “Primeiramente, a gente vai procurar o futuro lugar da roça.”
- (11a) *ihe a-kɛ̃tɛ̃k maniʔok a-iko kuri*  
 1 1-ralar mandioca 1-estar então  
 “Eu estava ralando mandioca então.”
- (11b) \**ihe a-kɛ̃tɛ̃k maniʔok kuri a-iko*  
 1 1-ralar mandioca então 1-estar  
 “Eu estava ralando mandioca então.”

Situação semelhante acontece em relação à distribuição sintática do dêitico *aʔe*, do quantificador *wə̃* e dos advérbios temporais *nehe* e *kwej*, que, em geral, ocorrem à direita do auxiliar, e não à esquerda, conforme mostra o contraste entre os exemplos (a) e (b), nos dados abaixo.

- (12a) *u-dapo*      *awa*      *tírə̃m*      *w-iko*      *aʔe*  
 3-fazer      homem      farinha      3-estar      ele  
 “Ele, homem, está fazendo farinha”.
- (12b) *u-dapo*      *awa*      *tírə̃m*      \**aʔe*      *w-iko*  
 3-fazer      homem      farinha      ele      3-estar  
 “Ele, homem, está fazendo farinha”.
- (13a) *u-dapo*      *awa*      *tírə̃m*      *w-iko*      *wə*  
 3-fazer      homem      farinha      3-estar      mais de um  
 “Mais de um homem está fazendo farinha”.
- (13b) *u-dapo*      *awa*      *tírə̃m*      \**wə*      *w-iko*  
 3-fazer      homem      farinha      mais de um      3-estar  
 “Mais de um homem está fazendo farinha.”
- (14a) *u-dapo*      *awa*      *tírə̃m*      *w-iko*      *nehe*  
 3-fazer      homem      farinha      3-estar      FUT  
 “O homem estará fazendo farinha.”
- (14b) *u-dapo*      *awa*      *tírə̃m*      \**nehe*      *w-iko*  
 3-fazer      homem      farinha      FUT      3-estar  
 “O homem estará fazendo farinha.”
- (15a) *u-dapo*      *awa*      *tírə̃m*      *w-iko*      *kwej*  
 3-fazer      homem      farinha      3-estar      IPASS  
 “O homem esteve fazendo farinha.”
- (15b) *u-dapo*      *awa*      *tírə̃m*      \**kwej*      *w-iko*  
 3-fazer      homem      farinha      IPASS      3-estar  
 “O homem esteve fazendo farinha.”

Os dados acima sugerem, portanto, que elementos pertencentes ao domínio de VP, tais como os advérbios de VP *nehe* e *kwej*, o dêitico *aʔe* e o quantificador *wə*, não podem figurar à esquerda do auxiliar nas construções transitivas com auxiliares,

doravante denominadas CTAs. Podemos captar esta restrição por meio das configurações em (16a-b).

(16a) [S V O [<sub>AuxP</sub> wiko [VP (Adv) [VP t<sub>s</sub> t<sub>v</sub> t<sub>o</sub> ]]]

(16b) [SVO (\*(Adv) [<sub>AuxP</sub> wiko [VP t<sub>s</sub> t<sub>v</sub> t<sub>o</sub> ]]]

(16b) sugere, assim, que as CTAs exibem uma interessante restrição quanto aos elementos que podem figurar entre o NP objeto e o auxiliar. Podemos formular esta restrição da seguinte maneira.

(17)

*partículas adverbiais adjuntas ao VP, como rihî, kurî, nehe e kwej, quantificadores e dêiticos orientados para o sujeito, que, portanto, não fazem parte diretamente da seleção temática do verbo lexical, não podem ocorrer à esquerda do auxiliar nem entre o verbo lexical e o auxiliar.*

Retomaremos esta restrição na subseção 5.3.3., quando elaboramos uma proposta de derivação para as CTAs do Tembê. Nossa hipótese é a de que esses itens sejam deixados para trás no ponto da computação sintática em que o verbo e seus argumentos movem-se para posições funcionais acima do VP.

Uma restrição semelhante a (17) ocorre nas orações encaixadas do Alemão que, via de regra, apresentam a ordem SOVAux. O interessante nessas construções é que, assim como nas CTAs do Tembê, nenhum material pode aparecer entre o verbo principal e o auxiliar, conforme ilustra o exemplo abaixo:

Svenonius [2001:9]  
 (18) *daß ich gearbeitet (\*schwer) habe*  
       that I worked hard have  
       “.....that I have worked”

Segundo Svenonious (2001:8-9), esta restrição é uma propriedade que caracteriza as orações subordinadas do alemão, as quais apresentam a ordem Verbo-Auxiliar. Segundo ele, nessas orações, nada pode quebrar a adjacência entre o verbo principal e o auxiliar, como se vê em (18). Já as orações principais do alemão em que o auxiliar precede o verbo lexical, ordem Aux-V, advérbios podem figurar entre o auxiliar e o verbo principal, sem causar agramaticalidade da oração, como é o caso do exemplo em (19).

- Svenonious [2001:8]  
 (19) *Ich habe (schwer) gearbeitet*  
 I have hard worked  
 "I have worked (hard)"

Com base nessas observações, Svenonious (ibid:9) propõe a formulação em (20), para explicar o mecanismo sintático que gera estruturas com a ordem Verbo-Auxiliar, como na oração encaixada do alemão em (18).

- (20)  
*The obligatory adjacency of V-Aux order, as opposed to Aux-V order, can be seen as a function of the one being derived from the other. (...) If the two orders were simply a matter of the auxiliary taking its complement to the left or to the right, this systematic difference would be unexpected. [Svenonious, 2000:9]*

Nesta linha de raciocínio, podemos postular que a ordem básica das CTAs seja [Aux [SVO]] e que, as ordens [SVO[Aux]] e [VSO[Aux]] são alcançadas via movimento à esquerda do verbo e de seus argumentos. Nossa hipótese é a de que essas ordens são resultantes de movimento de projeções máximas para [SPEC, AUXP].

Contudo, antes de apresentar os detalhes e os argumentos a favor desta hipótese, retomamos, na próxima seção, a proposta de Damaso Vieira, Maia et alli (1998, 1999) sobre a linearização das CTAs no Mbyá Guarani.

## 5.2. PROPOSTA DE DAMASO VIEIRA, MAIA et alli (1998, 1999)

No Mbyá Guarani, conforme Damaso Vieira, Maia et alli (1998:358-359), o verbo lexical das CTAs também “é marcado com a flexão de concordância de sujeito, de tempo e de negação, enquanto o verbo auxiliar só exhibe morfologia de concordância de sujeito (...), e sempre segue o verbo lexical”. Vê-se que a realização morfológica do auxiliar é, portanto, semelhante à do Tembê

Todavia, observa-se uma diferença entre as duas línguas em relação à posição do NP objeto na ordem linear. No Mbyá Guarani, existe a possibilidade desse NP vir à direita do auxiliar nas CTAs, conforme o exemplo (21b). Por sua vez, esta situação não se observa nas CTAs do Tembê, uma vez que o NP objeto sempre precede o auxiliar, conforme sugere o contraste entre (22a) e (22b).

MBYÁ GUARANI [cf.: Damaso Vieira, Maia et alli, 1998:359]

(21a) *ava-kwe*                      *ajaka*                      *o-japo*                      *o-kwapy*  
 homem-plural                      cesta                      3-fazer                      3-estar  
 “Os homens estão fazendo cesta”.

(21b) *ava-kwe*                      *o-japo*                      *o-kwapy*                      *ajaka*  
 homem-plural                      3-fazer                      3-estar                      cesta  
 “Os homens estão fazendo cesta”.

TEMBÉ

(22a) *u-dapo*      *awa*      *wə*      *maniku*      *w-iko*  
3-fazer      homem      mais de um      paneiro      3-estar  
“Mais de um homem está fazendo paneiro”.

(22b) \**u-dapo*      *awa*      *wə*      *w-iko*      *maniku*  
3-fazer      homem PL      3-estar      paneiro  
“Mais de um homem está fazendo paneiro”.

No intuito de derivar a ordem SOVAux, no Mbyá Guarani, Damaso Vieira, Maia et alli (1999) assumem que o verbo e e seus argumentos se movem um a um para posições funcionais acima de AuxP e de VP. Assim sendo, eles postulam uma categoria funcional AgrOP. Conforme Maia et alii (ibid), AgrO possui traços categoriais N e V fortes, que engatilham o movimento do objeto na sintaxe visível para Spec-AgrOP e do verbo lexical para AgrO.

Damaso Vieira, Maia et alli (ibid) consideram que tanto AgrS quanto T possuem traços V fracos em Mbyá Guarani, o que justifica o verbo permanecer em AgrO nas orações SOVAux. Tomando por base o parâmetro [SPEC, TP] de Bobaljik e Jonas (1996), Damaso Vieira, Maia et alli (ibid) postulam que o NP sujeito se move para [SPEC, TP], já que línguas que permitem deslocamento do objeto licenciam [SPEC, TP] em sintaxe visível, de modo a impedir que o NP sujeito fique abaixo do objeto.

Já o movimento do sujeito para [SPEC, AGRSP]<sup>2</sup> só ocorre em LF, ou seja, “o sujeito não se move antes de Spell-Out para [SPEC, AGRSP], visto que a checagem dos traços de concordância só será efetuada quando o verbo for alçado para AgrS em

---

<sup>2</sup> Na análise de Damaso Vieira, Maia et alli, AgrSP domina TP em Mbyá Guarani.

Forma Lógica”, [cf. Damaso Vieira, Maia et alli, 1999:14]. Com base nessas observações, os autores postulam que a valência dos traços N e V das categorias funcionais, no Mbyá Guarani, é a seguinte:

| Tabela 1: natureza dos traços de AgrSP, TP e AgrOP |        |   |
|--|--------|---|
| categorias funcionais                              | Traços |   |
|  | N      | V |
| AgrS   | -      | - |
| T  | +      | - |
| AgrO   | +      | + |

Em suma, no Mbyá Guarani, AgrO possui traços V e N fortes, já T, traços V fraco e N forte, enquanto AgrS possui traços V e N fracos porque nem o sujeito nem o verbo são alçados para o seu domínio em sintaxe visível.

Notamos que a análise desenvolvida pelos autores implica que a oração (23) possui a estrutura oracional indicada em (24).

[cf. Damaso Vieira, Maia et alli, 1999:15]

- (23) *xee kya a-japo a-iny*  
 eu rede 1-fazer 1-estar  
 “Eu estou fazendo rede”.

- (24) [<sub>AgrSP</sub>....[TP *xee* [<sub>T</sub> [<sub>AgrOP</sub> *kya* [<sub>AgrO</sub> *ajapo* [<sub>AuxP</sub> *ainy* [<sub>VP</sub> *t<sub>s</sub> t<sub>v</sub> t<sub>o</sub>...*]]]]]]]]]

Para explicar como o verbo lexical cruza o auxiliar, um núcleo interveniente, sem provocar violação à condição de elo mínimo (cf. Rizzi, 1990 e Chomsky, 1995), Damaso Vieira, Maia et alli (1999:15) adotam duas hipóteses.

A primeira baseia-se na análise de Demuth e Gruber (citado por Collins, 1997) e supõe que em construções com concordância múltipla:

*“cada verbo é dominado por um AgrSP e um TP, sendo o T mais alto o núcleo com a propriedade [+finito] e com traços de caso nominativo. Os traços de concordância são, então, checados quando o sujeito se move sucessivamente para a posição de especificador do AgrSP que domina cada verbo”, [cf. Damaso Vieira, Maia et alli, 1999:15].*

Como se vê, esta análise é problemática na medida em que estipula a existência de mais de um AgrSP e TP acima do VP e do AuxP, o que torna a computação sintática bastante complexa.

A segunda hipótese supõe que a verificação da concordância no auxiliar se dá na Forma Lógica, quando o auxiliar adjunge-se a AgrS. Contudo, o aspecto negativo desta hipótese é que o auxiliar, para adjungir-se a AgrS, tem de atravessar, pelo menos, dois núcleos funcionais já preenchidos, i.e., AgrO e T, causando, portanto, violação à condição de elo mínimo (MLC). Além do mais, AgrS tem apenas um papel mediador e aparece na computação sintática para completar a atribuição de Caso nominativo ao NP sujeito, quando da elevação do complexo [<sub>T</sub> (V+T)] para AgrS<sup>o</sup>, e para verificar os traços- $\phi$  do verbo lexical. Ao final desta operação, AgrS desaparece, não ficando, portanto, disponível para verificar os traços- $\phi$  do auxiliar. Em suma, a proposta de derivação de Damaso Vieira, Maia et alli deixa em aberto as seguintes questões:

- (25) (a) como pode o verbo lexical cruzar o auxiliar sem causar violação à condição de elo mínimo?
- (b) não estando AgrS disponível para verificar os traços- $\phi$  do auxiliar, em que momento da computação sintática esses traços são, então, verificados?

Para responder a essas indagações, nas próximas seções vamos adotar uma hipótese diferente daquelas adotadas por Damaso Vieira, Maia et alli. Mais precisamente vamos postular que AuxP é linearizado acima de TP/AgrPs e que a derivação das CTAs dá-se por meio de movimento da projeção máxima TP-AgrPs para [SPEC, AUXP].

### 5.3. DERIVAÇÃO DAS ORAÇÕES SVOAUX E VSOAUX NA LÍNGUA TEMBÉ

Para explicar a derivação das orações SVOAux e VSOAux na língua Tembé, retomemos a sentença (5), repetida em (26). Assumindo que a ordem inicial das CTAs é [Aux[SVO], suponhamos que esta oração comece com a estrutura de base em (27).

(26) *Puruto w-ekar tapi?ir w-iko*  
 Puruto 3-procurar anta 3-estar  
 “Puruto está procurando anta”.

(27) [AUXP [Aux wiko [VP Puruto [V wekar tapi?ir]

Para derivar a sentença (26) a partir de (27), apliquemos duas hipóteses. Na primeira, adotemos a proposta de Damaso Vieira, Maia et alli (ibid) e admitamos que o verbo e seus argumentos se movem um a um, para posições funcionais acima de AuxP, tal que obtenhamos a estrutura em (28):

(28) [AgrSP Puruto [AgrS wekar [AgrOP tapi?ir [AgrO t<sub>v</sub> [AUXP [Aux wiko [VP t<sub>s</sub> [V t<sub>v</sub> t<sub>o</sub>]

Esta derivação, embora seja muito semelhante à análise de Damaso Vieira, Maia et alli (ibid), apresenta algumas diferenças. Por exemplo, (28) prevê que, em Tembé, AgrSP possui traços V e N fortes, engatilhando o movimento do verbo para AgrS, e não inclui a projeção TP na computação sintática, visto que o verbo não traz os sufixos modo-temporais [-rəm], [-tar] e [-wer]. Vamos optar em não adotar esta proposta de derivação pelas mesmas razões levantadas em (24a-b), repetidas em (29a-b).

- (29) (a) como pode o verbo lexical cruzar o auxiliar sem causar violação à condição de elo mínimo?
- (b) não estando AgrS disponível para verificar os traços- $\phi$  do auxiliar, em que momento da computação sintática esses traços são, então, verificados?

A alternativa é, então, admitirmos que a derivação da oração (26), em vez de envolver movimento um a um dos elementos do VP para posições funcionais à esquerda de AuxP, como em (28), dá-se por meio do movimento do VP para [SPEC, AUXP], possivelmente para satisfazer algum traço-F [ininterpretável] do auxiliar. Por isso, suponhamos que, após a operação que junta AuxP ao VP, em (30), todo o VP é deslocado para [SPEC, AUXP], resultando na derivação em (30b):

- (30a) [<sub>AuxP</sub> [<sub>Aux</sub> wiko [<sub>VP</sub> Puruto [<sub>V</sub> wekar tapiʔir]
- (30b) [<sub>AuxP</sub> [<sub>VP</sub> Puruto [<sub>V</sub> wekar tapiʔir] [<sub>Aux</sub> wiko [<sub>tVP</sub>]]

Com a derivação em (30b), podemos evitar a violação à condição de elo mínimo, já que o movimento não é de núcleo a núcleo, mas da projeção máxima VP,

de sorte que o núcleo interveniente Aux<sup>o</sup> não conta para efeitos de minimalidade. Por sua vez, a derivação em (30b), embora resolva parte dos problemas deixados em aberto na análise de Damaso Vieira, Maia et alli (ibid), não disponibiliza um mecanismo eficiente para a verificação dos traços de Caso dos NPs sujeito e objeto e o traço de concordância dos verbos lexical e auxiliar.

Uma alternativa é, então, adotar a hipótese de movimento duplo, conforme Haegeman (2000:83-85) e Svenonious (2000:6-7). Consoante esta proposta, para que haja a derivação da ordem V-Aux, pode ocorrer a interação de movimentos distintos, como o movimento um a um de constituintes e movimento de projeção máxima. Os dois movimentos são efetuados em momentos diferentes durante a computação sintática. Antes de aplicar essa proposta aos dados do Tembé, mostramos, nas próximas subseções, a proposta de Svenonious (2000) e Haegeman (2000).

### 5.3.1. PROPOSTA DE SVENONIOUS (2000)

Svenonious (ibid) argumenta a favor de haver uma complementaridade entre o movimento núcleo a núcleo do verbo e o movimento residual<sup>3</sup> de VP para derivar a ordem OV nas orações encaixadas do Holandês, como em (31) abaixo:

- (31) *dat Jan het boek op de tafel wil leggen*  
*that John the book on the table will put*  
‘that John will put the book on the table.’

---

<sup>3</sup> Ou seja, deslocamento do que resta da projeção que teve algum elemento movido para posições funcionais.

Svenonious (2000:7) assume que a oração em (31) começa como em (32), e que, após elevação do sujeito para Spec-AgrSP, chega-se à derivação em (32a). Em seguida, o verbo lexical *leggen* sobe para núcleo de IP, que é uma categoria funcional intermediária entre o VP e o AuxP, resultando na estrutura em (32b). Na etapa final da computação sintática, ocorre movimento residual do VP para a posição de especificador de AuxP, resultando na estrutura em (32c), que equivale à ordem superficial da sentença em (31).

- (32) dat [<sub>AuxP</sub> wil [<sub>IP</sub> [<sub>VP</sub> Jan leggen het boek op de tafel ]]]  
 (32a) dat [<sub>AgrSP</sub> Jan [<sub>AgrS</sub> [<sub>AuxP</sub> wil [<sub>IP</sub> [<sub>VP</sub> leggen het boek op de tafel ]]]]  
 (32b) dat [<sub>AgrSP</sub> Jan [<sub>AgrS</sub> [<sub>AuxP</sub> wil [<sub>IP</sub> leggen [<sub>VP</sub> t<sub>v</sub> het boek op de tafel ]]]]  
 (32c) dat [<sub>AgrSP</sub> Jan [<sub>AgrS</sub> [<sub>AuxP</sub> [<sub>VP</sub> t<sub>v</sub> het boek op de tafel ] [<sub>Aux</sub> wil [<sub>IP</sub> leggen t<sub>VP</sub> ]]]]

Svenonious (ibid) argumenta contra a proposta de Zwart (1993) de derivar a oração acima apenas por meio de movimento um a um dos constituintes, conforme a representação em (33), em que o objeto é elevado para [SPEC, AGROP] e o PP, para [SPEC, PRED], permanecendo os verbos lexical e auxiliar numa posição mais baixa na estrutura sintática.

- (33) *dat* [<sub>AgrSP</sub> *Jan*<sub>1</sub> [<sub>AgrOP</sub> het boek<sub>2</sub> [<sub>PredP</sub> op de tafel<sub>3</sub> [<sub>VP</sub> wil t<sub>1</sub> leggen t<sub>2</sub> t<sub>3</sub>]]]]]  
 that John the book on the table will put  
 ‘that John will put the book on the table.’

Segundo Svenonious (ibid), a derivação em (32a-c) traz mais vantagens, pois reforça a hipótese de que as orações encaixadas das línguas germânicas ocidentais, embora sejam predominantemente OV, são derivadas a partir da ordem de base VO.

Por isso, Svenonious (2000:10) reafirma que:

*“such an analysis requires the verb to move to a higher functional head, it is consistent with the assumption that verbs in languages like German move overtly to a relatively high position, bringing the OV languages into line with facts about VO languages.”*

### 5.3.2. PROPOSTA DE HAEGEMAN (2000)

Haegeman (2000) formula a hipótese do movimento duplo para derivar a ordem OV ocorrente nas orações encaixadas do West Flemish, doravante WF. Acompanhando proposta de Zanuttini (1997a, 1997b) em relação à distribuição dos advérbios de negação e aspectuais, Haegeman (2000:82-83) propõe que as categorias funcionais das orações encaixadas do WF exibem a seguinte hierarquia:

|      |     |          |    |     |           |          |        |
|------|-----|----------|----|-----|-----------|----------|--------|
| (34) | TP1 | NegP1    | FP | TP2 | NegP2     | AspP     | AspP   |
|      |     | polarity |    |     | adverbial |          |        |
|      |     | en       |    | a   | niet      | nie meer | atent  |
|      |     | não      |    | já  | não       | nunca    | sempre |

No entanto, ao tentar derivar as orações encaixadas do WF, utilizando a hierarquia (34), Haegeman (ibid) observa que apenas o movimento do verbo para T1, passando por Neg1, não produz uma estrutura convergente. Esta é a situação da oração (35) em que, embora ocorra a ordem hierárquica das categorias funcionais prevista em (34), não se obtém a derivação correta.

|      |            |               |                |          |            |             |              |            |           |
|------|------------|---------------|----------------|----------|------------|-------------|--------------|------------|-----------|
| (35) | <i>*da</i> | <i>Valère</i> | <i>en-komt</i> | <i>a</i> | <i>nie</i> | <i>meer</i> | <i>atent</i> | <i>nor</i> | <i>us</i> |
|      | that       | valère        | NEG-come       | already  | no         | more        | always to    |            | house     |

“that Valère already doesn’t always come home any more.”

Por isso, além do movimento do verbo *komt* para Neg1 e T1, Haegeman (ibid) propõe movimento residual da projeção máxima NegP2 para [SPEC, TP1], de modo a alcançar a ordem dos constituintes da oração em (36) abaixo:

- (36) *da Valère a nie meer atent nor us en-komt*  
 that valère already no more always to house NEG-come  
 “that Valère already doesn’t always come home any more.”

Para derivar (36), Haegeman admite as seguintes etapas na computação sintática. Em primeiro lugar, o NP sujeito *Valère* move-se para [SPEC, AGRSP], resultando na derivação em (37a). Em seguida, o verbo *en-komt* sobe para TP1, passando antes por Neg1, onde verifica o traço Neg<sup>0</sup> e o tempo do verbo, conforme (37b). Note que até aqui utilizamos apenas movimento um a um de constituintes. Na etapa final da derivação, em (37c), ocorre, então, movimento residual de NegP2 para [SPEC, TP1], resultando na sentença gramatical em (36) acima.

- (37a) [CP da [AgrSP Valère [TP1 [NegP1 en [NegP2 a nie meer atent [VP t<sub>s</sub> komt nor us]  
 (37b) [CP da [AgrSP Valère [TP1 en-komt [NegP1 t<sub>en-V</sub> [NegP2 a nie meer atent [VP t<sub>s</sub> t<sub>v</sub> nor us]  
 (37c) [CP da [AgrSP Valère [TP1 [NegP2 a nie meer atent [VP t<sub>s</sub> t<sub>v</sub> nor us] [T1 en-komt [NegP1 t<sub>en-V</sub> [t<sub>NegP2</sub>]]]]

Portanto, a derivação sintática das orações encaixadas do Holandês e do West Flemish envolve o movimento um a um de constituintes e a elevação (residual) de projeções máximas para a posição de especificador de projeções funcionais. Haegeman (2000:84) resume esta análise nos seguintes termos:

*“the West Germanic OV order is not achieved by one-by-one features driven leftward movement of the individual constituents. Rather, the OV order is derived by (i) V-to-I-movement, and by (ii) remnant movement (cf. Müller 1996) of an extended projection of V to Spec-TP1.*

Segundo Haegeman (2000:85), uma possível razão que engatilha o movimento da projeção máxima NegP2 para [SPEC, TP1] pode estar correlacionada a um traço aspectual forte que NegP2 carrega e que tem de ser verificado na relação [SPEC, NÚCLEO] com T1. Assim, a variação paramétrica na aplicação ou não deste movimento é determinada pela natureza forte ou fraca deste traço na projeção máxima alvo do deslocamento.

### 5.3.3. EXCORPORAÇÃO DE AGRPS E DERIVAÇÃO DAS CTAS NO TEMBÉ

Nesta subsecção, vamos assumir a hipótese do movimento duplo para derivar as orações com auxiliares da língua Tembé. Para tanto, retomemos a oração (26), repetida abaixo como (38).

(38) *Puruto*        *w-ekar*        *tapi?ir*        *w-iko*  
 Puruto        3-procurar        anta        3-estar  
 “Puruto está procurando anta”.

Uma maneira de derivar a sentença (38) é admitir que as projeções funcionais de concordância, em vez de ocorrer acima de AuxP, são licenciadas entre o AuxP e o VP, de maneira que a oração em (38) possua a seguinte hierarquia de projeções funcionais:

(39) [AuxP ..... [TP<sup>4</sup> ..... [AgrSP ..... [AgrOP ..... [VP .....]

Suponhamos, ainda, que a derivação ocorre em três etapas. Em primeiro lugar, o verbo se eleva para AgrO, acompanhado do movimento do objeto, para que o Caso acusativo seja atribuído, resultando na derivação em (40a). Em seguida, o verbo se eleva para AgrS para verificar o traço de concordância e atribuir Caso nominativo ao NP sujeito, produzindo a derivação em (40b). Na etapa final, postulamos que seja necessário efetuar o movimento da projeção máxima AgrSP (e das projeções funcionais c-comandadas por ela, i.e., AgrOP e VP) para [SPEC, AUXP], o que nos permite então alcançar a configuração em (40c), a qual corresponde à estrutura superficial em (38) acima.

(40a) [AuxP wiko [AgrSP ..... [AgrOP tapi?ir [AgrO wekar [VP Puruto t<sub>v</sub> t<sub>o</sub>]

(40b) [AuxP wiko [AgrSP Puruto [AgrS wekar [AgrOP tapi?ir [AgrO t<sub>v</sub> [VP t<sub>s</sub> t<sub>v</sub> t<sub>o</sub>]

(40c) [AuxP [AgrSP Puruto [AgrS wekar [AgrOP tapi?ir [AgrO t<sub>v</sub> [VP t<sub>s</sub> t<sub>v</sub> t<sub>o</sub>]]]]] [wiko [t<sub>AgrSP</sub>]]]

Vemos que a proposta, em (40), permite fornecer uma explicação unificada para as questões levantadas em (29a-b). Com o movimento de AgrSP→[SPEC,AUXP], não precisamos mais nos preocupar com violação ao MLC, uma vez que o auxiliar não conta como núcleo interveniente nas CTAs. Outra vantagem é que (40c) estipula que as projeções AgrSP e AgrOP são linearizadas abaixo do auxiliar, de modo a

<sup>4</sup> Embora estejamos propondo a existência de uma projeção de valor modo-temporal acima de AgrSP e AgrOP, só a indicaremos nos contextos em que o verbo lexical carregar os sufixos [-wer], [-rəm] e [-tar]

permitir a verificação do traço de Caso dos NPs sujeito e objeto e o traço de concordância de sujeito do verbo lexical.

No entanto, resta ainda fornecer uma explicação para o contraste entre os exemplos (a) e (b) dos exemplos abaixo:

- |       |  |            |              |              |              |
|-------|--|------------|--------------|--------------|--------------|
| (41a) | <i>u-dapo</i>                            | <i>awa</i> | <i>tirəm</i> | <i>w-iko</i> | <i>aʔe</i>   |
|       | 3-fazer                                  | homem      | farinha      | 3-estar      | ele          |
|       | "Ele, homem, está fazendo farinha."      |            |              |              |              |
|       |  |            |              |              |              |
| (41b) | * <i>u-dapo</i>                          | <i>awa</i> | <i>tirəm</i> | <i>aʔe</i>   | <i>w-iko</i> |
|       | 3-fazer                                  | homem      | farinha      | ele          | 3-estar      |
|       | "Ele, homem, está fazendo farinha."      |            |              |              |              |
|       |  |            |              |              |              |
| (42a) | <i>u-dapo</i>                            | <i>awa</i> | <i>tirəm</i> | <i>w-iko</i> | <i>wə</i>    |
|       | 3-fazer                                  | homem      | farinha      | 3-estar      | mais de um   |
|       | "Mais de um homem está fazendo farinha". |            |              |              |              |
|       |  |            |              |              |              |
| (42b) | * <i>u-dapo</i>                          | <i>awa</i> | <i>tirəm</i> | <i>wə</i>    | <i>w-iko</i> |
|       | 3-fazer                                  | homem      | farinha      | mais de um   | 3-estar      |
|       | "Mais de um homem está fazendo farinha". |            |              |              |              |
|       |  |            |              |              |              |
| (43a) | <i>u-dapo</i>                            | <i>awa</i> | <i>tirəm</i> | <i>w-iko</i> | <i>nehe</i>  |
|       | 3-fazer                                  | homem      | farinha      | 3-estar      | FUT          |
|       | "O homem estará fazendo farinha".        |            |              |              |              |
|       |  |            |              |              |              |
| (43b) | * <i>u-dapo</i>                          | <i>awa</i> | <i>tirəm</i> | <i>nehe</i>  | <i>w-iko</i> |
|       | 3-fazer                                  | homem      | farinha      | FUT          | 3-estar      |
|       | "O homem estará fazendo farinha".        |            |              |              |              |

A agramaticalidade dos exemplos (b) nos coloca diante do seguinte problema: como é possível que o dêitico *aʔe*, o quantificador *wə* e o advérbio temporal *nehe*, que estão no domínio de VP, não possam figurar à esquerda do auxiliar, uma vez que

nossa hipótese em (40c) é a de que o VP é elevado junto com o AgrSP para [SPEC, AUXP]. Uma maneira de resolver este problema é postularmos que possivelmente o VP não é carregado com AgrSP para [SPEC, AUXP], mas permanece *in situ*.

Por isso, suponhamos que a oração (44) abaixo apresenta a derivação em (45a-c). Nesta derivação, inicialmente, o objeto e o verbo sobem para AgrOP, conforme (45a); em seguida, o NP *awa* move-se para [SPEC, AGRSP], acompanhado do movimento do verbo para AgrS, resultando na estrutura (45b). Por último, em vez de ocorrer o movimento de todas as projeções c-comandadas por AgrSP, conforme (40c), suponhamos que ocorre apenas a excorporação dos AgrPs para [SPEC, AUXP], resultando na derivação em (45c).

- (44) *u-dapo*      *awa*      *tírə̃m*      *w-iko*      *nehe*  
 3-fazer      homem      farinha      3-estar      FUT  
 “O homem estará fazendo farinha.”

(45a) [<sub>AuxP</sub> *wiko* [<sub>AgrSP</sub>..... [<sub>AgrOP</sub> *tírə̃m* [<sub>AgrO</sub> *udapo* [<sub>VP</sub> *nehe* [<sub>VP</sub> *awa* *t<sub>v</sub>* *t<sub>o</sub>*]]]

(45b) [<sub>AuxP</sub> *wiko* [<sub>AgrSP</sub> *awa* [<sub>AgrS</sub> *udapo* [<sub>AgrOP</sub> *tírə̃m* [<sub>AgrO</sub> *t<sub>v</sub>* [<sub>VP</sub> *nehe* [<sub>VP</sub> *t<sub>s</sub>* *t<sub>v</sub>* *t<sub>o</sub>*]]]

(45c) [<sub>AuxP</sub> [<sub>AgrSP</sub> *awa* [<sub>AgrS</sub> *udapo* [<sub>AgrOP</sub> *tírə̃m* [<sub>AgrO</sub> *t<sub>v</sub>*]]]] [<sub>wiko</sub> [<sub>t<sub>AgrSP/AgrOP</sub></sub> [<sub>VP</sub> *nehe* [<sub>VP</sub> *t<sub>s</sub>* *t<sub>v</sub>* *t<sub>o</sub>*]]]]]

Com a proposta de derivação em (45a-c), fica evidente a razão da restrição (17), repetida abaixo como (46).

(46)

*partículas adverbiais adjuntas ao VP, como rihí, kurí, nehe e kwej, quantificadores e dêiticos orientados para o sujeito, que, portanto, não fazem parte diretamente da seleção temática do verbo lexical, não podem ocorrer entre o objeto e o auxiliar.*

Ou seja, os elementos pertencentes ao domínio do VP não ocorrem à esquerda do auxiliar porque não há movimento do VP para [SPEC, AUXP], mas apenas movimento/extraposição dos AgrPs, o que provoca o embaralhamento na ordem inicial dos constituintes, com o VP ficando separado da categoria IP que o c-seleciona.

Finalmente, falta fornecer uma resposta para a indagação em (29b) repetida abaixo como (47):

- (47) *não estando AgrS disponível para verificar os traços- $\phi$  do auxiliar, em que momento da computação sintática esses traços são, então, verificados?*

Para responder (47), suponhamos que o mecanismo que verifica os traços- $\phi$  do auxiliar tenha conexão direta com o traço [F<sub>forte</sub>] ininterpretável presente em AuxP. Por isso, suponhamos que a elevação de AgrSP para [SPEC, AUXP] seja o reflexo de que este traço é realmente forte/ininterpretável nas CTAs e precisa ser verificado antes de Spell-Out. Nesse sentido, uma possibilidade é a de que o traço [F<sub>forte</sub>] corresponda ao que Massam (2000:111) denomina de traço [PRED]. No Niuean, este traço é verificado quando se dá a elevação do predicado (verbal ou nominal) para [SPEC, IP]. Massam propõe o seguinte:

- (48) *“the Niuean head of IP has no [D] feature; thus, the specifier need not be filled by an element checking [D], but instead can be filled by the predicate checking the [PRED] feature. (...) [D] and [PRED] are thus in complementary distribution and can be seen as two reflections of a single EPP predication feature.”* [cf. Massam, 2000:111]

Acompanhando esta proposta, admitamos, então, que a elevação de AgrSP para [SPEC, AUXP], em (45c), ocorre para satisfazer o traço [PRED] presente em Aux<sup>o</sup> nas CTAs do Tembé. Ou acompanhando sugestão de Salles, em comunicação por escrito, de que o traço [PRED] do auxiliar, por ser ininterpretável, selecionaria o traço [PRED] interpretável do verbo lexical, o qual se encontra no domínio das projeções AgrPs, o que explicaria a razão por que essas categorias são elevadas para Spec-AuxP em (45c).

Se esta proposta estiver correta, fica então mais fácil determinar qual a conexão que o traço [PRED] tem na verificação dos traços- $\phi$  do auxiliar. Nessa perspectiva, postulamos que o traço [PRED] contribui na verificação dos traços- $\phi$  do auxiliar, quando, ao engatilhar o movimento do predicado (=AgrSP) para [SPEC, AUXP], torna o NP sujeito acessível para que a operação de concordância sujeito-verbo auxiliar ocorra. No âmbito da teoria da verificação, o traço- $\phi$  dos NPs pode participar em operações de verificação mais de uma vez, visto que são interpretáveis, portanto não são apagados durante a computação. Consoante Chomsky (1995:280)

*“Interpretable features cannot delete even if checked. The question of erasure, then, arises only for an -Interpretable feature F (...)”*

Portanto, ao contrário dos traços [ininterpretáveis], os traços [interpretáveis] do NP (=traços categoriais e traços- $\phi$ ) ficam disponíveis mesmo se este NP já tiver

participado na operação de verificação do Caso nominativo, como parece ser a situação do sujeito *awa* na oração (49).

- (49) *u-dapo*      *awa*      *tirəm*      *w-iko*      *nehe*  
 3-fazer      homem      farinha      3-estar      FUT  
 “O homem estará fazendo farinha.”

Em suma, nas CTAs, o NP sujeito verifica os traços- $\phi$  do verbo lexical, quando se move para [SPEC, AGRSP], conforme (50a) e os traços- $\phi$  do auxiliar, quando fica no domínio de [SPEC, AUXP], após a elevação do complexo [AgrSP-AgrOP], conforme (50b).

- (50a) [AuxP wiko [AgrSP awa [AgrS udapo [AgrOP tirəm [AgrO t<sub>v</sub> [VP nehe [VP t<sub>s</sub> t<sub>v</sub> t<sub>o</sub>]]]]]]  
 (50b) [AuxP [AgrSP awa [AgrS udapo [AgrOP tirəm [AgrO t<sub>v</sub>]]]] [wiko [t<sub>AgrSP/AgrOP</sub> [VP nehe [VP t<sub>s</sub> t<sub>v</sub> t<sub>o</sub>]]]]

Portanto, com a proposta em (50a-b), viabilizamos um mecanismo de verificação dos traços de concordância do verbo lexical e do verbo auxiliar sem que tenhamos de recorrer à Forma Lógica ou à proposta de dois AgrSP, um dominando o verbo principal e o outro, o auxiliar.

#### 5.4. RESUMO DO CAPÍTULO

Este capítulo teve por objetivo propor uma explicação para a derivação das construções transitivas com auxiliar (CTAs): [VSO[Aux]]. Nossa análise mostrou que as CTAs podem ser derivadas se admitirmos a hipótese anti-simétrica de que a ordem inicial, nas construções com auxiliares, seja [Aux [SVO]].

Assim sendo, postulamos que o auxiliar constitui o núcleo de uma projeção funcional localizada à esquerda das projeções AgrPs, conforme a configuração abaixo:

(51) [AuxP.....[AgrSP.....[AgrOP....[VP....]]]]

O traço de Caso dos NPs sujeito e objeto e os traços- $\phi$  ininterpretáveis das projeções funcionais de concordância são, assim, avaliados quando da elevação dos NPs e do verbo para as posições funcionais relevantes nos AgrPs. Já os traços- $\phi$  do auxiliar são verificados pelo NP sujeito, quando da elevação das projeções de concordância AgrSP e AgrOP para [SPEC, AUXP], conforme abaixo:

(52) [AuxP [AgrSP.....[AgrOP.... ]] [Aux [ tAgrPs.....[VP....]]]]

Nossa proposta é a de que, devido à excorporação dos AgrPs, os traços- $\phi$  do NP sujeito ficam, então, disponibilizados para combinar-se com os traços- $\phi$  do verbo auxiliar.

Mostramos, ainda, que o VP, embora seja uma projeção c-comanda pelos AgrPs, não é elevado, já que advérbios de VP, quantificadores flutuantes orientados

para o sujeito e partículas com escopo sobre o VP não são carregados juntos com os AgrPs para [SPEC, AUXP]. Por fim, argumentamos que a elevação dos AgrPs esta correlacionada com a existência de traços- $\phi$  e com o traço-[PRED] em AuxP que, por serem ininterpretáveis, engatilham a elevação das projeções AgrPs para Spec-AuxP.

## CAPÍTULO 6: CONSIDERAÇÕES SOBRE A PERIFERIA ESQUERDA DA ORAÇÃO

---

Neste capítulo, examinamos a hipótese sugerida no final do capítulo 4 de que, na oração (1) abaixo, o verbo, após passar pelos núcleos funcionais *Agr<sub>o</sub>*, *Agr<sub>s</sub>* e *T*, move-se adicionalmente para núcleo de uma projeção no domínio de *CP*, conforme indicamos pela representação em (2):

- (1) *u-dapo*      *kwehe*      *awa*      *tirəm*      *wə*  
3-fazer      DPASS      homem      farinha      mais de um  
“Mais de um homem fez farinha (há muito tempo atrás)”.
- (2) [FP [F *udapo* [TP *kwehe* [TP *awa* [T *t<sub>v</sub>* [Agr<sub>SP</sub> *t<sub>s</sub>* [Agr<sub>s</sub> *t<sub>v</sub>* [Agr<sub>OP</sub> *tirəm* [VP *t<sub>s</sub>* *wə* [t<sub>v</sub> *t<sub>o</sub>* ]]]]]]]]]]

Esta análise se baseia no fato de que o verbo ocorre à esquerda do advérbio temporal *kwehe*, o qual, conforme assumimos no capítulo 4, delimita a fronteira entre *TP* e *CP*, em orações principais. Por isso, temos por objetivo, neste capítulo (i) identificar as propriedades morfossintáticas da categoria funcional *FP* e as restrições de co-ocorrências existentes entre esta projeção e outras categorias funcionais que também aparecem na periferia esquerda da oração; (ii) a análise das construções de foco do objeto, doravante CFOs e (iii) o estatuto sintático dos complementizadores *mehe* e *pə* que aparecem pospostos ao verbo subordinado e antes de elementos pertencentes ao domínio de *VP*, tais como os advérbios *nehe* e *kurí*, o quantificador

*wə* e o dêitico *aʔe* que possuem escopo orientado<sup>1</sup> para o NP sujeito, conforme indicamos pela configuração abaixo:

[<sub>CP</sub> [<sub>XP</sub> [(S)OV] [<sub>C</sub> *pə/mehe* [<sub>VP</sub> (Adv) [<sub>VP</sub> *aʔe/wə*.....]]].

Para tanto, utilizaremos, no decorrer da análise, a hipótese do CP cindido segundo a qual há dois subsistemas no sistema CP, a saber: o subsistema ForceP/FinP<sup>2</sup> e o subsistema TopP/FocP<sup>3</sup>, conforme elaborado em Rizzi (1997), Benincà (2001) e Míoto (2001).

Este capítulo está organizado em quatro partes: na seção 6.1., apresentamos dados empíricos a favor da hipótese de que o verbo move-se para fora do IP nas orações VSO; na seção 6.2., averiguamos o local de pouso do verbo, tomando por base o subsistema ForceP e FinP; nas seções 6.3. e 6.4., investigamos a realização das projeções TopP e FocP e na seção 6.5., as propriedades morfossintáticas dos complementizadores *pə* e *mehe*.

---

<sup>1</sup> Ver capítulos 2 e 3 para os detalhes da distribuição sintática desses itens nas orações principais.

<sup>2</sup> Consoante Benincà (2001:53), “*the role of CP is that of an interface between a propositional content (expressed by IP and VP) and a supra-ordinate structure (a governing clause or the discourse): this aspect is encoded in a ForceP, the highest projection of CP, facing outwards; on the other hand, CP is also an interface with what is below it, and as such it presumably encodes a relation with IP (...) This is expressed in a finite projection, the lowest projection of CP, facing inwards*”.

<sup>3</sup> Segundo Míoto (2001:107), “*a periferia esquerda é o espaço estrutural em que a sentença se prepara para ser conectada com a superestrutura. É também o espaço que aloja outros constituintes cuja ocorrência não é devida as necessidades seletivas e que, por isso, são tratadas muitas vezes como adjuntos a IP ou a CP. O modelo enriquecido com o subsistema FocP/TopP reformula essa situação provendo o CP de posições para alojar constituintes*”.



Uma evidência de que o verbo se eleva para o núcleo C e o Spec de CP não precisa ser preenchido em orações VSO vem de contextos em que C é lexicalmente realizado por meio do clítico evidencial [-*de*]. Consoante Boudin (1978:307), esse clítico significa “o dizer dele”, “diz(em) que”, “o dito dele” e é usado quando se pretende reportar o discurso proferido por outra pessoa, conforme ilustram os exemplos abaixo.

- (4) *na-i-katu-d<sup>5</sup>-de*  
 NEG1-NC-ser bom-NEG2-diz que  
 “Dizem que (isto) não presta”.
- (5) *u-duka-də*                      *Siba*                      *dawar*                      *o-ho*  
 3-matar-diz que                      Siba                      onça                      3-ir  
 “Diz(em) que Siba vai matar a onça.”

Em (4), o complexo [Neg1+AgrP+Verbo+Neg2] aparece adjunto ao clítico evidencial [-*de*], fato que mostra que o verbo é elevado para uma posição à esquerda, acima de NegP2, a qual, de acordo com a proposta de Carnie et alii, corresponde a C. Já, de acordo com a hipótese do CP cindido, proposta por Rizzi (ibid), Benincà (ibid) e Miotto (ibid), que assumiremos aqui, corresponde ao domínio de ForceP/FinP.

---

<sup>5</sup> Observe que /d/ é a representação fonêmica do fone /j/ cuja realização fonética ocorre somente antes de consoante ou em final de palavra, conforme abaixo:

- (i) /*na-i-katu-j-de*/  
 (ii) /*na-i-katu-j*/



Para Bendor-Samuel (1972:150-151), este clítico significa ‘a speaker not an eye witness’, conforme ele exemplifica com o seguinte dado da língua Guajajara.

- (6) *u-ʔar-de*                      *kwehe kawar*  
 3-lay down-they say              DPASS horse  
 “They say that a horse lay down, long ago”.

Vemos que, nesse exemplo, o verbo *uʔar* aparece em adjunção ao clítico *-de* e acima do advérbio temporal *kwehe*, fato que sugere que também na língua Guajajara, possivelmente, o verbo move-se para o subsistema ForceP/FinP.

Uma segunda evidência surge do fato de que em orações interrogativas sim/não, o verbo aparece em posição inicial, co-ocorrendo com os marcadores interrogativos *ruʔu* e *aipo*, como sugerem os dados abaixo.

- (7) *u-ʔar*              *ruʔu*              *dawar?*  
 3-abaixar              DUB              onça  
 “A onça se abaixou”?

[cf.: Boudin, 1978:235]

- (8) *ere-kwaw*      *ruʔu*      *keroden*      *p̄ita-haw*      *pepe*      *tekoha(w)*      *p̄ipe?*  
 2-saber              DUB      querozene      ficar-NOM      lá      aldeia              em  
 “Conheces o lugar do querozene lá na aldeia”?

- (9) *u-kwaw*              *ruʔu*      *aipo*  
 3-saber              DUB      INTER  
 “Será que ele (o homem branco) sabe (falar a língua)?”

Uma possibilidade é a de que a elevação do verbo para o início da oração, em (7) a (9), pode ser decorrente da necessidade de verificação do traço [Qu] de uma categoria funcional que codifica o importe [+INTERROGATIVO] da sentença. Chomsky

(1995) argumenta que, quando este traço é forte, ocorre um especificador ou um núcleo na sintaxe visível para que haja convergência da estrutura sintática. Isto é formulado em termos do critério-QU, conforme abaixo:

- (10) Critério-QU [cf. Puskas, (1997:147)]
- a. Um operador-QU deve estar numa relação local [SPEC, NÚCLEO], sendo que X<sup>o</sup> carrega o traço [+QU];
  - b. Um núcleo X<sup>o</sup> com o traço [+QU] deve estabelecer uma relação local [SPEC, NÚCLEO] com um operador-QU.

Uma terceira evidência a favor da análise de que o verbo está acima de TP em orações independentes vem do fato de que a ordem VSO não é permitida em orações subordinadas introduzidas pelo complementizador temporal *mehe* ou pelo complementizador *pə*, conforme podemos constatar pela agramaticalidade nos dados em (11b) e (12b).

(11a) *Sérgio w-esak [Pedro tapiʔir r-aro mehe]*  
 Sérgio 3-ver Pedro anta C-esperar COMP  
 ‘Sérgio viu quando/que Pedro esperava a anta.’

\*(11b) *Sérgio w-esak [ w-aro Pedro tapiʔir mehe]*  
 Sérgio 3-ver 3-esperar Pedro anta COMP  
 ‘Sérgio viu quando/que Pedro esperava a anta.’

(12a) *he-hɛ̃i o-ho ko pe [akadu o<sub>i</sub>-poʔo pə]*  
 1-mãe 3-ir roça PSP caju 3-tirar COMP  
 ‘Minha mãe foi à roça para tirar caju.’

\*(12b) *he-hɛ̃i o-ho ko pe [o<sub>i</sub>-poʔo akadu pə]*  
 1-mãe 3-ir roça PSP 3-tirar caju COMP  
 ‘Minha mãe foi à roça para tirar caju.’

Vê-se que, nessas orações, o verbo e seus argumentos sistematicamente precedem o complementizador, ordem [(S)OV [COMP]]. Se compararmos a ordem (S)OV das orações encaixadas acima com a ordem VSO das orações independentes, notamos uma interessante assimetria em relação às posições que o verbo pode ocupar, de sorte que sua ocorrência em posição inicial, ordem VSO, parece ficar restrita aos contextos em que o complementizador é vazio<sup>6</sup>. Nessa linha de raciocínio, nossa suposição de que o movimento do verbo para fora do IP, em orações VSO, está associado a uma exigência de que o núcleo de [Force<sup>0</sup>/Fin<sup>0</sup>] seja lexicalizado encontra uma nova evidência. Uma maneira de captar esse fato é estipularmos que, em orações independentes afirmativas VSO, tal como acontece nas orações subordinadas finitas, o núcleo de ForceP/FinP precisa ser preenchido. A diferença reside na maneira como essa exigência é atendida nos dois tipos de cláusulas: em orações independentes VSO, [Force<sup>0</sup>/Fin<sup>0</sup>] vem lexicalizado pelo verbo, e, em subordinadas, por

---

<sup>6</sup> Contudo, esta não é a situação no Irlandês moderno. Nesta língua, diferentemente do que acontece com o Tembé, a ordem VSO é possível inclusive nas orações subordinadas em que o núcleo do CP vem lexicalmente preenchido pelo complementizador *go* “that”, ordem C-VSO, conforme sugere o dado abaixo, retirado de Carnie (2000:42):

- (i) *ceapaim*            [*go*    *bhfaca*                    *sé*                    *an*            *madra.*]  
 think.PRES.1S    that    see.PST                    he.NOM                    the            dog  
 “I think that he saw the dog”.

Nesse exemplo, observa-se que o verbo *bhfaca* “saw” ocorre adjacente ao complementizador *go*, situação que sugere que o verbo não se move para fora do IP em Irlandês moderno, permanecendo no núcleo de TP, conforme McCloskey (2000). Já, em Tembé, a impossibilidade da ordem [VSO], na subordinada, constitui uma nova evidência de que o movimento de V não é para T, mas para uma categoria acima.

complementizadores do tipo de *mehe* e *pə*, os quais vêm à direita da projeção XP que contém o predicado, conforme indicamos pelas representações sintáticas abaixo:

(13) .....[ForceP [XP *Pedro* [X... [XP *tapiʔir* [X *r-aro*] [Force° *mehe*],...]]]

(14) .....[ForceP [XP *akadu* [X ... [XP [X *o-poʔo*] [[Force° *pə*],...]]]]

Na próxima seção, averiguamos as propriedades morfossintáticas das projeções ForceP/FinP nas orações VSO declarativas independentes.

## 6.2 MOVIMENTO DO VERBO PARA O SUBSISTEMA ForceP E FinP

Tomando por base as evidências empíricas apresentadas na seção anterior, uma hipótese plausível é que o verbo, na representação em (2), repetida abaixo em (15), move-se para núcleo da categoria funcional que expressa o caráter finito da oração, a qual é identificada na abordagem de Rizzi (1997) como a projeção de finitude, doravante FinP, conforme indicamos abaixo.

(15) [FinP [Fin *udapo* [TP *kwehe* [TP *awa* [T *t<sub>v</sub>* [AgrSP *t<sub>s</sub>* [Agrs *t<sub>v</sub>* [AgrOP *tirəm* [VP *t<sub>s</sub> wə* [t<sub>v</sub> t<sub>o</sub> ]]]]]]]]]]

Admitamos então que o núcleo de FinP possui o traço de finitude forte [+F<sub>forte</sub>], o qual, por necessitar de verificação antes de Spell-Out, engatilha a elevação do verbo, de maneira a licenciar as especificações de finitude do CP. Esta proposta está assim em consonância com a idéia sugerida por Rizzi (1997:284), segundo a qual o sistema CP expressa:

*“a specification of finiteness, which in turn selects an IP system with the familiar characteristics of finiteness: mood distinctions, subject agreement licensing nominative case, overt tense distinctions (...). We should think of finiteness as the core IP-related characteristics that the complementizer system express; languages can vary in the extent to which additional IP information is replicated in the complementizer system: some languages replicate mood distinctions (...), some replicate subject agreement (...), some seem to express genuine tense distinctions (...).” [grifo meu.]*

Observa-se que, no Temb e, o verbo, quando sobe para núcleo de FinP, pode carregar consigo os morfemas Neg, T e AgrS, como podemos notar nas deriva es sint ticas das sentenças (16a) e (17a), apresentadas em (16b) e (17b).

(16a) *u-duka-r m* Puruto dawar  
 3-matar-FUT Purutu onça  
 “Purutu matará a onça”.

(16b) [<sub>FinP</sub> [<sub>Fin</sub> *u-duka-r m* [<sub>TP</sub> Puruto [<sub>T</sub> ~~*u-duka-r m*~~ [<sub>AgrSP</sub> Puruto [<sub>Agrs</sub> ~~*u-duka-r m*~~ [<sub>AgrOP</sub> dawar [<sub>AgrO</sub> ~~*u-duka-r m*~~ .....]]]]]]]]

(17a) *n-u-duka-d* kwehe Puruto dawar  
 Neg1-3-matar-Neg2 DPASS Purutu onça  
 “Purutu não matou a onça”.

(17b) [<sub>FinP</sub> [<sub>Fin</sub> *n-u-duka-d* [<sub>kwehe</sub> [<sub>NegP2</sub> ~~*n-u-duka-d*~~ [<sub>TP</sub> Puruto [<sub>T</sub> ~~*n-u-duka-d*~~ .....]]]]]]]]

O complexo verbal [Neg1+AgrS+(Verbo)+T+Neg2] pode ainda adjungir-se ao afixo [-de], o qual identificamos como sendo a realiza o morfológica de ForceP. Por isso, suponhamos que esse clítico, quando retirado da numera o, seja introduzido no ponto da computa o sintática em que ForceP junta-se   proje o de finitude, conforme indica a representa o em (18) abaixo:

(18) [<sub>ForceP</sub> -de [<sub>FinP</sub>.....[TP .....[<sub>AgrSP</sub> .....[VP .....]]]]]

Postulemos que a natureza afixal desse clítico o impede de vir livre no núcleo de ForceP, o que explicará a razão pela qual aparece à direita dos verbos *ikatu* “ser bom” e *uduka* “matar”, em (4) e (5). Nessa linha de investigação, admitamos que a derivação da sentença (4), repetida abaixo como (19), dá-se como em (20a-d).

(19) *na-i-katu-d-de*<sup>7</sup>  
 NEG1-NC-ser bom-NEG2-diz que  
 “Dizem que (isto) não presta”.

(20a) [<sub>NegP2</sub> *na-i-katu-d* [<sub>IP</sub>.....[VP.....]]]

(20b) [<sub>FinP</sub> *na-i-katu-d* [<sub>NegP2</sub> *na-i-katu-d* [<sub>IP</sub>.....[VP.....]]]

(20c) [<sub>ForceP</sub> -de [<sub>FinP</sub> *na-i-katu-d* [<sub>NegP2</sub> *na-i-katu-d* [<sub>IP</sub>.....[VP.....]]]

(20d) [<sub>ForceP</sub> *na-i-katu-d-de* [<sub>FinP</sub> *na-i-katu-d* [<sub>NegP2</sub> *na-i-katu-d* [<sub>IP</sub>.....[VP.....]]]

Note que a derivação em (20a-d) pressupõe que o verbo *na-i-katu-d*, antes de adjungir-se ao clítico [-de], o qual é inserido como núcleo de ForceP, passa antes pelos núcleos flexionais do sistema IP e pelo núcleo de FinP, onde verifica seus traços flexionais e a especificação [+FINITO] de FinP. Esta análise é reforçada pelo fato de que o clítico [-de], em geral, não aparece separado da forma verbal, conforme abaixo:

(21) \*de                *na-i-katu-d*  
 diz que            NEG1-NC-ser bom-NEG2  
 “Dizem que (isto) não presta”.

<sup>7</sup> Veja que a presença desse clítico responde pela natureza [+declarativa] da sentença.

Outra evidência a favor da derivação sintática proposta em (20a-d) é que, quando ocorrem sintagmas de tópico, o clítico [-de] vem enclítico ao tópico, conforme indica o exemplo abaixo:

- (22) *se-de*                      *pako*                      *Ana*    *i-ʔu-n*  
 aqui-diz que                      banana                      Ana    NC-comer-FOC  
 “Diz que aqui, BANANA<sup>8</sup>, Ana comeu.

Uma possibilidade é então propormos a regra morfofonêmica, em (23), que atua no curso da computação sintática da sentença (22), de modo a impedir que o clítico [-de] ocorra sozinho no núcleo da projeção ForceP, conforme é formalizado pela derivação da sentença (22), em (23a-b).

- (23)  $[\text{ForceP } \text{-de} \rightarrow [\text{TopP } \text{se-de } [\text{Top} \leftarrow \text{-de}]]]$

- (23a)  $[\text{ForceP } \text{-de } [\text{TopP } \text{se } [\text{Top} [\text{FocP } \text{pako } [\text{Foc } [\text{TP } \text{Ana } [\text{T } [\text{AgrSP } [\text{AgrOP } [\text{AgrO } \text{iʔun } [\text{VP } \dots\dots\dots]]]]]]]]]]]]]$

- (23b)  $[\text{ForceP } \text{-de } [\text{TopP } \text{se-de } [\text{Top} \text{-de } [\text{FocP } \text{pako } [\text{Foc } [\text{TP } \text{Ana } [\text{T } [\text{AgrSP } [\text{AgrOP } [\text{AgrO } \text{iʔun } [\text{VP } \dots\dots\dots]]]]]]]]]]]]]$

Observe que, para haver a derivação acima, teremos de supor que o clítico evidencial [-de], embora seja a realização morfológica do traço [+declarativo] da sentença, precisa adjungir-se ao item locativo “se”, por razões que estão relacionadas com o componente fonológico. O resultado final, após a aplicação da regra morfofonêmica, é que o evidencial [-de] vem enclítico à projeção funcional imediatamente adjacente a ForceP, que, em (22), é a projeção de tópico.

<sup>8</sup> No decorrer deste trabalho, distinguiremos o tópico do foco pelo uso de maiúscula para este último. Em geral, o foco recebe o pico entoacional, enquanto o tópico vem separado do comentário por meio de uma pausa mais longa e entoação mais plana.

Uma questão que nossa análise terá de explicar é a razão pela qual o verbo não é alçado para núcleo de ForceP em contextos como o do exemplo (22), diferentemente do que acontece, por exemplo, na derivação apresentada para a sentença (19), em que argumentamos a favor da manifestação das projeções ForceP e FinP. Para responder a essa indagação, examinamos, na próxima seção, a realização de sintagmas de tópicos no domínio do CP.

### 6.3 MANIFESTAÇÃO DE TopP

No intuito de fornecer uma explicação para a questão formulada na seção anterior, analisamos nesta seção a realização de constituintes que, por carregarem o traço de tópico [+TOP], são deslocados para a periferia esquerda, conforme indicam os dados em (24) e (25) abaixo.

(24) *Piki dîpa pe kwehe ru-dapi-api aʔe dawar.*  
 Piki lago em DPASS nós<sub>exclusivo</sub>-atirar-atirar ela onça  
 “No lago do piki, (nós) atiramos na onça (ela, onça a que estamos nos referindo)”.

(25) *aʔe kwehe u-hiahem iko wə.*  
 ele(s) DPASS 3-gritar estar PL  
 “Eles (macacos) estavam gritando”.

Em (24) e (25), como os sintagmas *piki dîpa pe* e *aʔe* estão localizados acima do advérbio temporal *kwehe*, temos de postular que são elevados para fora do domínio de TP, provavelmente para a posição de Spec-TopP. Nota-se que apenas o

especificador de TopP é preenchido, já que o verbo não sobe para fora do IP, oposto ao que acontece nos exemplos (1) e (4) a (8). Tomando por base esses fatos empíricos, assumiremos que a razão pela qual o verbo não se move para fora do domínio do IP, em (24) e (25), está relacionada ao fato de que elevação apenas do sintagma XP para Spec-TopP é suficiente para atender ao critério de tópico<sup>9</sup>, sendo, portanto, desnecessário o movimento do verbo para o núcleo de TopP.

Assim sendo, a possibilidade é que, durante a derivação da sentença (22), o sintagma dêitico *a?e* “ele”, após verificar Caso nominativo em AgrSP e o EPP de TP, move-se adicionalmente para Spec-TopP, de maneira a verificar o traço de tópico. Veja que o verbo lexical e o auxiliar permanecem internos ao complexo AuxP/TP, conforme indica a representação em (26).

---

<sup>9</sup> Acompanhando proposta de Miotto (2001:125), podemos considerar que o critério de tópico enquadra-se no que estipula o critério A-barra. Esse critério prevê o seguinte:

- (i) Critério A-barra
  - a. Um operador [aF] deve estar em configuração Spec-Núcleo com um X<sup>o</sup> [aF];
  - b. Um X<sup>o</sup> [aF] deve estar em configuração Spec-Núcleo com um operador [aF].

Miotto (ibid) afirma que este “*é o princípio que regula os Spec A-barra da periferia esquerda da sentença (...). O núcleo (...) determina a arquitetura do constituinte.*” Segundo o autor, quando o núcleo X<sup>o</sup> é marcado por um traço [F] forte, o Spec deve estar preenchido, conforme a implicação abaixo:

- (ii) X<sup>o</sup>[F<sub>forte</sub>] → OP[F]

Todavia, quando núcleos X<sup>o</sup> são nulos, o critério A-barra pode ser satisfeito apenas pelo preenchimento lexical do Spec em sintaxe visível.



adjungir-se ao elemento locativo *se* “aqui” que ocupa a posição de especificador de ForceP/TopP.

Entretanto, a sentença (27a), embora também possua um sintagma deslocado para a posição de tópico, apresenta duas importantes diferenças em relação aos exemplos (24) e (25). A primeira diferença reside no fato de que, além do tópico, traz também um elemento deslocado para a posição de foco, no caso o sintagma nominal *pako* “banana”. A segunda diferença advém do fato de que o verbo *iʔun* “comeu”, em (27a), apresenta um padrão flexional distinto do padrão observado nos verbos das sentenças (24) e (25), uma vez que toma o prefixo acusativo {i-} e o sufixo {-n}. A presença desses afixos no verbo parece estar intimamente relacionada ao deslocamento do sintagma *pako* “BANANA” para a posição de foco, e não em função do tópico, i.e., o sintagma locativo *se*.

Com base nessas observações, na próxima seção, averiguamos as razões pelas quais, em (27a), o verbo, em vez de tomar o prefixo nominativo {u-} toma o prefixo acusativo {i-}.

#### 6.4 CONSTRUÇÕES DE FOCO DE OBJETO

Na língua Tembé, é bastante comum a ocorrência do prefixo acusativo {i-} em construções que envolvem deslocamento de objeto para posição de foco. Nesses contextos, verifica-se que a ordem não marcada (VSO ~ SVO) é alterada, casos em que se manifesta a ordem OSV, conforme notamos pelo contraste entre os exemplos (28) e (29)

(28) *u-muaʔaŋ teko iʔwira inimo pihun pupe kuri.*  
 3-marcar a gente madeira fio preto com agora  
 “A gente marca a madeira com fio preto agora”.

(29) *upaw<sup>10</sup> iʔwira teko i-muaʔaŋ kuri*  
 toda madeira a gente 3-marcar então  
 “TODA A MADEIRA, a gente marca então”.

<sup>10</sup> Boudin (1978:282) arrola os seguintes significados para o quantificador *upaw*, conforme abaixo:

(i) *upa(w) katete* “todos sem exceção”

(ii) *upa(w) katu* “completamente tudo”

(iii) *upa(w) rupi awa-kwer wə*  
 todos homem-PL PL  
 “todos os homens”.

(iv) *upa(w) rupi katete wa n-ur-i wə pe wi*  
 todos integralmente PL C-vir-DESL PL lá de  
 “todos integralmente vieram de lá”

Observe que a principal diferença entre as sentenças (28) e (29) é que nesta última o NP objeto, por carregar o traço de foco [+FOCO<sub>forte</sub>], desloca-se para uma posição na periferia esquerda da oração<sup>11</sup>.

Vemos que o sintagma nominal *fwtra* “madeira”, no exemplo (29), vem precedido pelo quantificador *upaw* “todo(s), toda(s)”, o qual indica que a ação de marcar a madeira foi realizada integralmente, e não parcialmente. Note que a ocorrência de *upaw* em construções de foco de objeto, doravante CFOs, sugere que a ação/evento é focalizada na sua totalidade, e não parcialmente. Assim, a presença do quantificador *upaw* nas CFOs desempenha papel fundamental para a determinação da interpretação de foco. Para explicar o padrão flexional do verbo nas CFOs, admitiremos que a ocorrência do prefixo acusativo {i-} e do sufixo {-n}, na sentença

<sup>11</sup> Outros contextos há em que esse quantificador também denota essa mesma nuance de significado, conforme vemos nos pares (a) e (b) abaixo.

(ia) *w-esak*            *Fábio*            *Márcia*  
 3-ver                Fábio                Márcia  
 “Fábio viu a Márcia”

(ib) *upaw*    *Márcia*            *Fábio*            *h-esak*  
 3-ver    Márcia            Fábio            NC-ver  
 “TODA A MÁRCIA, Fábio viu” [lit: viu-a por inteiro, integralmente, e não parcialmente]

(iia) *u-ʔu*            *teko*            *pira*  
 3-comer            a gente            peixe  
 “A gente come peixe”

(iib) *upaw*    *pira*    *teko*            *i-ʔu-n*  
 todo    peixe    a gente    NC-comer-DESL  
 “TODO O PEIXE, a gente come”.

(27a) repetida abaixo como (30), codifica a informação de que o objeto foi deslocado para a posição de foco.

- (30) *se-de*                      *pako*                      *Ana*    *i-ʔu-n*  
 aqui-diz que                  banana                  Ana    NC-comer-FOC  
 “Diz que aqui, BANANA, Ana comeu.”

Esta hipótese pode ser reforçada pelo fato de que o prefixo acusativo {i-} também ocorre em CFOs de uma outra língua Tupi, a língua Meken. Galúcio (2002:274) mostra que, quando o objeto figura na posição de foco, o verbo é “marcado com o prefixo {i-}”, conforme os exemplos abaixo.

- (31a) *ãsi*    *ŋwaeN<sup>12</sup>*                  *õ-a*                      *o-arop-na*  
 mãe    panela                  dar-VT                  1-coisa-Vbrlz  
 “Minha mãe deu a panela para mim (para ser a minha coisa)”

- (31b) *ŋwaeN*                  *te*                  *ãsi*                      *i-õ-p*                  *o-arop-na*  
 panela                  FOC    mãe                      OD-dar                  1-coisa-Vbrlz  
 “Foi PANELA que minha mãe me deu (para ser a minha coisa)”

No exemplo (31a) o constituinte ocorre na ordem não marcada SOV, por essa razão o verbo não exhibe o prefixo {i-}. Por sua vez, em (31b), como ocorre focalização do objeto, o verbo tem de receber o prefixo {i-} e a ordem SOV é alterada para OSV.

Situação semelhante ocorre também na língua Tupinambá, em que o prefixo acusativo {i-} aparece no verbo transitivo, quando o NP objeto não está adjacente ao

<sup>12</sup> /N/ indica que a vogal precedente é nasal.

verbo transitivo, mas deslocado para uma posição A-barra, na periferia esquerda da sentença, conforme se vê pelos dados abaixo, retirados de Rodrigues (1953:133).

(32a) *kwese*            *pajé*    *mbae-asy-bor-a*         $\emptyset$ -*suban-i*  
ontem                pajé    o enfermo                C-CHUPAR  
“Ontem, o pajé chupou o enfermo”.

(32b) *kwese*            *mbae-asy-bor-a*        *pajé*                *i-xuban-i*  
ontem                o enfermo                pajé                NC-CHUPAR  
“Ontem, o enfermo , o pajé chupou”.

Em (32b), como o NP objeto *mbae-asy-bor-a* não vem adjacente ao verbo, mas deslocado para uma posição A-barra, antes do sujeito, o verbo toma o prefixo {i-} e a ordem SOV é alterada. Já, em (32a), o verbo recebe o prefixo acusativo { $\emptyset$ -}, uma vez que o NP objeto está adjacente ao verbo transitivo.

A comparação com outras línguas do mesmo tronco lingüístico a que pertence a língua Tembé favorece nossa análise de que a co-ocorrência do prefixo acusativo {i-} e do sufixo {-n) no verbo das CFOs reflete o fato de o objeto ter sido deslocado para a posição de foco, possivelmente para satisfazer ao critério de foco<sup>13</sup>. Com base nessas observações, admitiremos que, nas CFOs, o traço de foco, por ser forte [+FOCO<sub>FORTE</sub>], tem de ser verificado por meio da elevação do objeto para Spec-FocP.

<sup>13</sup> Esse critério estipula o seguinte, conforme Puskas (1997:153):

- (a) um operador marcado +F[oco] deve estar numa relação local de concordância com um núcleo +<sub>F</sub>X<sup>o</sup>, ou seja, numa configuração Spec-Head;
- (b) um núcleo +<sub>F</sub>X<sup>o</sup> deve estabelecer uma relação de concordância com um operador, o qual deve estar marcado com traço +F[oco].



análise surge do fato de que a presença do prefixo {i-} no verbo impede que o objeto ocorra imediatamente adjacente ao verbo, em Spec-AgrOP, conforme indica a agramaticalidade abaixo:

(33c) \* $[_{AgrSP} \text{Ana} [_{AgrS} [_{AgrOP} \text{pako} [_{AgrO} \text{i?un} [_{VP} \text{se} [_{VP} \text{t}_{sujeito} [_{V'} \text{t}_{verbo} [_{tobjeto}]]]]]]]]]]]$

Na etapa seguinte, após as projeções de FocP e TopP serem juntadas a AgrSP<sup>14</sup>, o objeto é movido para a posição de Spec-FocP para verificar o traço de foco e o locativo *se*, para Spec-TopP para verificar o traço de tópico, conforme se vê em (33d-e).

(33d)  $[_{FocP} \text{pako} [_{Foc} [_{AgrSP} \text{Ana} [ [_{AgrOP} \text{i?un} [_{VP} \text{se} [_{VP} \text{Ana} [_{V'} \text{i?un} [ \text{pako}]]]]]]]]]]]$

(33e)  $[_{TopP} \text{se} [_{Top} [_{FocP} \text{pako} [_{Foc} [_{AgrSP} \text{Ana} [ [_{AgrOP} \text{i?un} [_{VP} \text{se} [_{VP} \text{Ana} [_{V'} \text{i?un} [ \text{pako}]]]]]]]]]]]]]$

Na etapa final, após ForceP ser juntado a TopP, o clítico evidencial [-de] é retirado da numeração e, então, inserido em ForceP, conforme indica a configuração em (33f). Não obstante, como o clítico evidencial precisa de suporte fonológico para que a derivação convirja, adjunge-se ao locativo *se*, fazendo com que as categorias ForceP e TopP sejam, então, realizadas sincreticamente, e não como duas categorias independentes, fornecendo assim a informação de força [+declarativa] da sentença, conforme indica a etapa derivacional em (33g).

(33f)  $[_{ForceP} \text{-de} [_{TopP} \text{se} [_{Top} [_{FocP} \text{pako} [_{Foc} [_{IP} \text{Ana} [_{I} \text{i?un} [_{VP} \dots\dots\dots]]]]]]]]]]]$

(33g)  $[_{ForceP/TopP} \text{se-de} [_{Top} \text{-de} [_{FocP} \text{pako} [_{Foc} [_{IP} \text{Ana} [_{I} \text{i?un} [_{VP} \dots\dots\dots]]]]]]]]]]]$

<sup>14</sup> Não estamos indicando a projeção TP nesta configuração porque o verbo não traz nenhum dos sufixos modo-temporais.

Uma questão que surge para a análise acima é como pode ser que o verbo, embora entre na numeração com morfologia de foco, o que é evidenciado pela co-ocorrência, no verbo, do prefixo {i-} e do sufixo {-n}, não precisa mover-se para o núcleo de FocP? Uma resposta a essa questão pode ser encontrada se estipulamos que a presença apenas do NP objeto em Spec-FocP é suficiente para satisfazer ao critério de foco, sendo, por isso, desnecessário o movimento do verbo para núcleo de FocP, em sintaxe visível.

Nesse aspecto, o Tembé difere, por exemplo, do Húngaro. Puskas (1997) verificou que, nesta língua, sintagmas focalizados sempre acionam o movimento do verbo, tanto em orações principais como em orações subordinadas. Segundo a autora (ibid:152):

*“The focalized constituent (...) precedes the subject both in matrix clauses and in embedded clauses and in each case the inflected verb must be right-adjacent to the focalized constituent. (...) the focalized phrase cannot be merely adjoined to a sentence with neutral order”.*

Assim sendo, no Húngaro, se o verbo não estiver adjacente ao constituinte focalizado, a sentença torna-se agramatical. Comparem-se (34a) e (34b) e (35a) e (35b).

(34a) *AMARCORDOT làtta Jànos tegnap este*  
 AMARCORD saw John yesterday evening  
 “John saw AMARCORD last night”.

(34b) \**AMARCORDOT Jànos làtta tegnap este*

- (35a) *tudom*      *hogy* *AMARCORDOT* *lätta*      *János*      *tegnap*      *este*  
 I-know      that      AMARCORD      saw      John      yesterday      evening  
 ‘I know that it was AMARCORD that John saw last night’.
- (35b) \**tudom*      *hogy* *AMARCORDOT*      *tegnap*      *este*      *lätta*      *János*  
 I-know      that      AMARCORD      yesterday      evening      saw      John

Note que as duas línguas diferem na maneira como verificam o traço de foco de constituintes focalizados. Nas CFOs do Tembé, não há exigência de que o verbo esteja no núcleo de FocP, enquanto, nas construções de foco do Húngaro, o verbo sempre se move para Foc<sup>o</sup>.

Na próxima seção, investigamos as propriedades morfossintáticas dos complementizadores *mehe* e *pə* e a posição que ocupam em relação aos demais constituintes da oração.

#### 6.5. PROPRIEDADES MORFOSSINTÁTICAS DOS COMPLEMENTIZADORES *pə* e *mehe*

Conforme assumimos na seção 6.1., os complementizadores *pə* e *mehe* são a realização da projeção ForceP e, sempre, figuram após os constituintes pertencentes ao predicado (o verbo e seus argumentos), conforme se vê nas orações subordinadas que estão entre colchetes em (36) e (37).

- (36) *Sérgio*      *w-esak*      [*Pedro*      *tapi?ir*      *r-aro*      *mehe*]  
 Sérgio      3-ver      Pedro      anta      C-esperar      COMP  
 ‘Sérgio viu quando/que Pedro esperava a anta.’

- (37) *he-hĩ; o-ho ko pe [ akadu o<sub>r</sub>-poʔo pə<sup>15</sup>]*  
 1-mãe 3-ir roça PSP caju 3-tirar COMP  
 “Minha mãe foi à roça para tirar caju.”

Além de figurarem após o predicado, nota-se ainda que os complementizadores *pə* e *mehe* sempre vêm acima de constituintes que estão no domínio de VP, tais como advérbios de VP, o quantificador *wə*, o dêitico *aʔe* e PPs oblíquos, conforme mostram os dados abaixo.

(i) ACIMA DE ADVÉRBIOS DE VP E ABAIXO DO VERBO

- (38) *a-ha h-esak pə kuri*  
 1-ir NC-ver COMP então  
 ‘(Eu) fui para vê-lo (= o macaco) então.’
- (39) *si-dapi t-ur mehe nehe, tĩ*  
 nós-inclusivo-atirar 3-vir COMP FUT amigo  
 “Atiramos quando (a onça) vier, amigo”.

<sup>15</sup> Segundo Rodrigues, em comunicação pessoal, há indícios de que *pə* tenha se originado de um sufixo verbal tal como acontece no Tupinambá. Por razões diacrônicas, este afixo se transformou na atual partícula complementizadora *pə*. Esta hipótese se fundamenta no fato de que, no Tupinambá, o verbo dependente recebia o sufixo *-aβo* que tinha as seguintes variações morfofonêmicas:

- (a) após vogal alta ( $V^{alta}$ )/\_\_\_, o sufixo tomava a forma *-aβo*;
- (b) após vogal baixa ( $V^{baixa}$ )/\_\_\_, o sufixo tomava a forma *-βo*;
- (c) após consoantes (C)/\_\_\_, ele tomava a forma *-a*;
- (d) precedida por consoante bilabial fricativa, esta se transformava em oclusiva surda homorgânica: *(-β > p)-a*

A hipótese sugerida é que o complementizador *pə* do Tembê deve ter-se originado a partir da situação descrita em (d).

(ii) ACIMA DO QUANTIFICADOR *wə* E DO DÊITICO *aʔe*

(40a) *Pedro<sub>j</sub>*      *u<sub>j</sub>-sew*      *o<sub>j</sub>-ho*    *tʔid*      *pupe*  
 Pedro            3-entrar      3-ir    casa      dentro de

(40b) *w<sub>j</sub>-esak*  
 3-ver

(40c) *tenetehara<sub>i</sub>*    *u<sub>i</sub>-dĩmuŋʔita*      *pə*      *wə*  
 tenetehara    3-conversar      COMP      mais de um  
 “Pedro entrou dentro da casa e viu que mais de um índio tenetehara conversava”.

(41) *Siba*    *w-esak*      *t-ur*      *mehe*      *aʔe*    *wə*    *nó*  
 Siba    3-ver            3-uir      COMP      ele    PL      também  
 “Siba viu quando eles (os porcos=tadahu) vinham também”.

(iii) ACIMA DE PPS DIRECIONAIS

(42) *a-esak*      *amo*    *t-ur*    *mehe*      *he*      *∅-kutir*  
 1-ver      outro    3-ir    COMP      minha      C-direção  
 “Vi quando outro (porcão=tadahu) vinha na minha direção”.

(43) *a<sub>i</sub>-esak*  
 1-ver

*kaʔi<sub>j</sub>*      *o<sub>j</sub>-por*      *pə*      *he*      *∅-kutir*      *kurí*  
 macaco      3-pular      COMP      1      C-em direção a      então  
 ‘(Eu) vi que o macaco pulava na minha direção.’

Nesses exemplos, tanto *pə* como *mehe* precisam vir imediatamente adjacentes ao verbo subordinado, não podendo, por esta razão, vir separados dele. Esta restrição é particularmente evidenciada pelo fato de que, quando a adjacência entre o verbo e o

complementizador é quebrada, a sentença torna-se agramatical, conforme indicamos pela agramaticalidade das configurações em (44b-c).

(44a) [CP [XP [(S)OV] [C pə/mehe [VP (Adv) [VP aʔe/wə.....].

(44b)\* [CP [XP [(S)OV] (Adv) [C pə/mehe [VP [VP aʔe/wə.....].

(44c)\* [CP [XP [(S)OV] aʔe/wə [C pə/mehe [VP (Adv) [VP.....].

Devido a esta restrição, se, na sentença (39), repetida abaixo como (45a), o advérbio *nehe* vier entre o complementizador *mehe* e o verbo, a sentença fica agramatical, já que a adjacência entre o complementizador *mehe* e o verbo *tur* é quebrada, conforme se vê em (45b) abaixo.

(45a) *si-dapi*                      *t-ur*                      *mehe*                      *nehe*    *tʔ*  
 nós-inclusivo-atirar    3-*vir*                      COMP                      FUT    amigo  
 “Atiramos quando (a onça) vier, amigo”.

\*(45b) *si-dapi*                      *t-ur*                      *nehe*    *mehe*                      *tʔ*  
 nós-inclusivo-atirar    3-*vir*                      FUT    COMP                      amigo  
 “Atiramos quando (a onça) vier, amigo”.

Também, na oração (40c), repetida abaixo como (46a), se o quantificador *wə* aparecer entre o verbo e o complementizador, atrapalhando assim a adjacência entre *pə* e o verbo subordinado *udimurʔita*, a sentença fica agramatical, conforme se vê em (46b).

(46a) .....[[*tenetehara*<sub>i</sub>    *u<sub>i</sub>-dʔimurʔita*]                      [*pə*                      [*wə*]]]]  
 tenetehara    3-*conversar*                      COMP                      mais de um  
 “.....que mais de um índio tenetehara conversa.”

\*(46b) .....[[*tenetehara<sub>i</sub>* *u<sub>i</sub>-dímuŋíta*] *wə* [*pə* ]]]  
 tenetehara 3-conversar mais de um COMP  
 “.....que mais de um índio tenetehara conversa.”

Tomando por base o que os dados empíricos acima nos mostram, uma maneira de captarmos a ordem rígida [(S)OV[COMP]] dessas construções é estipular que a derivação das orações subordinadas envolve topicalização apenas do IP para Spec-ForceP, fato que nos permitirá explicar a razão pela qual os complementizadores *pə* e *mehe* sempre vêm à direita do verbo (e seus argumentos) e à esquerda dos elementos pertencentes ao VP. O movimento do IP<sup>16</sup> para Spec-ForceP pode ser visualizado nas derivações propostas em (47) e (48).

(47) ....[ForceP [IP *t-ur*] [Force *mehe* [ .....t<sub>IP</sub>.....[VP *nehe* [VP t<sub>s</sub> [V t<sub>v</sub> t<sub>#</sub>]]]]]

(48) ....[ ForceP [IP *tenetehara<sub>i</sub>* [<sub>1</sub> *u<sub>i</sub>-dímuŋíta*] [ForceP *pə* [ t<sub>IP</sub> .....t<sub>IP</sub>..... [VP *wə* [VP t<sub>s</sub> [V t<sub>v</sub> ]]]]]]

<sup>16</sup> Consoante Kayne (1994:53), em línguas de núcleo final [COMPL-X<sup>o</sup>], para que ocorra a derivação do sintagma [YX], são necessárias as seguintes etapas.

- (ia) X [<sub>VP</sub>.....Y ZP]  
 ↓  
 (ib) X [<sub>VP</sub> ZP Y t<sub>ZP</sub>]  
 ↓  
 (ic) [<sub>VP</sub> ZP Y t<sub>ZP</sub>] X t<sub>VP</sub>.....

A derivação do sintagma [YX] dá-se por meio da interação de dois tipos de movimentos: em primeiro lugar, ocorre elevação de ZP para o especificador de Y, e, em seguida, o deslocamento da projeção máxima [<sub>VP</sub> ZP Y t<sub>ZP</sub>] para especificador de SpecXP. Kayne (ibid) considera que a derivação de [YX] depende:

*“on both Y and X having the property of forcing their complements to move to their specifier position, and since that kind of property is dominant in the so called head-final languages, their expectation is that agglutinative YX (where Y originates below X) will primarily be found in strongly-final languages”*

Veja que esse movimento resulta no embaralhamento (scrambling) da ordem das categorias funcionais CP-IP-VP, já que, com a elevação de IP→Spec-ForceP, o VP fica para trás, aparecendo, dessa maneira, separado da categoria funcional que o c-seleciona. Isto explica então a razão pela qual nem o advérbio *nehe* nem o quantificador *wə* podem figurar entre o verbo e o complementizador em (45b) e (46b). Na próxima seção, com base na derivação proposta em (47) e (48), averiguamos as possíveis razões que engatilham o movimento do IP para Spec-ForceP.

#### 6.5.1. RAZÕES DO MOVIMENTO DE IP →Spec-ForceP

Uma maneira de explicar por que apenas o IP é elevado para Spec-ForceP, nas orações encaixadas com complementizador à direita, pode ser buscada se estipulamos que o núcleo da categoria ForceP exhibe um traço forte ininterpretável [+PRED<sub>forte</sub>], o qual é verificado se uma categoria XP de natureza [-N, +PRED] move-se para seu Spec. Notemos que essa exigência está em consonância com o que supõe o princípio que regula os Spec A-barras, segundo o qual, se um núcleo X<sup>0</sup> vier lexicalizado e marcado com um traço [F<sub>forte</sub>], seu Spec tem de estar preenchido em sintaxe visível para satisfazer ao critério A-barras, conforme a formulação bidirecional apresentada abaixo.

$$(49) \quad X^0[F_{\text{forte}}] \rightarrow \text{OP}[F]$$

Se assim for, vemos que a categoria ForceP, a qual é responsável pelo importe [+declarativo, +subordinado] das orações encaixadas, partilha propriedades morfossintáticas similares às dos auxiliares aspectuais, conforme apresentamos no capítulo 5, já que esses últimos também exigem que seu Spec seja preenchido por uma categoria de natureza [-N, +PRED].

Esta hipótese é ainda mais reforçada pelo fato de que os auxiliares, quando ocorrem com os complementizadores *pə* e *mehe*, sistematicamente seguem o complementizador, e não o verbo lexical, conforme se vê na oração em (50b).

(50a) *Purutu w-esak*  
 Purutu 3-ver

(50b) *dawar arapoha u-duka mehe (w)-iko*  
 onça veado 3-matar COMP 3-estar  
 “Purutu viu que a onça estava matando o veado”.

Para derivarmos a oração (50b), considerando a hipótese apresentada acima, teremos de estipular que, para satisfazer ao traço ininterpretável [+PRED] do auxiliar *iko* e do complementizador *mehe*, ocorre a elevação sucessiva do IP, primeiro para Spec-AuxP, depois para Spec-ForceP, conforme indicam as etapas derivacionais da oração (51), em (51a-c) abaixo.

(51) *dawar arapoha u-duka mehe (w)-iko*  
 onça veado 3-matar COMP 3-estar  
 “Purutu viu que a onça estava matando o veado”.

(51a) [Force *mehe* [AuxP *wiko* [IP [IP *dawar* [I [IP *arapoha* [I *u-duka* ]]]] [VP *t<sub>s</sub>* [V *t<sub>v</sub>* *t<sub>o</sub>* ]]]]]]

(51b) [ForceP [Force *mehe* [AuxP [IP *dawar* [I [IP *arapoha* [I *u-duka* ]]]] [AuxP *wiko* [IP *t<sub>IP</sub>* [VP *t<sub>s</sub>* [V *t<sub>v</sub>* *t<sub>o</sub>* ]]]]]]

(51c) [ForceP [IP *dawar* [I [IP *arapoha* [I *u-duka* ]]]] [Force *mehe* [AuxP *t<sub>IP</sub>* [AuxP *wiko* [IP *t<sub>IP</sub>* [VP *t<sub>s</sub>* [V *t<sub>v</sub>* *t<sub>o</sub>* ]]]]]]]]

Se a derivação da sentença (51) realmente acontecer como estamos propondo em (51a-c), fica então mais fácil compreender a razão por que ocorre o embaralhamento (scrambling) na ordem básica dos constituintes da oração, com o VP sendo deixado para trás, enquanto IP é elevado para Spec-AuxP e, depois, para Spec-ForceP.

## 6.6. RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, mostramos que a ordem VSO emerge nos contextos em que C é uma posição não preenchida lexicalmente, particularmente nas orações afirmativas independentes e interrogativas sim/não. Nossa hipótese foi a de que o verbo se move, como uma operação de último recurso, para verificar um traço [ $F_{forte}$ ] no subsistema ForceP/FinP. Contudo, a elevação do verbo para os núcleos Fin e Force é barrada nos contextos em que ForceP é uma posição preenchida lexicalmente pelos complementizadores *pə* e *mehe*.

Além disso, notamos que, quando ocorrem tópicos e sintagmas focalizados na periferia esquerda da oração, o movimento do verbo não precisa acontecer, já que apenas o preenchimento do Spec-TopP e Spec-FocP é suficiente para satisfazer aos critérios de tópico e de foco. Postulamos ainda haver uma certa complementaridade entre os subsistemas ForceP/FinP e TopP/FocP, já que há a possibilidade de ForceP e TopP virem realizados sincreticamente, e não como duas categorias distintas. Isto ficou evidenciado, por exemplo, pelo fato de o clítico evidencial [-de] aparecer em adjunção ao Spec-TopP.

Na última seção, tomando por base a posição do verbo e de advérbios de VP em relação aos complementizadores *pə* e *mehe*, na ordem linear, propusemos que esses complementizadores ocupam o núcleo de ForceP subordinado. Esta categoria

tem a função de indicar o importe [+declarativo, +subordinado] nas orações encaixadas.

Para derivar a ordem rígida [[(S)OV[COMP]]] das encaixadas, assumimos que ForceP possui um traço forte ininterpretável [+PRED<sub>forte</sub>], similar ao dos auxiliares, que é capaz de engatilhar a elevação do IP para Spec-ForceP. Notamos que esse traço é também responsável pelo surgimento da ordem com complementizador e auxiliar finais, ordem [[(S)OV[COMP]AUX]]. Propusemos derivar essa ordem por meio da elevação sucessiva do IP, primeiro, para Spec-AuxP, depois, para Spec-ForceP, o que provoca o embaralhamento (scrambling) na ordem básica dos constituintes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

A proposta de análise desenvolvida nesta tese nos possibilitou dar conta dos seguintes problemas. Inicialmente, mostramos que a distribuição sintática do dêitico *aʔe*, do quantificador *wə* e de advérbios de VP, como *nehe* e *kwed*, servem como diagnóstico sintático para a identificação da posição de base do NP sujeito e do limite entre o VP e o IP. Dessa maneira, pudemos compreender por que é muito comum que esses elementos ocorrem sistematicamente após o objeto, nas orações VSO e SVO, após os auxiliares aspectuais e de movimento e após os complementizadores *pə* e *mehe*, em orações encaixadas. O comportamento sintático desses itens nos permitiu concluir que a ordem VSO é alcançada por meio da elevação do sujeito, do verbo e do objeto para posições funcionais fora do VP. Assim sendo, sem abrir mão do pressuposto teórico de que a ordem básica dos constituintes em todas as línguas é SVO, pudemos mostrar que a estrutura do IP não expandido é insuficiente para dar conta dos locais de pouso do verbo, do sujeito e do objeto.

Utilizando a hipótese do IP expandido, argumentamos a favor de que, nas orações VSO, o sujeito move-se para a posição de Spec-AgrSP, uma vez que AgrS, em Tembé, é uma categoria flexional que exhibe um paradigma rico e transparente para todas as pessoas, no singular e plural. Quanto ao objeto, esse ocorre em Spec-AgrOP, já que o verbo pode carregar afixos de acusativo, como, por exemplo, nos

contextos em que vem manifesto por meio dos pronomes de primeira e segunda pessoa.

Com base na ordem em que co-ocorrem os afixos nominativos e acusativos em relação aos afixos de Tempo e de negação, sustentamos que o verbo perfaz movimento longo, passando antes pelos núcleos AgrO, AgrS, T e Neg2, antes de atingir a posição inicial nas orações VSO. Isto nos permitiu concluir que TP domina AgrSP no IP expandido, conforme se vê pela representação sintática abaixo:

(1) [CP.....[NegP2.....[TP.....[NegP1.....[AgrSP.....[AgrOP]]]]]]

A análise pôde, ainda, fornecer uma explicação para as razões pelas quais, nas CTAs<sup>1</sup>, os auxiliares sistematicamente ocorrem à direita do IP. Acompanhando proposta de Kayne (1994), Svenonious (2000) e Haegeman (2000), assumimos que a derivação das construções transitivas com auxiliares é alcançada por meio da interação de dois tipos de movimento: o movimento do verbo e seus argumentos para as posições funcionais no âmbito do IP expandido, de modo a verificarem seus traços formais, i.e., traços- $\phi$  e Caso, combinado com a extraposição de TP/AgrSP/AgrOP para o Spec de AuxP. Tomando por base a proposta de Massam (2000), para o Niuean, aventamos a hipótese de os auxiliares, no Tembé, entrarem na computação sintática com um traço [F<sub>forte</sub>] de natureza [-N, +PRED], o qual é satisfeito somente por meio da elevação do IP para Spec-AuxP. Nesta linha de raciocínio, as exigências

---

<sup>1</sup> Construções transitivas com auxiliares.

morfossintáticas impostas por este traço explicam a razão por que o auxiliar é linearizado após o verbo e seus argumentos, e não antes, resultando na ordem [[VSO]Aux]].

Mostramos ainda que a verificação dos traços- $\phi$  do verbo lexical e do verbo auxiliar ocorre em diferentes momentos, durante a computação sintática. Os traços- $\phi$  do verbo lexical são verificados no ponto da computação sintática em que o verbo é elevado para núcleo de AgrSP. Já os traços- $\phi$  dos auxiliares acontecem no momento em que o TP/AgrSP é movido para Spec-AuxP.

Seguindo o mesmo raciocínio para derivar a posição sintática do auxiliar nas CTAs, mostramos que ordem [[[[[OV] pə/mehe] Aux]], ocorrente nas sentenças encaixadas, é derivada por meio da elevação sucessiva do IP, primeiro para Spec-AuxP, depois para Spec-ForceP. Propusemos que Force<sup>o</sup> e Aux<sup>o</sup> são dois núcleos funcionais que partilham o traço ininterpretável [+PRED], o qual é satisfeito quando da elevação de uma categoria XP (= IP), marcada pelos traços [-N, +PRED]. Nessas construções, o VP não é elevado junto com o IP, permanecendo in situ. Uma possível razão pela qual o VP não é carregado para Spec-AuxP ou para Spec-ForceP, no momento em que o IP é elevado, pode estar relacionado a fatores de economia derivacional. Nesse sentido, apenas a topicalização/extraposição do IP é suficiente para verificar o traço [+PRED] ininterpretável dos núcleos Aux<sup>o</sup> e Force<sup>o</sup>, uma vez que somente esta categoria, e não o VP, traz o verbo. Este último é o que disponibiliza o

traço interpretável [PRED] necessário para apagar o traço [PRED] do auxiliar e de Force<sup>0</sup> e para permitir que a sentença convirja. Portanto, quando o VP vem separado da categoria IP que o c-seleciona, ocorre o embaralhamento (scrambling) na ordem dos constituintes.

Propusemos ainda que o verbo perfaz movimento longo para o subsistema ForceP/FinP nas orações VSO independentes. Este movimento não acontece quando há um complementizador preenchendo o núcleo de ForceP ou quando existem elementos topicalizados e focalizados. Neste último caso, aventamos a hipótese de que o verbo não se move para núcleo de TopP nem para núcleo de FocP devido ao fato de apenas o preenchimento de Spec-TopP/FocP ser suficiente para satisfazer ao critério A-barras e para fornecer a informação sobre o importe [+DECLARATIVO, +FOCAL, +TÓPICO] da sentença.

Uma questão que tem sido tema de debate, no âmbito dos estudos minimalistas que focalizam a sintaxe das línguas VSO, é saber se essas línguas partilham fenômenos gramaticais que sejam comuns a todas elas, conforme Tallerman (2001):

*“around 12% of the world’s languages are verb-initial in their unmarked surface order, meaning that they have VSO order, VOS order, or an order that is either indeterminately VSO/VOS, or else a mixture of the two. The existence of such languages has long been a challenge to generative theories of syntax, posing such questions as how these word orders should be derived, what features are shared with the far more common subject-initial languages, and whether there are any typical verb-initial characteristics apart from verb placement.”*

Nesta linha de investigação, pudemos verificar que o Tembé partilha traços gramaticais de outras línguas VSO. Por exemplo, a estrutura do IP expandido no Tembé, com o TP dominando AgrSP, é também uma propriedade que caracteriza duas outras línguas VSO: o Árabe (cf: Ouhalla, 1994) e o Irlandês moderno (cf: McCloskey, 2000). A diferença, entretanto, é que o verbo, em Tembé, pode ser deslocado adicionalmente para núcleo do subsistema ForceP/FinP, diferentemente do que acontece no Irlandês moderno e no Árabe, mas idêntico ao que se observa, por exemplo, no Irlandês antigo (cf: Carnie, 2000),

Além de partilhar a estrutura do IP com o Irlandês e o Árabe, observamos que o Tembé apresenta o traço [+PRED], ocorrente no Niuean, que também é uma língua VSO. Nessa língua, assim como nas categorias AuxP e ForceP do Tembé, o IP carrega um traço ininterpretável de natureza [-N, +PRED], o qual provoca deslocamento de uma categoria XP [-N, +PRED] para seu Spec. É o que se vê no seguinte dado, retirado de Massam (2000:109):

(2a) *kua hele aki tuai e Sione e falaoa e titipe haana*  
 PERF cut with PERF ERG Sione ABS bread ABS knife his  
 “Sione has cut the bread with his knife”.

Na sentença acima, a autora propõe que ocorre o movimento residual do VP (remnant VP movement) para Spec-IP, para satisfazer ao traço [+PRED]. Segundo Massam (ibid:110), a evidência de que o VP foi elevado para Spec-IP está relacionado com o fato de o núcleo do IP ser preenchido pela partícula perfectiva

*tuai*. Outra evidência vem do fato de que a preposição *aki* “with” mantém conexão com o complemento oblíquo [*e titipe haana* “sua faca”], o qual ocorre em adjunção ao VP, de modo que (2a) possui a configuração sintática em (2b):

(2b) [<sub>CP</sub> kua [<sub>IP</sub> [<sub>VP</sub> t<sub>k</sub> [<sub>V</sub> hele t<sub>i</sub> [<sub>i</sub> aki]]]]<sub>j</sub> [<sub>I</sub> tuai [<sub>ErgP</sub> e Sione<sub>k</sub> [<sub>AbsP</sub> e falaoa<sub>i</sub> [<sub>VP</sub> [<sub>PP</sub> e titipe haana] [<sub>VP</sub> t<sub>j</sub>]]]]]]]]

Note que o sintagma oblíquo [*e titipe haana*], embora ocorra em adjunção ao VP, não é carregado junto com ele para Spec-IP. Massam (2000) justifica esse tipo de movimento em função de o IP possuir o traço ininterpretável [PRED], que é satisfeito quando da elevação do VP para Spec-IP.

Em síntese, o fato de o Tembé apresentar traços sintáticos que estão também presentes em outras línguas VSO indica que, possivelmente, estas línguas disponibilizam um mecanismo derivacional que é comum entre elas, mas que é diferente do das línguas SVO, o que pode ser o reflexo das diferentes maneiras que as opções da GU são selecionadas entre as línguas.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BAKER, M. *Incorporation: A Theory of grammatical function changing*. Chicago: University of Chicago Press, 1988
- BELLETTI, A. *Generalized verb movement*. Turin: Rosenberg and Sellier, 1990.
- BENDOR-SAMUEL, D. *Hierarchical structures in Guajajara*. Norman: Summer Institute of Linguistics, University of Oklahoma, 1972.
- BENINCÀ, P. The position of topic and focus in the left periphery. In: Cinque, G.; Salvi, G. (Ed). *Current studies in italian syntax*. North Holand, 2001, p. 39-64.
- BOBALJIK, J.; JONAS, D. Subject positions and the roles of TP. *Linguistic Inquiry*, MIT, v. 27, n. 2, p. 195-236, 1996.
- BOUDIN, M. H. *Dicionário de Tupi moderno*. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente, 1966.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário de Tupi moderno*. São Paulo, Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 2 v., 1978.
- CABRAL, A. S. A. da C. *Particules épistémiques de la famille linguistique Tupi-Guarani*. Belém, UFPA, 2002, ms.
- CARNIE, A. *Non-verbal predication and head movement*. MIT, 1995, Ph.D. Dissertation, MA.
- CARNIE, A; HARLEY, H.; PYATT, E. *VSO Order as raising out of IP? Some evidence from Old Irish*. In: Carnie, A.; Guilfoyle, E. (Ed.). *The syntax of verb initial languages*. Oxford: OUP, 2000, p. 39-60.
- CARVALHO, M. G. P. de. *Sinais de morte ou de vitalidade? Mudanças estruturais na língua Tembé: Contribuição ao estudo dos efeitos de contato lingüístico na Amazônia Oriental*. Belém, 2001, Dissertação de Mestrado, UFPA.
- CHOMSKY, N. *The minimalist program*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- \_\_\_\_\_. The minimalist inquiries: The Framework. *MIT Occasional Papers*, Cambridge, v. 15, 1998..
- \_\_\_\_\_. Derivation by phase. *MIT Occasional Papers*, Cambridge, 1999.

- COELHO, E. M. B. *Levantamento da situação das áreas indígenas no Maranhão: relatório de pesquisa*. São Luís: Editora da Universidade Federal do Maranhão, 1987.
- COLLINS, C. *Local economy*. Massachusetts: MIT Press, 1997
- COMRIE, B. *Language universals and linguistic typology: syntax and morphology*. Chicago: University of Chicago Press, 1981.
- DAMASO VIEIRA, M. M. *Aspectos gramaticais da língua Guarani: dialeto Mbyá*. Rio de Janeiro: PUCRIO, Comunicação proferida no IV Instituto de Estudos da Linguagem, 2000, ms.
- DINIZ, E. S. *Os Tenetehara-Guajajara e a sociedade nacional: flexibilidade cultural e persistência étnica*. Belém: Editora Universitária, Universidade Federal do Pará/CNPq, 1994.
- DIXON, R. M. W. Ergativity. *Language*, n. 55, p. 59-138, 1979.
- DORON, E. VSO and left-conjunct agreement: Biblical Hebrew vs. Modern Hebrew. In: Carnie, A.; Guilfoyle, E. (Ed.). *The syntax of verb initial languages*. Oxford: OUP, 2000, p. 75-96
- DUARTE, F. B. *Análise gramatical das orações da língua Tembé*. Brasília, 1997, 95 f.,. Dissertação de mestrado, Instituto de Letras/LIV, UnB.
- \_\_\_\_\_. Ordem dos Constituintes na Língua Tembé. *Revista da Universidade Católica de Brasília*, Brasília, v. 6, n.1, p. 71-80, 1998.
- \_\_\_\_\_. Movimento de constituintes na língua Tembé. *Revista Veredas*, Juiz de Fora, 2001.
- \_\_\_\_\_. Construções de gerúndio na língua Tembé. *Revista LIAMES*, Campinas: UNICAMP, v. 1, n. 1, p. 77-90, 2002.
- \_\_\_\_\_. Negação frásica na língua Tembé. *Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*, Belém: UFPA, tomo I, 2002.
- EIRÓ, J. G. *Contribuições à análise fonológica da língua Tembé*. Belém, 2001, Dissertação de Mestrado, UFPA.

- EMONDS, J. Word order in generative grammar. *Journal of Linguistic Research*, v.1, p. 33-54, 1980.
- EMONDS, J. *A unified theory of syntactic categories*. Dordrecht: Foris, 1985.
- GALUCIO, A. V. O prefixo i- em Tupi: morfema antipassivo vs marcador pronominal incorporado. *Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*, Belém: UFPA, tomo I, p. 274-287, 2002.
- GELDEREN, E. V. *Syntactic theory: functional categories and features in a chomskian framework*. Arizona State University, 1999, ms.
- GOMES, M. P. *O índio na história: o povo Tenetehara em busca da liberdade*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- GREENBERG, J. H. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: \_\_\_\_\_. *Universals of language*. Cambridge: MIT Press, 1963.
- GUILFOYLE, E. Tense and N-feature in Irish. In: Carnie, A.; Guilfoyle, E. (Ed.). *The syntax of verb initial languages*. Oxford: OUP, 2000, p. 61-74.
- HAEGEMAN, L. Elements of grammar. In: \_\_\_\_\_. *Handbook of generative syntax*. New York: Kluwer/Dordrecht, 1997.
- \_\_\_\_\_. Verb movement in embedded clauses in West Flemish. *Linguistic Inquiry*. Massachusetts: MIT Press, v. 29, n. 4, p. 631-656, 1998
- \_\_\_\_\_. Remnant movement and OV order. In: Svenonious, P. (Ed.). *The derivation of VO and OV*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2000, p.69-96.
- HARRISON, C. Verb prominence, verb initialness, ergativity and typological disharmony in Guajajara. In: Derbyshire and Pullum (Ed.). *Handbook of amazonian languages*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986, v. 1, p. 407-439.
- HENDRICK, R. Celtic initials. In: Carnie, A.; Guilfoyle, E. (Ed.). *The syntax of verb initial languages*. Oxford: OUP, 2000, p. 13-38.
- HOLMBERG, A. *Word order and syntactic features in Scandinavian Languages and English*. Stockolm, 1986. Doctoral Dissertation, University of Stockolm.

- \_\_\_\_\_. Deriving OV Order in Finnish. In: Svenonius, P. (Ed.). *The derivation of VO and OV*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2000, p.123-152.
- \_\_\_\_\_. *Remarks on Holmberg's generalization*. University of Tromsø, 2002, (ms).
- HURLEY, J. *Nos Sertões do Gurupi*. Belém, 1928.
- \_\_\_\_\_. Vocabulário Tupi-Português falado pelos Tembé dos Rios Gurupi e Guamá do Pará. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, v. 17, p. 323:51, pte. 1, 1931.
- JENSEN, C. Cross-referencing changes in some Tupi-Guarani languages. In: Payne, D. L. (Ed.). *Amazonian linguistics: Studies in Lowland South American Languages*. Austin: University of Texas Press, 1990.
- KAYNE, R. S. *The antisymmetry of syntax*. Cambridge: MIT Press, 1994.
- LEE, F. VP remnant movement and VSO in Quiavini Zapotec. In: Carnie, A.; Guilfoyle, E. (Ed.). *The syntax of verb initial languages*. Oxford: OUP, 2000, p. 143-162.
- MAIA, et al. Comparação de aspectos de gramática em línguas indígenas brasileiras. *Revista Delta*, São Paulo, PUC/SP, p:340-375, 1998.
- \_\_\_\_\_. Estrutura da oração em línguas indígenas brasileiras. *Revista Delta*, São Paulo, PUC/SP, p.1-26, 1999
- MAIA, M. Construções do tipo QU em Karajá. *Revista Veredas*, Juiz de Fora, UFJF, 2001.
- MARANTZ, A. *On the nature of grammatical relations*. Cambridge: MIT Press, 1984.
- MCCLOSKEY, J. Subjecthood and subject positions. In: Haegeman, L. (Ed.). *Handbook of generative syntax*. Kluwer: Dordrecht, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Irish, the EPP and PRO*. 2000, ms.
- MASSAM, D. VSO and VOS: aspects of Niuean word order. In: Carnie, A.; Guilfoyle, E. (Ed.). *The syntax of verb initial languages*. Oxford: OUP, 2000, p. 97-116.
- MIOTO, C. Sobre o sistema CP no português brasileiro. *Revista Letras*, Curitiba: Editora da UFPR, n. 56, p. 97-140, 2001.

- MÜLLER, G. *Incomplete category fronting*, Tübingen, 1996, Habilitation Thesis.
- NUNES, J. Linearization of chains and phonetic realization of chain links. In: *Working minimalism*. Cambridge/Massachusetts: MIT Press, 1999.
- OUHALLA, J. Verb movement and word order in Arabic. In: Lightfoot, D.; Hornstein, N., *Verb movement*. Cambridge: CUP, 1994.
- POLLOCK, J. Y. Verb movement, universal grammar, and the structure of IP. *Linguistic Inquiry*, MIT, p. 365-424, 1989.
- PUSKAS, G. Focus and the CP domain. In: Haegeman, L. (Ed.). *The new comparative syntax*. London: Longman. 1997.
- RAPOSO, E. P. *O Programa minimalista – Noam Chomsky*. Portugal, Lisboa: Editorial Caminho, 1999.
- RACKOWSKI, A.; TRAVIS, L. V-initial languages: X or XP movement and adverbial placement. In: Carnie, A.; Guilfoyle, E. (Ed.). *The syntax of verb initial languages*. Oxford: OUP, 2000, p. 117-142.
- RICARDO, C. A. Povos indígenas no Brasil. São Paulo: CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação), 1985.
- RICE, F. J. D. O idioma Tembé (Tupi-Guarany). *Journal de la Société des Américanistes*, Paris, n. 26, p. 109-180, 1934.
- Rizzi, L. *Relativized minimality*. Cambridge: MIT Press, 1990.
- \_\_\_\_\_. A parametric approach to comparative syntax: properties of the pronominal system. In: Haegeman, L. *The new comparative syntax*. London: Longman, 1997
- \_\_\_\_\_. The fine structure of the left periphery. In: Haegeman, L. (Ed.). *Handbook of generative syntax*. Kluwer: Dordrecht, 1997.
- RODRIGUES, A. D. Morfologia do Verbo Tupi. *Letras*, Curitiba, n. 1, p. 121-152, 1953.
- \_\_\_\_\_. *Estrutura do Tupinambá*. Brasília, UnB, 1981, ms.

- \_\_\_\_\_. Relações Internas na Família Lingüística Tupí-Guaraní. *Revista de Antropologia*, São Paulo, n. 27/28, p.33-53, 1984/1985.
- \_\_\_\_\_. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. Rio de Janeiro, Ed. Loyola, 1986.
- \_\_\_\_\_. Argumento e predicado em Tupinambá. In: *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*, n. 19, p. 57-70, 1996.
- \_\_\_\_\_. Sobre a natureza do caso argumentativo. In: Queixalós, F. (Ed.). *Des noms et des verbs em Tupi-Guarani, état de la question*. Caiena: IRD e CNRS, 2000, p. 63-74, 2000.
- \_\_\_\_\_. Alguns problemas em torno da categoria lexical verbo em Línguas Tupi-Guarani. In: *Estudos sobre Línguas Indígenas*. Belém: UFPA/GTLI, p. 87-100, 2001.
- ROBERTS, I. *Verbs and diachronic Syntax*. Kluwer: Dordrecht, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Comparative Syntax*. London: Arnold, 1997.
- SANTORINI, B. Some similarities and differences between Icelandic and Yiddish. In: Lightfoot, D.; Hornstein, N. (Ed.). *Verb movement*. Cambridge, CUP. 1994
- SEKI, L. Kamaiurá (Tupí-Guarani) as an Active-Stative Language. In: Payne, D.L. (Ed.). *Amazonian linguistics: studies in lowland south american languages*. Austin: University of Texas Press, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas: Editora da UNICAMP e Imprensa Oficial de São Paulo, 2000.
- SHLONSKY, U. Quantifiers as functional heads: a study of quantifier float in Hebrew. *Lingua*, North-Holland, n. 84, p. 159-189, 1991.
- SHOPEN, T. *Language Typology and Syntactic Description*. Cambridge: CUP, 3 v., 1986.
- SNETHLAGE, D<sup>R</sup> EMIL HEINRICH *Worte und texte der Tembé-Indianer*. Universidad Nacional de Tucumán, 1932.
- SPORTICHE, D. A theory of floating quantifier and its corollaries for constituent structure. *Linguistic Inquiry*, n. 19, p. 425-49, 1988.

SVENONIOUS, P. Introduction. \_\_\_\_\_. *The derivation of VO and OV*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2000, p.1-27.

TALLERMAN, M. *The syntax of verbal-initial languages*. 2001, ms.

VIKNER, S. Finite verb movement in scandinavian embedded causes. In: Lightfoot, D.; Hornstein, N. *Verb movement*. Cambridge: CUP, 1994.

WAGLEY, C.; GALVÃO, E. *Os Índios Tenetehara: uma cultura em transição*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955.

Zanuttini, R. *Negation and clausal structure: a comparative study of romance languages*. Georgetown University, 1996.

\_\_\_\_\_. Negation and verb movement. In: Haegeman, L. (Ed.) *The new comparative syntax*. London: Longman, 1997.

ZWART, JAN-WOUTER *Dutch syntax: a minimalist approach*. Groningen, 1993, PhD dissertation, University of Groningen.

\_\_\_\_\_. *Morphosyntax of verb movement: a minimalist approach to the syntax of Dutch*. Dordrecht: Kluwer. 1996

\_\_\_\_\_. The Germanic SOV languages and the universal base hypothesis. In: Haegeman, L. (Ed.). *The new comparative syntax*. London: Longman, 1997.

\_\_\_\_\_. *Transitive expletive constructions and the evidence supporting the multiple specifier hypothesis*. University of Groningen, 1998, ms.

## ANEXO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O POVO E A LÍNGUA

---

Os índios Tembé constituíam uma grande nação tupi-guarani que habitava os rios Pindaré e Caru, no Estado do Maranhão. Segundo registro de cronistas e colonizadores nos séculos XVII e XVIII, o território original dos Tenetehara (Tembé e Guajajara) deve ter sido a região do vale do rio Pindaré. A primeira expedição de que se tem notícia foi realizada em 1615 provavelmente por jesuítas franceses que entraram em contato com índios tenetehara que habitavam a região que compreende a cabeceira do rio Pindaré.

Por volta de 1850, parte dos Tenetehara proveniente do Pindaré migrou dos rios Pindaré e Carú para oeste, até atingir a região dos rios Gurupi, Capim e Guamá (cf.: Hurley, 1928). Estes passaram mais tarde a ser conhecidos por Tembé, nome dado pelos regionais com os quais passaram a ter contato. Este fluxo migratório pode ser observado no Mapa 1: *Povos Indígenas e Expansão Tenetehara, Séculos XVII e XIX*, na página 5.

A partir do século XIX, os Tembé do Gurupi foram alvo da política de aldeamentos das Diretorias Parciais criadas pelo regimento de 1845. Estas, na verdade, aumentavam a sujeição dos índios aos colonizadores e concentravam a população indígena numa mesma área de tal forma que, neste período, ocorreu uma situação propícia à proliferação de epidemias, causando em muitos casos extensa diminuição da população indígena. Além disto, estes aldeamentos abriram caminho



para a invasão de colonos e posseiros na região. O resultado foi a diminuição do território e da população originais. No início do século XIX, calculava-se que os Tembé eram, dentre os povos da região do Gurupi, uma das tribos mais numerosas, pois perfaziam um total de 1500 famílias.

Em 1861, foram registrados, no Alto Gurupi, cerca de 16 aldeamentos com vários índios Tembé ainda em completo estado de isolamento. Dez anos depois, no ano de 1871, a missão de Nossa Senhora de Assunção reuniu entre 500 a 600 índios Tembé e Turiwara, nos rios Acará, Acará-miri e Capim. Em 1875, o pesquisador Gustavo Dodt (1939) avaliou uma população de cerca de 9.000 Tembé, 6000 habitando as margens do rio Gurupi, no Estado do Pará, e mais de 1500 famílias espalhadas do rio Pindaré ao Capim, no Estado do Maranhão.

Neste século, por volta de 1911, o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) instalou-se na confluência do rio Jararaca com o rio Gurupi, criando o posto Felipe Camarão. A partir de então, os Tembé que habitavam as cabeceiras do rio Gurupi deslocaram-se para as proximidades do posto, erguendo novas aldeias e ajudando como intermediários no trabalho de atração dos índios Ka?apor. Todavia, esse posto foi extinto em decorrência da falta de recursos na época.

Em 1927 e 1929, o SPI estabeleceu outro posto, na ilha de Canindé-Assú, com o nome de Pedro Dantas. Ele serviu de ponto de apoio para a atração e integração dos índios Ka?apor nesta época, já que estava situado numa região estratégica, próximo

ao local onde os Ka?apor faziam a travessia da margem paraense à margem maranhense.

Em 1945, foi criada a Reserva Indígena do Alto do Rio Guamá com cerca de 278.000 ha, no nordeste do Estado do Pará, entre a margem direita do Guamá e a esquerda do Gurupi, limite dos estados do Pará e Maranhão. Este território foi reservado aos índios Tembé, Timbira, Ka?apor e Guajá. Com a criação da reserva, os Tembé da Aldeia Velha são obrigados a deixar os territórios da margem esquerda do curso do Rio Guamá e irem para a fronteira da reserva Alto Rio Guamá. Criou-se, então, a aldeia Igarapé das Pedras, na margem direita do Rio Gurupi, Estado do Maranhão. Estes índios são considerados os autênticos Tembé, por manterem a língua como veículo diário de comunicação, as festas e os rituais cerimoniais.

Atualmente, não há notícias da existência de Tembé no rio Surubiju. No rio Uraim, sabe-se que existem famílias Tembé convivendo com populações de não-índios provenientes de outras regiões. Na região do rio Guamá, os Tembé distribuem-se em três aldeias, assistidas pelo P.I. Canindé, sob a jurisdição da 6ª Diretoria Regional.

Os Tembé que habitam a região Acará-Mirim, no município de Tomé-Açu, são remanescentes do grupo do rio Acará-Mirim. Em 1911, este grupo era formado por 106 indivíduos. Atualmente estão reduzidos a 18 elementos (sendo 8 Tembé e 10

não-índios), em consequência da invasão de seu território por indústrias madeireiras, colonos e fazendeiros que ocuparam a região no decorrer deste século.

As aldeias Tembé se dividem em dois blocos dentro da reserva indígena denominada Alto Rio Guamá a sudeste do estado do Pará. O primeiro situa-se na margem direita do rio Guamá e o segundo na margem do rio Gurupi, fronteira com o estado do Maranhão e Pará.

Segundo fontes publicadas pelo CEDI (1985), em 1983, os Tembé do Rio Gurupi viviam em quatro aldeias assim dispostas: subindo o rio, na margem paraense a aldeia Banha (4 casas) e a aldeia do P. I. Canindé (17 casas); na margem maranhense, a aldeia Igarapé das Pedras (9 casas) e cajueiro (uma casa). A situação atual, entretanto, está um pouco alterada, visto que duas outras aldeias foram criadas recentemente na margem direita do rio Gurupi, estado do Pará. As aldeias são Rabo de Mycura e Pedra de Amolar, esta última formada por índios Tembé do Rio Guamá que imigraram para o Gurupi. Além destas, há ainda a aldeia Nova (*Tekohaw pyahu*), antiga aldeia Igarapé das Pedras que passou para a margem paraense, duplicando em número de casas e de população. Nela, encontra-se grande parte dos Tembé que ainda mantêm a língua, a cultura e os ritos cerimoniais, como, por exemplo, a festa da moça, a qual é também conhecida como a *festa do moqueado*. Caracteriza-se pela celebração do momento de transição para a condição de adulto das meninas com a idade entre 13 e 15 anos. Conforme Diniz (1994:44-45), essa festa é celebrada “com

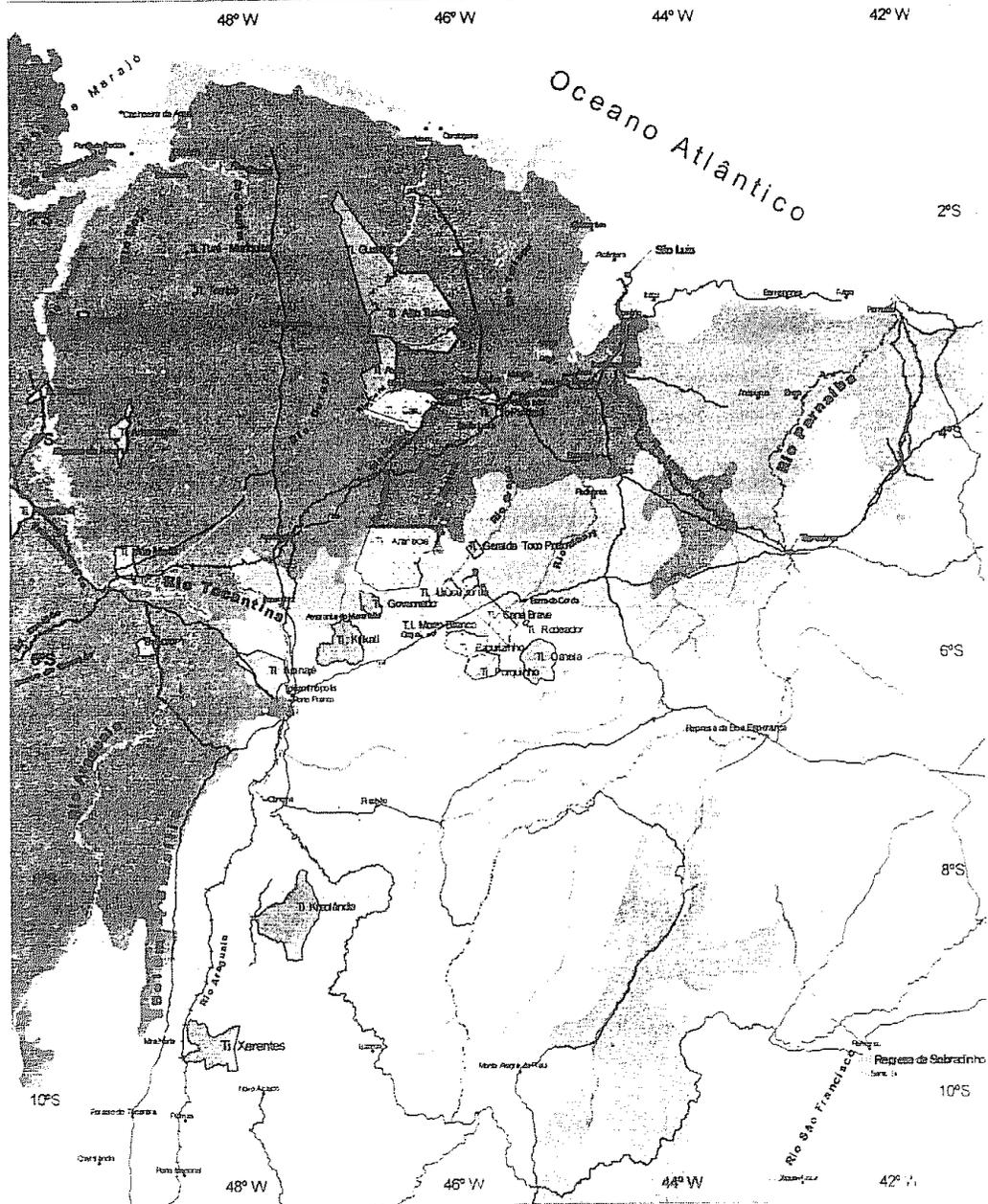
danças, canções e atividades xamanísticas, além de uma refeição formal (...). Logo após os ritos da puberdade é comum as meninas se casarem. E se já tiverem maridos, a cerimônia marca o início formal do casamento”.

Vivem, atualmente, nesta aldeia três famílias de índios Mundurucu transferidos pela FUNAI. Observou-se ainda que a aldeia do Posto Indígena Canindé tem sofrido reduções no número de casas, devido ao deslocamento de várias famílias para a aldeia Nova.

Os Tembé do Rio Guamá, por sua vez, viviam nesta mesma época, ano de 1983, em cinco aldeias assim distribuídas: a aldeia Pitomba, com 3 casas, a aldeia do Posto, sede do P. I. Guamá, com 16 casas, a aldeia São Pedro Velho, com 9, a aldeia Frasqueira, com 6, e a aldeia Tawari, com 7 casas. No entanto, por termos visitado somente os Tembé do Rio Gurupi, não podemos confirmar se a distribuição atual das aldeias dos Tembé do Rio Guamá ainda corresponde às dos dados apresentados pelo CEDI em 1985. No Mapa da página 188, temos a indicação completa das terras indígenas dos Tenetehara no Pará e Maranhão, segundo fontes do IBGE, 1998, retirado de Gomes (2002:31).

A situação atual é marcada pela intensificação dos conflitos entre os colonizadores (colonos, fazendeiros, caçadores e posseiros) e os índios da região. Apesar da delimitação da reserva, oficializada em sete de janeiro de 1985 pela FUNAI, os grupos que nela vivem têm convivido com uma situação constante de

conflitos provocada pelo desrespeito aos limites da reserva estabelecidos pela lei. Por isso, diante desta situação, os índios, por se sentirem ameaçados, se vêem obrigados a se armar e resistir por conta própria às constantes invasões das suas terras. Colabora, para aumentar ainda mais os conflitos, a ineficácia dos organismos governamentais na resolução dos problemas. Apesar de constantes denúncias das lideranças indígenas, a FUNAI, o IBAMA e as polícias estadual e federal conseguem fazer muito pouco para reverter o quadro atual.



**Mapa 1**  
**Terras Indígenas dos Tenetejara no Pará e Maranhão**

- |                               |                                       |
|-------------------------------|---------------------------------------|
| Terra Indígena Alto Guamã     | Terra Indígena Bacurizinho            |
| Terra Indígena Tembê          | Terra Indígena Morro Branco           |
| Terra Indígena Turé-Marequita | Terra Indígena Cana Brava - Guajajara |
| Terra Indígena Pindaré        | Terra Indígena Lagoa Comprida         |
| Terra Indígena Caru           | Terra Indígena Urucu - Juruá          |
| Terra Indígena Araribóia      |                                       |

- Cidades
- Rodovias
- Ferrovias
- Rios
- Tenetejara
- ▨ Outras Terras Indígenas
- Zona Ecológica
- Caatinga
- Vegetação Cerrado
- Floresta de Transição
- Cerrado
- Floresta Amazônica



100 : 100 Km

## O TRONCO TUPI E A FAMÍLIA LINGÜÍSTICA TUPI-GUARANI

Dentre as cerca de 180 línguas indígenas brasileiras, umas são mais semelhantes entre si do que outras, revelando origens comuns e processos de diversificação ocorridos ao longo do tempo. No universo das línguas indígenas brasileiras, reconhece-se a existência de dois grandes *troncos* – o Tupi e o Macro-Jê - e 19 *famílias* lingüísticas que não apresentam taxas de semelhanças suficientes para que possam ser agrupadas em troncos. Há, também, famílias de apenas uma língua, às vezes denominadas “línguas isoladas”, por não se revelarem parecidas com nenhuma outra língua conhecida. Consoante Rodrigues (1984/1985:35), a família Tupi-Guarani pertence ao tronco Tupi e é constituída pelas seguintes línguas:

### LÍNGUAS DA FAMÍLIA TUPI-GUARANI

Amanayé, Anambé, Apiaká, Araweté, Assurini do Tocantis (Akuáwa), Assurini do Xingu, Avá (Canoeiro), Chiriguano (Ava), Emérillon, Guajá, Guajajara, Guarani Antigo Paraguaio, Guarayo, Guayakí, Hora, Izoceño, Kaiwá, Kamayurá, Kayab´, kokáma, Kokamíya, Língua Geral Amazônica (Nheengatu), Língua geral Paulista (Tupi Austral), Mbyá Guarani, Ñandéva, Omágua, Parakanã, Parintintin, Sirionó, Suruí, Takunyapé, Tapieté, Tapirapé, Tembé, Tupi-Kawahíb, Tupinambá, Urubu, Wayampí, Xetá.

Segundo Rodrigues (ibid), desse conjunto de línguas distinguem-se oito subconjuntos. Essa subclassificação levou em consideração essencialmente propriedades fonológicas que as línguas compartilham entre si. Ao todo, Rodrigues (ibid) propõe oito subconjuntos. A língua Tembé pertence ao subconjunto IV e

compartilha traços fonológicos e de estrutura com o Tapirapé, o Avá-Canoeiro, o Assurini do Tocantins (Akuáwa), o Suruí do Tocantins (Mujetire), o Parakanã e o Guajajara. Consoante Rodrigues (ibid), essas línguas partilham principalmente as seguintes características em relação ao Proto-Tupi-Guarani, doravante PTG:

- (a) conservação das consoantes finais, com ou sem modificações;
- (b) fusão de \*tx e \*ts, ambos mudados em h;
- (c) mudança de \*pw em kw;
- (d) mudança de \*pj em tx ou ts;
- (e) mudança de \*j em tx, ts, s ou z

Exemplos:

|          |       |             |
|----------|-------|-------------|
| PTG      | *okér | “ele dorme” |
| Tembé    | okér  |             |
| Assurini | óken  |             |
| Parakanã | oken  |             |

|          |             |       |
|----------|-------------|-------|
| PTG      | *jatxý      | “lua” |
| Tembé    | dahý ~ zahý |       |
| Assurini | txahýa      |       |
| Parakanã | txaýa       |       |
| Tapirapé | txãhý       |       |

Neste subconjunto, o Tapirapé e o Assurini do Tocantins se aproximam muito por reunirem, além dos traços fonológicos mencionados acima, traços gramaticais. Já o Tembé e o Guajajara são praticamente variantes dialetais de uma mesma língua, de tal maneira que os índios Tembé e Guajajara se consideram um só povo, autodenominando-se de Tenetehara, o que significa “a gente, os índios em geral”.

Dentre os traços gramaticais partilhados pelo Temb  e Guajajara, valem destacar os seguintes:

(i) ORDEM VSO EM ORAÇÕES PRINCIPAIS

TEMB 

- (1) *o-ʔok*      *he*      *r-imiriko*      *t p ʔak*      *kur *  
 3-tirar      minha C-esposa      tapioca      então  
 “Minha esposa tirou tapioca então.”

GUAJAJARA [cf: Harrison, 1986:408]

- (2) *u-mun k*      *t-az r*      *i-pet m*       $\emptyset$ -*heraha*      *i-zupe*      *aʔe*  
 3-lit      3-daughter      3-tobacco      3-taking      3-to      3  
 “His daughter lit his cigar and (took it) to him”.

(ii) OCORRÊNCIA DA ORDEM V-AUXILIAR, COM O AUXILIAR FLEXIONADO

TEMB 

- (3) *u-kaʔa-petek*      *teko*      *ko*      *o-ho*      *kur *  
 3-mato-cortar      a gente      roça      3-ir      então  
 “A gente vai cortar a roça então”.

GUAJAJARA [cf: BENDOR-SAMUEL, 1972:146]

- (4) *u- hem-ze*      *o-ho*      *pepe*  
 3-arrive-they say      3-go      there  
 “The say that he arrived there”.

O primeiro vocabulário de que se tem notícias foi elaborado por Nimuendajú em 1914. Outros que trabalharam com o povo Temb , coletando dados sobre a língua, foram Hurley (1931), Rice (1934:109-180) e Boudin (1966). Este último conviveu por um longo período entre os Temb  do gurupi, o que resultou numa pesquisa ling stica mais detalhada com a publica o de um dicionário em dois

volumes Temb -Português e Português-Temb . A situa o ling stica dos índios do Gurup , entretanto,   de bilingüismo em decorrência do contato com a sociedade nacional que os forçaram usar a língua portuguesa como segunda língua. Das seis aldeias atuais, apenas uma preserva a língua como veículo diário de comunica o, nas outras quatro, com exce o dos mais velhos, a maioria da popula o utiliza a língua Portuguesa. Por isso, tem havido grande esforço por parte das lideranças indígenas locais no sentido de ajudar no trabalho de revitaliza o da língua. Algumas iniciativas neste sentido têm sido tomadas recentemente com a forma o de professores indígenas para o trabalho de alfabetiza o tanto de adultos quanto de crianças e com o envio de índios mais velhos para outras aldeias para ensinar os mais jovens.

Conforme dados do CEDI, verificou-se que a língua Temb  está se “entremeando” com a língua Ka’apor, de forma que os índios do Gurupi têm vivido uma situa o de multiling ismo; muitos falam a língua nativa, o português e o Ka’apor. Segundo dados da FUNAI, seis índios que trabalharam em frentes de traço falam o Asurin  e o Parakanã.